

NESTOR VICTOR

A H O R A

Os Desplantados

DE MAURICE BARRÉS

O Cyrano de Bergerac

DE EDMOND ROSTAND

H. Ibsen

Pode se dar que o navis soffre
Mas é um prazer navegar-se assim.

H. IBSEN

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73
RIO DE JANEIRO

1901

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

**le ne fay rien
sans
Gayeté**

(Montaigne, Des livres)

**Ex Libris
José Mindlin**

A HORA

OBRAS DO MESMO AUTOR

Signos (livro de contos .

Cruz e Souza (monographia).

A Cruz e Souza (versos).

Amigos (romance).

A Hora (critica).

NESTOR VICTOR

A H O R A

Os Desplantados

DE MAURICE BARRÈS

O Cyrano de Bergerac

DE EDMOND ROSTAND

H. Ibsen

Póde-se dar que o navio sossobre,
Mas é um prazer o navegar-se assim.
H. IBSEN.

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

OS DESPLANTADOS

OS DESPLANTADOS

de Maurice Barrès

I

UM livro curioso, *Os Desplantados* (« Les Déracinés »), de Maurice Barrès, publicado este anno em Pariz.

E' o romance de sete rapazes francezes, lorenos, filhos da fronteira, portanto, mas *desplantados* da provincia, que procuram adaptar-se ao sólo de Pariz.

Eram ainda esses moços uns adolescentes que terminavam seus estudos preparatorios no lyceu de Nancy, sob a atmospherá modorrenta da provincia, quando a insolita passagem de um homem determinou-lhes no espirito uma tal revolução, que os pôz em vertigem, deslocou-os do meio em que tinham vivido tranquillós até essa idade, dando com elles finalmente no redomoinho da estranha capital do mundo.

Foi essa a de um professor de philosophia, Paul

Bouteiller, que levava a missão de adaptar o ensino á Republica, creando o enthusiasmo entre os collegiaes e exercendo inexoravel inspecção politica sobre os homens que constituiam aquella machina de fazer lettrados.

Paul Bouteiller chegára de pouco, e seu aspecto, o metal da sua voz, suas palavras, excediam o que qualquer d'aquellas rapazes pudesse ter imaginado de mais nobre e de mais imperioso. Uma effervescencia estranha agitava aquelles cerebros, e produzia-se movimento quasi insurreccional, que enchia o recreio, a sala de estudo, o refeitório, o dormitório mesmo. Para pôl-os a ridiculo, os rapazes comparavam a este grande homem os outros collegas d'elle e o pessoal da administração.

A tenras intelligencias que até ali haviam remoido uns rudimentos quaesquer, dava-se assim de improviso o mais vigoroso dos estimulantes : as idéas de seu tempo, estas mesmas que circulam agora na sociedade, nas *coteries* e nas ruas, e que andam a fazer os heróes, os loucos, os criminosos que nos são contemporaneos. Talvez com o tempo ellas deixem de ser tão seductoras a estas almas, que a experiencia esclarecerá certamente ; até então, porém, em outubro de 1879, elles não tinham conhecido nem a vida nem a morte, esses lentos filhos de provincia, mas apenas um estado em que o sonho sobre o eu ainda não existe, e que é uma especie de morte ani-

mada, fazendo lembrar umas grandes creanças enleadas em faixas.

Paul Bouteiller, no primeiro dia de aula, sentou-se á cadeira, examinou um livro, até achar que tinha decorrido o tempo bastante para cada qual se installar. Então é que elle levantou os olhos. Fez-se um silencio absoluto. Não havia duvida, viu-se desde o primeiro momento, aquelle joven professor era dos que dominam uma situação.

Elle tinha essa côr de um só tom, essa tez pallida frequente nos que vivem solitarios e preoccupados. Seus olhos, muitas vezes, traíam fadiga, apresentavam-se ligeiramente vermelhos, de prolongada vigilia. A meditação e os cuidados intellectuaes punham-lhe gravidade na physionomia. Não tinha jámais o olhar vago nem distrahido, mas baixava-o as mais das vezes ; quando não, encarava de frente, e por tal modo que nunca teve necessidade de punir.

Elle falou, e primeiramente de sua alta responsabilidade, dizendo-lhes ao que vinha, que era para fazer homens e cidadãos. Mas elles, por seu turno, tambem tinham deveres de patriotismo e de solidariedade.

Alguns começavam a tomar notas. Pediu-lhes que não.

— Estas não são materias do curso, disse-lhes, ninguem vos perguntará por taes cousas em exame, porém, mais do que um diploma, ellas são necessarias. Reflecti, meus amigos, sobre os

laços que nos unem, afim de que tenhaes uma noção mais nitida de vossa dignidade.

Era a primeira vez que elles ouviam falar por tal modo de semelhante coisa.

Cerca de quinze dias depois, Bouteiller trouxe-lhes a segunda serie da *Legenda dos Seculos*. Leu em plena aula o « Hymno á Terra », e, commentando-o com sua bella voz grave, livre de qualquer sotaque provinciano, e cuja autoridade lhes parecia religiosa, revelou a estes seres ainda intactos os grandes segredos da melancolia poetica.

Rapidamente espalhou-se o seu nome. Pais de alumnos quizeram conhecê-lo. Elle, porém, a golpes de frieza, desencorajou-os depressa : precisava que não lhe tomassem o seu tempo. Foi uma surpresa quando um dia elle perguntou, depois da aula, a um externo : « O Sr. seu pai vae hoje, á noite, ao Club ? » Este rapaz era filho de um judeu intendente da cidade. No entanto, a avó de um outro, de alta estirpe, tendo manifestado desejo de lhe falar, elle pediu-lhe que fosse á sua casa, e recebeu-a de pé, em mangas de camisa, com o gabinete todo desarranjado. Desta vez não era só o desejo de isolar-se, era claramente uma grosseiria preconcebida.

Bouteiller, desde o começo, confundiu-se aos olhos de seus alumnos com as duas imagens mais importantes que fluctuavam então sobre a França : elle foi Victor Hugo e a Republica heroica.

Mas não ficou só ahi. Abreviou o mais que

poude, desdenhosamente, a philosophia universal, para insistir sobre a historia da philosophia, dando-lhe poderosos desenvolvimentos. Elle ia levantar os olhos a estas creanças admirativas, pôl-as acima das paixões de sua raça, leval-as até á Razão, ate á Humanidade.

Passeando ao longo da sala, dicta o seu curso, parecendo ao auditorio, principalmente quando elle ordena que descancem a penna para melhor seguirem um paralelo qualquer através dos seculos, que é verdadeiramente o Universo que fala por aquella bocca : a Humanidade conta seus sonhos, o mundo revela suas leis.

No fim de novembro, quando elle começou a explicar os velhos pensadores da Ionia e os deu como fontes originarias das concepções mais modernas da Sciencia, quando sua voz grave mostrou como a doutrina oriental das depurações e das metempsychoses, ensinadas nos templos e nas grandes escolas da Grecia, é confirmada pelas theorias modernas que ligam os destinos humanos ás metamorphoses da natureza e ás leis da vida universal ; estes graves problemas, este recuo ao fundo dos seculos, esta certeza creada pela concordancia das religiões do passado com as academias de Pariz e de Berlim, embriagaram aquelles adolescentes de uma poesia que tocava as raias do espanto. As salas de estudo, os pateos do recreio como que tinham desaparecido, como que se haviam dilatado em immensos horizontes, im-

previstos e mutaveis. As frases cantavam no curso com a força de themas musicaes, que lhes faziam vêr a lei das coisas, e essa lei variava cada semana, segundo o philosopho que se estudava na occasião : elles se sentiam aturridos diante da multiplicidade, do esplendor e da contradicção dos systemas.

Bouteiller fixou-os depressa. Kantista decidido, deu-lhes a verdade segundo o seu mestre. O mundo era como uma cêra em que nosso espirito imprime o seu cunho. Agora, o que não podiamos averiguar era si esse cunho corresponde a alguma coisa de real.

Depois de um estadio, que durou um mez, no scepticismo absoluto, baseado nesta desoladora metaphysica, elle, revestido de uma solemnidade que até então não attingira, commentou diante delles a pagina sublime do mestre : « Duas coisas enchem a alma de uma admiração e de um respeito sempre renascentes e que crescem quanto mais o pensamento insiste nellas : o céo estrellado, acima de nós, e interiormente, a lei moral. »

Um dia, porém, no mez de maio, antes de terminado o curso, o joven professor subiu á sua cadeira mais pallido, mais grave, mais homem de consciencia do que nunca, e, após um longo silencio, levantando os olhos para a classe, já toda emocionada sob o peso de um presentimento, elle annunciou-lhes que o governo da Republica cha-

mava-o para um lyceu de Pariz. Devo aceitá-lo ? perguntou. Depois de umas palavras eloquentes, em que fez ponderações genericas e largas, que lhes pudessem servir de criterio, ordenou que votassem.

« Votae livremente. Eu me conformarei com a decisão da maioria, disse, mas tambem ahi se verificará si vós sois homens capazes de vos subordinardes ao dever. »

Elle os tinha preparado convenientemente : só um divergiu, votou contra, todos os mais sacrificaram seu interesse á obediencia, ao appello do governo, que o professor lhes insinuára ser a conveniencia maior.

Então este homem admiravel desceu da cadeira, e, caminhando ao longo dos bancos, começou a fazer uma especie de *buena dicha* a um por um dos rapazes, que estremeciam, cheios de embaraço e de orgulho. Era exactamente o mago de outr'ora, mas de aspecto moderno. Das mesmas forças dispunha, — autoridade no olhar, entonação prophetica, psychologia penetrante. Em uns elle viu intellectualidade, nestes sonho, n'aquelles outros acção, e de accordo com isso prognosticou-lhes as carreiras.

Depois, deixando-os assim, cheios de enthusiasmo e de angustia, voltou-lhes as costas, procurando Pariz.

Era o bastante. Sortira completo effeito o encantamento.

No recreio que se seguiu a essa ultima aula, sete d'entre aquelles rapazes deixaram seus companheiros habituaes, formaram um grupo animadissimo, que os outros apontavam com inveja e admiração. Eram os mais especialmente dotados para o bem e para o mal, os que ultrapassavam os outros na altura, que viriam a ser os capitães ; por isso distinguiram-se e preferiram-se simultaneamente, sentindo-se d'esta sorte reunidos. Entre elles dá-se uma associação.

Mas, que é que pensam estes jovens lorenos, grosseiros uns, outros delicados, pertencentes a todas as classes ; que pensam, quando assim reunidos ?

Bouteiller pregára-lhes o amor á humanidade ; depois á collectividade nacional. « O individuo, dizia elle, vale na medida em que se sacrifica á comunidade... »

E tal era o tom em que esse homem falava, que os olhos daquelles meninos se enchiam de lagrimas. Não sabiam que era principalmente de vêr tal heróe que elles assim se emocionavam. Consequencia imprevista, inevitavel, no entanto : o contacto desse homem foi mais forte e mais determinativo do que suas palavras.

Elle queria pôr estas vontades, estas intelligencias ao serviço do Estado ; depositou, porém, nestes jovens recrutas impressões que contradizem sua doutrina, ao mesmo tempo que lhes subjugam o espirito. « Como é bello ! é o que

pensavam elles, e que bem que faz amar-se um mestre !... Si nós pudessemos igualal-o !... Já para Pariz, e tão moço ! Elle é digno, pelo seu merito, de chefiar a França ! »

Elle por si só, sua dominação de Cesar, grupou-os e espontaneamente os fórma, á sua imagem e semelhança, a estes jovens cesaristas.

Depois que, sob o titulo de deveres, revelaram-lhes a ambição, nenhum delles quer mais ficar em sua terra natal e é quasi com igual desdem que elles ouvem falar em profissões. No que sonham é em *ser* ; o que querem é tornarem-se o que se chama uma individualidade propriamente.

Logo depois da partida de Bouteiller, elles o seguem. Mas assim conclue Maurice Barrès, antes de lançar os seus sete lorenos na capital do mundo.

II

Quando um trem de provincia dá com um noviço na *gare* de Pariz, é um corpo que cahe na multidão, no meio da qual elle vae gesticular e transformar-se sem cessar, até que della saia, degradado ou ennobrecido, mas cadaver.

Na circumvisinhança dessas *gares*, examinae esses rapazes que ahi chegam sopesando *saccos* de viagem.

Quem poderia dizer com que sentimentos todos os *imperatores*, os jovens capitães, adolescentes

assignalados para o dominio, vencedores que deixarão um molde por que outras almas se hão de modelar amanhã, quem poderá dizer com que vistas propheticas sobre si mesmos deram elles os primeiros vinte passos nas calçadas estonteantes de Pariz ?

Maurice Barrès acompanha primeiramente a chegada de um só d'entre os seus lorenos, a de Sturel, filho de um caçador bravio, que morrera de rheumatismo apanhado nas andadas pelo matto, á noite, e de uma joven senhora, delicadissima e pallida.

Com seus maravilhosos 19 annos, Sturel não chegou pensando em gosar, mas desolado pelo tempo perdido no campo, em que, junto da joven viuva que era sua mãe e de umas tias-avós, elle se estivera preparando sósinho para seus primeiros exames de direito. A autorisação para proseguir os estudos em Pariz, dois annos depois, elle a conseguiu emfim da timidez maternal, em um dos passeios que os dois costumavam fazer juntos desde a tenra infancia d'elle por aquellas campinas sem caracteristica, morno horizonte, que só servia para tornar-lhes febril o sentimento violento do porvir.

Hospedou-se n'uma casa de pensão que lhes fôra recommendada na provincia, muito decente, em que Mme. Sturel poderia se alojar junto de seu filho, sem incommodal-o, quando viesse de visita a Pariz.

Nas salas de jantar e nos salões elle só encontra dessas inglezas masculinizadas, que passam alguns mezes em Pariz, um casal aborrecido de ter casa, uns velhos senhores, umas senhoras velhas, outras mais moças, mas em nada attrahentes : um agrupamento de tristes creaturas que tinham ares de andar sempre com os pés frios. De moços, elle era o unico na casa.

Por isso, entrando, veiu rejuvenesce-los, a todos, sentando á mesa causou uma amavel impressão sympathica. Não teve consciencia de tal ; de resto, que a tivesse, elle seria insensivel a isto. Naquelle joven de espirito audacioso, mas de maneiras tão timidias que chegavam a ser selvagens, germinavam e desenvolviam-se sentimentos novos, cujo estudo o absorvia por compteto.

Elle chegára no dia em que morria Gambetta, 31 de dezembro de 1882. Estavam agora a 6 de janeiro, na tarde de uma quarta-feira, e não se falava n'outra coisa senão nos funeraes do illustre francez. Só Sturel, preso á leitura de um livro por tal modo que o trouxe para a mesa de jantar, era completamente alheio a essa coisa. Elle comia e continuava a ler.

Tal indifferença chocou todo o mundo.

A dona da pensão disse-lhe em tom maternal :

— Em sua idade, Sr. Sturel, prefere-se ás questões sérias um romance divertido.

— Todas estas almas de escravos, pensou elle de si para si, deixam-se dominar pela memoria de

Gambetta. E disse alto : A Sra. não sabe, estou lendo uma obra sublime. Temendo o ridiculo, accrescentou : Não pôde haver uma mulher que deixe de gostar d'este livro.

E tinha tal fogo no olhar que todas as sympathias das mulheres presentes voaram para elle. Depois Sturel baixou a voz para explicar a uma rapariga, filha de uma senhora sua compatriota, o que era esse livro, a *Nova Heloisa*.

Ha seis dias ali installado, o rapaz ainda ignora quem é essa menina, quando fôra a propria mãe d'ella, falando com elogios d'aquella pensão a pessoas das relações da familia d'elle, quem concorrera principalmente para fixar sua primeira residencia em Pariz. Elle olha aquella rapariga, lhe sorri, porque ella lhe é agradavel, sympathica, mas nem siquer trata de lhe saber o nome.

Mme. Alison, a mãe da menina, casara-se com um industrial brutal e debochado. Não se divorciou com medo de prejudicar a filha. Então passa dez mezes com esta, Thereza, em Pariz, para que nem mesmo a rapariga cause embaraços ao pae, que o que quer é viver como um pachá entre as suas operarias.

A multiplicidade dos contactos vencera por tal modo a timidez d'aquella moça, e a variedade das residencias reduzira-lhe por tal modo os preconceitos, que ella facilmente pareceria suspeita a uma sociedade que não sahe de casa. Que injustiça, no entanto ! A joven provinciana atravessára

todos os fôcos como uma creança que contrariam para vel-a zangada, sem fazer reflexão alguma, achando apenas que os impertinentes e importunos pullulam.

Tal candura, que não é ignorancia, punha-lhe uma franqueza plenamente sympathica no olhar e nos gestos.

O acanhamento selvagem d'elle, o honesto desembaraço d'ella, como se tratava de duas mocidades, serviram para os attrahir mutuamente. Deu-se certo amor entre ambos.

Nessa mesma tarde, como Sturel sahira para comparar com outras edições essa em que lia a *Nova Heloisa*, Maurice Barrès fal-o encontrar-se em Pariz com um dos sete do Lyceu de Nancy.

E' Racadot, que lhe pede cinco francos emprestados.

Este loreno fôra alumno gratuito, dos que estudam em França por conta do governo. Viera tratar de ir por diante com seus estudos em Pariz, mas ainda sem recursos.

Herdára alguma coisa com a morte da mãe, que bem cedo lhe tinha faltado ; o pae, porém, um pobre diabo de provincia, guardava com grande zelo aquelle dinheiro, reservando-o para comprar mais tarde um lugar de tabellião ao rapaz : emquanto isso, aproveitava os juro, sem dar contas ao filho.

— Sr. Racadot, dissera Bouteiller a este joven,

quando lera a *buena dicha* a todos, o senhor é um homem da tenacidade e da disciplina. Aonde quer que leve o seu concurso, será um excellente auxiliar, firme em seu posto, util a seus chefes e apontado para justas distincções.

Racadot tinha á mão, que, grossa embora, fazia pena ver sem luva sob a nortada cortante, uma batata quasi gelada.

— E' o teu jantar ? perguntou caçoando Sturel.

— Pois então ! Mouchefrin entrou com a Leontina em um *restaurant* em que temos comido muitas vezes. Fiam-lhe, e elle póde levar uma mulher comsigo ; a tres, nos recusariam. Eu vivo com a Leontina. Esta batata deu-lh'a um dos seus amigos.

E assim nos encontramos com um segundo dos sete, que nos traz outra mulher, a Thereza sua correspondente, de conformidade com o meio em que elle cahiu. Além disso, Racadot nos fala de um outro, Mouchefrin, o seu companheiro mais intimo.

Emquanto Sturel passava dois annos a estudar seu direito em casa, dispensado da praça como filho mais velho de viuva, ambos estes já tinham sido soldados. Fôra nessa vida de quartel que Racadot juntára-se com a Leontina.

— Tu vaes passar connosco esta noite, disse elle por fim a Sturel. Eu, Mouchefrin, Renaudin Suret-Lefort, estaremos todos juntos para irmos buscar Rœmerspacher, ás quatro horas da ma-

nhã, na estação do Éste. Passaremos a noite a conversar.

Sturel ficou. Elle era muito susceptivel e por essa mesma razão temia muito ferir susceptibilidades alheias. Não teria coragem de repellir o convite.

E tiveram uma noite de *cabaret*, inebriante para rapazes provincianos, pela primeira vez reunidos para *viver* o adoravel vicio de Pariz.

Quando chegou a hora de irem para a estação, animados, excitados, alegres, elles caminhavam prodigalizando facecias de caserna. « São estudantes que vão buscar um camarada », explicaram-se a rir os que os ouviam. Na *gare* não desagradou o bom humor dos rapazes. Quando o trem appareceu, foi um clamor ininterrompido até avistarem Rœmerspacher. Estonteado pela luz, elle procurava abrir caminho, de sacco de viagem á mão. Todos enfileiraram-se n'uma só linha como no regimento, (Rœmerspacher tambem estivera no serviço militar dois annos) e elle, como bom rapaz que se presta a um gracejo, e, ainda melhor, como homem de espirito sem falsas e ridiculas modestias, passou para a frente, aos gritos de « viva Rœmerspacher ! », enquanto Mouchefrin, animadissimo, dansava-lhe ao lado, para fazer, dizia elle, de cavallo que pinoteia.

— Meia volta !... Ao quartel !

No meio delles, Maurice Rœmerspacher caminhava gravemente, mal desperto, todavia emocio-

nado pela importancia de uma tal hora em sua vida. Sob a mão, elle sentia e coração feliz e vasto em conter Pariz. Caminhava firme e leve, reconhecido ás outras gerações, que haviam accumulado os recursos que constituíam aquella grande cidade, de que elle vinha participar agora. Os companheiros, ruidosos, aturdiam-no ; mas aquelles gritos, aquellas dansas, symbolisavam ao seu espirito, de uma maneira confusa, a embriaguez desta nova existencia.

Neste cortejo elle caminhava apoiado ao braço de Sturel, jovens e graves ambos.

Mas ainda precisamos de voltar á casa de pensão com o ultimo ; elle e o recém-chegado, é facil de ver, vão ser os dois capitaes do grupo.

No dia seguinte, ao almoço, as Alison, mãe e filha, não appareceram ; tinham ido á cidade.

A' vista do modo pelo qual Sturel recebeu alguns gracejos requentados da vespera, os outros acharam prudente deixal-o socegado, tanto mais que o interesse daquella gente desoccupada voltava-se agora todo para uma nova pensionista. Diziam-na oriental, do imperio ottomano, uma viuva, e de excellente familia, parenta proxima do embaixador da Porta em S. Petersburgo.

Esta mulher, Mme. Astiné Aravian, com seus trinta annos de idade, branca, de cabelles negros, feições originaes, a todo ponto attrahentes, chegava de Constantinopla. Tantos dias de *wagon* tinham lhe dado um ar de fadiga á physionomia,

que servia, porém, para tornal-a mais perturbadora ainda.

Os olhos pisados do rapaz traziam-lhe á memoria agradaveis impressões ? Ella o examinava com amizade, sem inquietar-se com os commentarios. Ao sahirem da mesa, ella lhe perguntou, prescindindo quaesquer apresentações e no tom mais natural deste mundo :

— Que livro é esse que elles dizem não ter feito o Sr. jantar hontem ? E, sem esperar resposta : Eu não tenho que fazer depois do almoço. Talvez uma leitura que não deixa comer me impedisse de dormir.

Sturel levou o livro ao aposento de Mme. Aravian. E como elle ficasse entretido a olhar aos mil *bibelots* do Oriente, que estavam ainda espalhados pelo gabinete n'uma grande desordem :

— O Sr. está estranhando, disse ella, acha que eu sou uma selvagem... Eu venho de Constantinopla, e de além. Mas, descance, eu sei me preparar como uma boneca franceza ; não lhe hei de metter medo.

— Parece, disse Sturel de si para si, que ella me julga muito ingenuo ! Não sabe até onde vae ao menos minha imaginação !

Embora meio amuado, elle ficou. E' que Astiné era bonita e tinha perfume. Assim uma mosca não se afasta de um torrão de assucar.

A noite que passára sem dormir, o primeiro calor da digestão, o fogo ardente da chaminé,

foram ajudando a tonteal-o. Puzeram-se os dois a fumar deliciosos cigarros. Astiné falava com seu encantador sotaque estrangeiro.

Elle ficou fóra de si. Fez vivas demonstrações, pedindo muito *perdão, perdão*, que ella de modo algum repelliu. Apenas chamou-o de creança. Tudo muito naturalmente, sob maneiras muito simples e muito nobres, como elle nunca imaginára que taes coisas se pudessem fazer.

E com estes traços ahi ficam lançados os personagens principaes do livro. Os rapazes restantes, dos sete que formaram o grupo no Lyceu de Nancy, são figuras secundarias ; demais, encontral-os-hemos ao percorreremos outras paginas.

III

N'aquelle celebre dia da despedida, antes de lhes haver lido a *buena dicha*, o professor Bouteiller dissera aos seus alumnos angustiados :

— Eu vou vos deixar, a vida não nos ha de separar ; eu não perderei de vista nenhum de vós ; seguir-vos-hei nas carreiras diferentes a que vos levarem vossas inclinações naturaes, vossas justas ambições e a escolha das autoridades legitimas. Deixaes de meus discipulos ; passaes a ser meus amigos. Ficarei satisfeito semder que me bata á porta qualquer um de vós.

Uma das perguntas que Rœmerspacher fizera a Sturel n'aquella noite da chegada fôra esta :

— Já foste á casa de Bouteiller ?

— Eu nada tenho a pedir, respondeu o outro com altivez.

Mas nem todos d'entre os sete poderiam dizer outro tanto. Não era só Racadot quem entre elles não tinha recursos.

Mouchefrin tambem fôra no lyceu de Nancy um alumno gratuito. Filho de um photographo de provincia, que era um lutador, não tem duvida, mas, coitado, conhecido em toda a região como agente eleitoral do deputado opportunistas. Um homem pobre, que só podia mandar ao filho uns miseraveis trinta francos de dois em dois mezes.

Um terceiro, finalmente, Renaudin, com quem nos encontramos agora pela primeira vez, filho de um modesto exactor das contribuições indirectas, antes de todos, em agosto de 1880, com um ataque de paralyisia, que lhe fulminou o pae, viu-se collocado na contingencia de unico arrimo da famillia, que teve de sustentar.

Elle não desanimou. Immigrára para Pariz com a mãe e uma irmã de vinte annos, e apresentou-se ao seu antigo professor. Este lhe pode arranjar, por intermedio de Gambetta, um logar de *reporter*. Emquanto os outros, menos Sturel e um terceiro, faziam seus dois annos de serviço mili-

tar, elle rolava por Pariz, burnindo-se nos attritos do officio.

Demais, Bouteiller tinha psychologia; conseguindo aquella collocação a Renaudin, elle o collocava no seu logar, punha-o na funcção que lhe era propria.

Para caracterisar o joven *reporter*, basta referirse um pequeno incidente, passado justamente n'aquelle dia em que Bouteiller estreára no lyceu de Nancy.

Quando o professor dizia aquellas palavras : « Reflecti, meus amigos, sobre os laços que nos unem afim de que tenhaes uma noção mais nitida de vossa dignidade », Renaudin não se poude conter, poz-se a rir, porque nunca lhe tinha vindo ao espirito que elle, um alumno de lyceu, pudesse ter uma dignidade. Bouteiller pôl-o d'essa vez fóra da sala com tres palavras fulminantes.

Mouchefrin resolveu dar lições. Elle comprehendia que não lhe era possivel fazer-se medico, como sonhava, sem descobrir um meio qualquer de multiplicar umas dez vezes os seus quinze francos mensaes.

Racadot, que aspirava ao notariado, fez-se escrevente de tabellião. Mas era pouco para sua actividade : depois de ter copiado autos o dia inteiro, ainda se sentia capaz de vender barato o seu latim, sua historia, sua geographia.

Estes tinham chegado ambos havia dois

mezes a Pariz. Tambem foram procurar Bouteiller.

Na pequena sala de jantar, para onde um creado fel-os entrar, os dois acharam outras quatro pessoas, que esperavam. Era o proprio professor quem vinha ver suas visitas e que as levava para o seu gabinete.

— Sr. Mouchefrin, Sr. Racadot, disse elle com simplicidade, depois dos prolegomenos, em que lhes poderei ser util ?

Ao mesmo tempo o creado poz junto d'elle uma bandeja com dois ovos, um copo d'agua, uma chicara de café.

— Os senhores dão licença ? eu vou almoçando emquanto os escuto.

Mouchefrin expoz-lhe as condições em que ambos se achavam e disse-lhes o que pretendiam : era que Bouteiller lhes arranjasse lições particulares.

— Sr. Mouchefrin, Sr. Racadot, respondeu Bouteiller, eis o que minha consciencia não me permite fazer. Uma indicação de minha parte aos meus alumnos sobre a escolha de um repetidor seria uma pressão. Não, eu não lhes posso falar sobre os Srs. Sinto...

Dirigiu-lhes palavras de encorajamento, e elle proprio respondia-se a si mesmo, Depois, levantando-se :

— Quando os Srs. quizerem partilhar do meu almoço, acharão sempre aqui um amigo.

Era assim que Racadot e Mouchefrin iam-se encontrando com a vida, em Pariz.

Emquanto isto, os outros, menos Renaudin, que fazia reportagem, estudavam.

Rœmerspacher principalmente.

Este era um robusto, de corpo e de espirito. Caracterisava-o principalmente a fronte ampla. Dentes admiraveis, hombros largos, cabelo ruço. E é rico, filho de um lavrador honrado, neto de um loreno que tem aferro ao sólo, mas que é ao mesmo tempo um veterano de Napoleão, um velho de coração tão quente ainda, que se tem vontade de chorar quando elle fala de patria e de gloria. Parece ser a velha alma da fronteira.

Falando sobre Rœmerspacher, Bouteiller tinha dito no lyceu de Nancy : « E' uma organização poderosa de trabalhador, pouca imaginação, um grande bom senso, saúde intellectual. »

Na madrugada em que chegára a Pariz, dizia aos outros este rapaz : « Vou dormir algumas horas. Vocês me hão de indicar um quarto bem no seio da cidade, de janellas bem abertas para a rua : que eu ouça o barulho de Pariz. Depois compro um caderno em branco, um guia de viajante, e começo a visitar esta immensa desordem feita de gente, de monumentos e de idéas. »

Rœmerspacher alcançou logo a primeira fileira entre os estudantes de medicina do seu anno.

Mas, além disso, tinha tempo para leituras numerosas ; elle analysava, resumia, classificava.

E, principalmente, estudava a historia, não a historia eloquente, mas a erudita, na Escola dos Altos Estudos.

D'ahi ia para os cafés : determinadamente para o café Voltaire. Deste áquelle ponto não ia só, andava com outro dos sete, que só agora nos apparece. Saint-Phlin, estudante de direito, tambem inclinado á erudição.

Fôra seu o voto singular contra a partida de Bouteiller, de Nancy para Pariz. Elle o fizera por uma boa simplicidade de alma. Mas isso, que n'aquele tempo causava hilaridades n'aula, ia sendo agora sua força, transformando-se em bom escrupulo, que o levava ao estudo e á meditação.

Aos poucos foram os dois travando relações no Voltaire. Tomava um real valor a mesa delles, melhor, a mesa de Roemerspacher, pela variedade de sua composição. Não havia ali desenhistas, pintores, esculptores, mas muitos jovens litteratos, então ainda desconhecidos, que mais tarde revelaram talento.

Suret-Lefort, o unico d'entre os sete de que apenas até agora pronunciamos o nome, vinha muitas vezes sentar-se com elles áquella mesa.

Este, que era um politico de nascença, desde a sua primeira semana na grande cidade descobrira a Conferencia Molé, de onde elle começou a acompanhar todas as graves intrigas eleitoraes dos quarteirões de Pariz.

Com que tom soberano elle dizia, pondó á mesa

o seu copo de cerveja : « Meus amigos politicos e eu, nós pensamos... » !

Renaudin, o reporter, armado de um eterno monoculo, quando podia dar uma fugida dos jornaes, trazia-lhes boatos, os constas das redacções. Sua força consistia em matar nos outros o sentimento do respeito.

Durante o primeiro anno o delicado Sturel apparecia raramente no Café Voltaire. Passava as noites na pensão, junto de Mlle. Alison, ou com Astiné Aravian.

Esta installára um verdadeiro salão oriental : um divan circular, com um grande tapete de Smyrna, no centro um *brasero*, sob luxuoso lustre, que pesava de crystaes. As paredes cheias de *bi-belots*, de collares de perolas ou de coral, de reliquias preciosas, punhaes e cintos circassianos ornados de turquezas. Sua flôr era o jasmim, que, com a rosa, é a eterna flôr do Oriente.

Sturel era d'estes que, de proposito, fogem ás realidades mesquinhas. Horrorisavam-lhe os lados baixos da vida, todas as necessidades physicas. D'ahi aquella molicia, que o fazia passar mais tempo entre as mulheres do que com os seus proprios amigos.

Mouchefrin e Racadot eram tambem assiduos á mesa de Roemerspacher, onde ao menos sempre achavam cigarros e café.

Um dia Renaudin trouxe esta nova :

— Vocês sabem ? um dos jornaes em que eu es-

crevo, a *Verdadeira Republica*, aceita collaboradores capazes, mesmo que sejam desconhecidos ainda. Custou-me a convencel-os ! Si algum de vocês tres, meus mestres, tem alguma coisa a publicar, confie-me.

Elle olhava na occasião para Rœmerspacher, para Saint-Philin e para Sturel, embora aquelles outros, Mouchefrin e Racadot, estivessem presentes tambem.

Mas que alegria illuminava o rosto de Renaudin ! Elle trazia o ar de um portador de boas novas inesperadas... ou antes, de coisas que se esperam anciosamente.

Rœmerspacher concebe e esboça logo um artigo sobre os primeiros volumes das *Origens da França Contemporanea*, de Taine.

O entusiasmo daquelle joven trabalhador por este veneravel mestre era natural em seu espirito robusto, capaz de supportar o inevitavel peso da verdadeira intelligencia.

Todos mostravam-se satisfeitos, pondo suas esperanças em Rœmerspacher. Um delles, e o predilecto, ia emfim lançar-se : como que para elles todos ia se abrir a barreira.

Sómente, Racadot perguntou, imprevisto, com uma voz estranha, a Renaudin :

— Quanto custa para se fazer um jornal ?

E, quando lá fóra, mais tarde, a sós com Mouchefrin, sob a chuva da noite, este lhe disse :

— Ora, eu valho bem Rœmerspacher.

— E eu Sturel ; apenas, somos pobres, lembrou Racadot.

IV

Quinze dias depois, a *Verdadeira Republica* publicava um estudo de Rœmerspacher sobre Taine, um tanto longo e pouco intenso, mas notável. Sentia-se n'elle uma intelligencia masculina que se applica unicamente em seu objecto e ignora o que sejam os cuidados para não desagradar, os compromissos impostos á maior parte dos escriptores que precisam fazer carreira. Além d'isso, era notavel, porque, por instincto, o joven autor punha em pratica a grande regra da comprehensão, — que se deve sempre pôr em evidencia o que, em uma obra, em um homem, seja digno de amor.

Renaudin não recebeu cumprimentos lá no jornal ; os outros collaboladores acharam o artigo massudo, pediram-lhe *que se deixasse d'esses literatos*.

D'ahi a dois dias, porém, estando á mesa de trabalho, Rœmerspacher ouviu baterem-lhe á porta, e do fundo do seu unico quarto (no segundo andar do hotel Cujas), sem mover-se, gritou :

— Entre !

Um desconhecido, quasi um velho, antes baixo do que alto, de aspecto grave e simples, appareceu, examinou de um golpe de vista essa instal-


lação de estudante, o leito com roupas esparsas, um pequeno toucador, muitos livros, todo um conjunto alegre e sympathico.

— O Sr. Røemerspacher, não é assim? disse elle. Eu sou o Sr. Taine.

Evidentemente o illustre philosopho, interessado pelo trabalho d'este escriptor desconhecido, fôra á redacção da folha; e d'ahi, cedendo ao seu sentimento de benevolencia, á curiosidade, viera até este hotel em que o joven estréante se embriagava de trabalho.

E agora, sentado junto de Røemerspacher, Taine examina-o, olha-o, com aquella mesma intelligencia, applicando com elle tambem o seu methodo, utilizando-se assim dos mesmos instrumentos de que se servira para contemplar tantas obras d'arte, tantas figuras historicas, tantas civilisações.

Røemerspacher soube testemunhar-lhe seu profundo respeito com simplicidade. Elle se sentia embaraçado sómente por ouvir mil noções lá no fundo de sua alma, que se erguiam saudando nesta visita real aquelle de quem ellas tinham provindo, fazendo-lhe ver como era necessario que se observassem as distancias entre um modesto estudante e aquelle de quem elle se achava agora familiar. Røemerspacher não é um espirito para se deixar subjugar; mesmo neste instante, elle julga. Não é sob a impulsão de poeta ou de nervoso, mas por um ingenuo sentimento de equidade



ainda intacta de desconfianças restrictivas, vindas com a experiencia mais tarde, que elle queria, do primeiro impulso, dizer a este velho cavalheiro :

« Eis o que ha em mim de vós; e ha em vós isto e aquillo que eu comprehendo, que eu amo e que trato de incorporar a mim. Meu mestre, meu pae, como eu sou feliz em vos ver e fazer-me reconhecer pelos signos indeleveis que trago ! »

Felizmente, si elle tinha coração, tinha tacto tambem, aquelle joven : limitou-se a responder ao que Taine perguntava.

O philosopho estava então com seus cincoenta e seis annos. Mettido n'um sobretudo de pellica escura, com suas lunetas, a barba grisalha, elle parecia um personagem antigo, um alchimista hollandez. Nariz em arco, bella abobada frontal, temporas fundas, embora apertadas ao chegarem á fronte, o arqueado das sobranceiras nitido, vivido, acabando n'um traço finissimo. Do fundo dessas doces cavernas vinha o olhar, a um tempo impaciente e reservado, olhar que se detinha para saber, parecia, e que a curiosidade fustigava apressando.

E este caracteristico, com a lentidão dos gestos, contribuia muito para a dignidade do conjuncto, que poderia parecer um pouco mesquinho e universitario em certos detalhes. Taine, por exemplo, trazia gravata preta de setim, áquella

hora, logo depois do almoço, quando é á noite que se põe essa gravata onde ha salões, como em Pariz.

Rœmerspacher notou logo que Taine era um pouco estrabico. Aquelle olhar singular, como que algo voltado para dentro, não muito lim-pido, um pouco complicado, verdadeiramente o de um homem que anda a ver abstracções e que precisa despertar do mundo em que ellas o envolvem para apprehender a realidade, contribuia para dar-lhe, quando elle palestrava idéas, um ar de quem está attento a espreitar o seu proprio pensamento e não ao interlocutor, defeito que lhe dava uma especie de belleza moral.

— Minha saude é um tanto má, — disse Taine, que já envelhecia a diabete de que dez annos mais tarde tinha de vir a morrer. Sou obrigado a passear a pé todos os dias ao menos uma hora. O Sr. quer me acompanhar ? Conversaremos andando.

Elle tinha uma voz toda á parte, como que tocada de sotaque estrangeiro.

— O Sr. tem recursos ? foi uma das suas primeiras perguntas, como tinham começado os dois a andar. Isto me satisfaz, accrescentou, porque o rapaz lhe respondera affirmativamente. Era o que me inquietava, tendo lido o Sr. e com grande surpresa vindo achal-o tão moço. Julgo-o proprio para especulações intellectuaes :

ora, tenho como um grave perigo para o individuo e para a sociedade a contradicção que ha muitas vezes entre um desenvolvimento cerebral que precisa de conforto, de fazer despezas, porque uma grande cultura custa caro, é uma condição que obriga a passar privações.

Depois mudaram de assumpto. Falaram dos projectos de Rœmerspacher. Taine o aconselhou a que não se apressasse em tomar decisões, em fixar-se um caminho. Em todo caso, era preciso um methodo. Depois quiz saber em que meio vivia elle, si tinha amigos moços de sua idade, e si entre elles e seus amigos havia idéas communs. Nesse caso, quaes eram ellas ?

A proposito, falaram então em Renan, em Kant, no materialismo, no absoluto, no relativo. Falou-se tambem em Balzac, e até de politica.

Rœmerspacher se lhe dirigia respeitoso, mas ao mesmo tempo com essa graciosa liberdade de movimentos tão natural e tão encantadora n'um joven espirito de escól. Para o velho philosopho era um spectaculo emocionante seguir a vinte e cinco annos de distancia, n'um ser privilegiado como aquelle, a actividade, a força das idéas que elle concebera, e que, sem cahirem jámais no nada, sempre se transformarão.

Taine fez o joven repetir-lhe muitas vezes que tendo sahido do lyceu havia dois annos elle ainda vivia quasi que exclusivamente com lorenos.

— Então o Sr. está quasi como em familia,

com seus compatriotas, fazendo um clan ? Pois será uma coisa admiravel que graças a isso possa introduzir em sua vida a noção de sociabilidade. A qualidade do que se chama homem de sociedade não é, como facilmente se pôde crer, a gentileza apurada, uma elegancia para uso dos privilegiados : ella importa para a moralidade geral. Cada um deve agir segundo o que convem em sua ordem. Respeitemos, nós outros, a dignidade humana e comprehendamos que ella varia n'uma boa parte, segundo o meio, as profissões, as circumstancias. Eis ahi o que sabe o homem sociavel e o que tambem nos ensina a observação da natureza. Si o Sr. formar um grupo, será levado a considerar e a escutar ora este, ora aquelle, segundo os interesses de que se trata, porque não ha homem que seja em tudo o mais capaz.

Finalmente, eil-os chegados á praça dos Invalidos. Taine parou, poz as lunetas, e com seu honesto chapéo de sol burguez, negligentemente enrolado, apontou para uma arvore vigorosa, um platano, que ali havia.

O bello ser verdejante brilhava da chuva, inundado de luz pelos destinos alternados de um ultimo dia de abril.

— Como eu amo esta arvore ! disse elle. E' preciso ver-lhe aquelle cerrado córte do tronco, ver-lhe aquellas nodosidades vigorosas ! Eu não me canço de admirar-a e comprehendel-a. Com qualquer tempo, todos os dias, a visito.

Será a amiga e a conselheira de meus ultimos dias. Ella me fala de tudo o que eu amei : das rochas pyreneanas, dos carvalhos, de Italia, dos pintores de Veneza ; me houvera reconciliado com a vida si além das duras contingencias proprias do mundo eu não visse os homens pôrem tanta alegria na maldade. Eu lhe sinto a biographia, no conjuncto, como em cada um dos detalhes que ella offereça. Esta arvore é a imagem expressiva de uma bella existencia. Ignora o que seja a immobibilidade.

A força creatriz que veiu com ella fixou-lhe desde logo o destino e jámais abandonou-a a si mesma. Mas com isso quero dizer verdadeiramente que essa força lhe seja propria ? Não ; eu falo da eterna unidade, do eterno enigma que em cada fórma se manifesta. Foi a principio no subsolo, na fresca humidade, na noite subterranea, que o germen se fez digno da luz E a luz então permittiu que a fragil haste se fosse desenvolvendo de estadio em estadio. Não foi preciso que um mestre de fóra interviesse. O platano alegremente distendia os membros, elançava os ramos, dispunha as folhas, de anno para anno, até chegar á perfeição. Veja de que pura saude elle gosa ! Nenhuma desproporção entre a vida do tronco, dos galhos e das folhas ; é uma ruidosa federação . Elle é a sua propria lei, e a desenvolve ..

Que boa lição de rhetorica, ainda mais, que guia para o pensador ! Não ha ali, naquelle bello ob-

jecto, uma symetria á franceza, mas a logica de uma alma a viver. No termo de uma vida em que tanto amei a logica, elle me indica o que houve em mim de systematico talvez, e que nem sempre exprimi a minha propria decisão, mas uma influencia exterior. Em ethica, sobretudo, o reconhecimento meu mestre. Veja. Elle, tambem elle teve seus impeços ; olhe como a sombra daquella casa o incommodava : fugiu para a direita, orientou-se para a liberdade, sacudindo triumphante em leque seus ramos sobre a avenida. Esta poderosa massa vegetal obedece a uma razão secreta, á mais sublime philosophia, que consiste em aceitarem-se as necessidades da vida. Sem se renegar a si mesma, sem abandonar-se, ella tirou das condições fornecidas pela realidade o melhor partido, o mais util. Desde os maiores galhos até as menores radículas, tudo o que a constitue operou conjunctamente o mesmo movimento...

E agora esta arvore, que, confiante, dia a dia augmentou o thesouro de suas energias, vae desaparecer, porque attingiu á sua perfeição. A actividade da natureza, sem deixar de sustentar a especie, nada mais quer fazer pelo individuo. Ha de ser uma vez meu bello platano. Seu destino é limitado pelas mesmas leis que, lhe havendo proporcionado o nascimento, lhe hão de trazer a morte. Como elle não levou só um dia a nascer, não será de um instante para outro que desapareça tambem... Em mim ha partes que se des-

fazem, e brevemente eu succumbirei ; minha geração me acompanhará, e um pouco mais tarde ao Sr. chegará sua vez, ao Sr. e aos seus camaradas...

Póde-se calcular o effeito d'esta visita no espirito daquelle provinciano. Quando Taine o deixou, elle não cabia em si de emoção. Além de tudo, eram as portas da celebridade que se lhe começavam a abrir. Elle tinha necessidade de communicar-se com alguém. Correu á casa de Sturel, tremendo de não o achar. A's primeiras palavras que lhe revelaram essa maravilhosa noticia, o ávido loreno apertou seu companheiro de encontro ao coração.

Racadot e Mouchefrin, por esse tempo desenganados por Bouteiller, percorriam as agencias de empregos.

Elles se demoravam ás vezes noites inteiras n'essas casas sombrias, durante aquelles primeiros dias de inverno, tão dolorosos aos que são jôvens, miseraveis e solitarios. Um velho pobre diabo escrevia o nome, os titulos, as aptidões do solicitante em um registro, depois declarava que nada tinha a offerecer, que quasi não o procuravam sinão para inspectores de collegio e professores de todas as aulas em pequenos pensionatos de provincia.

Elles iam bater a outra porta, voltavam, voltavam de novo, dizendo de si para si que o successo é de quem persiste...

A quem persiste, com effeito, o homem da agen-

cia dá algum endereço longinquo, onde o director de qualquer instituto pede desculpas por não ter vaga no momento, aos pobres rapazes, que cada vez se vão fazendo mais humildes.

Ha outras agencias que os acolhem de braços abertos : « Que idade tem o Sr. ? Vinte annos, vinte e um annos... Mas... perfeito ! Bacharel ! estudante de direito, de medicina !... O Sr. veiu a proposito ! E' surprehendente ! » Felicitam-se a si mesmos, felicitam ao rapaz. Mediante o pagamento prévio de vinte francos, estão promptos a lhe revelar o endereço... Para acabar, um conluiado os recebe, que justamente naquelle momento contractou o seu bacharel.

V

Transponhamos, finalmente, mais algumas paginas como essas que ahi ficaram, de quasi completa transcripção.

E' necessario para dar uma idéa segura do livro.

Taine tinha indicado que aos individuos toda a vida vinha da collectividade. Ficára satisfeito ao saber que o seu joven admirador, ainda dois annos depois de abandonnar Lorena, vivia como que fazendo um clan, com seus compatriotas, mesmo ali em Pariz..

Consequencias : os dois capitães do grupo começaram a ver neste uma associação menos

espontanea e occasional, mais consciente e *querida*, que devia procurar uma formula e portanto ter antes de tudo um determinado fim em vista para a sua definitiva organização.

Conjecturando sobre isto naquella mesma tarde, após a visita do mestre, tomados os dois de exaltação, Sturel lembrou :

— Reunamos nossos camaradas !... Suret-Lefort, Saint-Phlin, Renaudin, Racadot e Mouchefrin... Estudemos com elles o plano de uma acção commum. E' tempo de utilizar-se a vida.

— Marca o dia, a hora, o logar, disse Røemerspacher.

— Estamos a 1º de maio... Pois bem ! no tumulto do Imperador, a 5, no dia de sua morte.

Racadot e Mouchefrin, por caminhos tão diversos ! tinham chegado no entanto a deliberação analoga.

Naquella noite, após a exclusão que delles fizera Renaudin no convite aos camaradas para collaborarem n'um jornal, como houvessem subido a um alto gráo de exaltação contra seus companheiros protegidos da sorte, Racadot ponderou :

— Basta ! Execral-os é luxo sentimental, Mouchefrin... Seria melhor que te fizesses estimado delles. A maior parte destes sujeitos ha de ir longe ; não que elles sejam uns genios, mas porque em todas as gerações é preciso encontrar homens que preencham os logares. Desarmados como estamos, o unico recurso é mantermos nossas

relações com elles no ponto em que ellas se acham, de modo que no dia em que forem deputados, millionarios, ministros, possamos pedir-lhes um serviço proporcional então á moeda de dois francos que ás vezes te passam.

Todos compâreceram ao *rendez-vous*.

Através os longos pateos, elles se dirigem para a capella magestosa que possui o cadaver do heróe.

De ordinario, o visitante tomado da consciencia do seu anonymato sem saber como, intimida-se com o echo que seus passos sobre aquellas pedras despertam nos vastos espaços da abobada funeraria.

Mas nossos jovens peregrinos, esses não imaginam que possam perturbar o repouso d'aquelle a quem vêm pedir que os exalte : elles correm a saudar o Imperador, que vae caminho dos seculos. E todo esse resoar que dos pés d'elles se ergue é para esses adolescentes vibrarem um prolongamento d'aquella formidavel acclamação que, jamais interrompida, subia dos povos acotovellados á passagem do heróe, impedindo-o de dormir, enquanto elle percorria a Europa em sua ligeira berlinda.

O tumulto de Imperador para francezes de vinte annos, não é o logar pacifico, a cova philosophica, onde um pobre corpo, que tanto se agitou, se desfaz ; é sim a encruzilhada, em que o que se chama appetite, vontade, audacia, é o que justamente se encontra. Entulhae mentalmente essa

crypta em que o sublime repousa : nivelae a historia, supprimi Napoleão : tereis anniquilado a imaginação condensada do seculo.

Sem *parti-pris* social nem moral, sem pesar os beneficios de suas guerras nem o valor de seu despotismo administrativo, aquelles jovens amam Bonaparte : a nú. Para elles sua mais bella effigie é de Canova, em Milão, porq̃ue essa só representa o seu corpo de heróe, todo nú, com aquella terrivel cabeça de Cesar.

Sim, nuamente e sem circumstancias ! Nenhum excitante se lhe compara para pôr uma alma em movimento. Fal-a revelar-se a si mesma, por aquella virtude profunda de que elle se sabia dotado : « Eu ? eu tenho o dom de electrizar os homens », dizia.

Essa reunião do jovens, em 5 de maio de 1884, tendo soffrido o seu contacto, apresenta os caracteristicos de uma transfiguração. Uns rapazes, que ainda ha pouco eram como outros quaesquer, têm agora o aspecto de um bando de tigres novos. Mouchefrin de olhos furta-côres, brilhantes, vae e vem com cinco ou seis passos, agitado. Só Renaudin ainda chacoteia um pouco, mas, mesmo assim, para vir, elle abandonou um *rendez-vous* de certa importancia.

Unicamente pela febre que Napoleão lhes põe nas veias, Sturel, Rœmerspacher, Suret-Lefort povoam de phantasmas aquelles faustosos espaços. Primeiro, lhes surgem os dos membros da familia

d'elle, principalmente os dos que tiveram um tragico destino, como esse triste duque de Reichstadt, seu filho, como esse misero Napoleão III, de Sédan ; depois, os seus generaes, Massena, Lannes, Soult ; os seus bravos, os seus indomaveis, Augerau, Ney, Murat ; seus financeiros, seus politicos, e ainda uma multidão, de onde louvores magnificos se levantam : é que, pela força da imaginação, carregada de leituras, os Sturel, os Rœmerspacher, os Suret-Lefort, os Saint-Phlin associam aos Napoleonidas os poetas que vêm falando do grande homem ha um seculo.

E eis que elles proprios, jovens bachareis, incorporam-se a essa symphonia triumphal do cortejo sempre crescente de Cesar.

— Era a principio apenas um rapaz pobre, lançou Sturel.

— Sabe-se, disse-lhe um dos outros, da sua biographia de Imperador, da sua gloria, mas quem sabe da sua formação ? Como foi que elle chegou a ter fé n'uma predestinação ?

Então Sturel põe-se a recordar aos outros a historia da familia Bonaparte, na Corsega, « membros da pequena nobreza, sem meios de acção, mas tenazes e ardentes em manter-se e em augmentar. Quando elles obtiveram para Napoleão, depois dos nove annos, um logar de gratuito na escola de Brienne, toda a familia, uma multidão de amigos solidarios acompanharam-no até o caes com orgulho, porque aquelle menino

ia se fazer um official. Assim, elle conhecia o sentimento da honra.

« Aos nove annos, no collegio d'Autun, depois até os quinze, na escola de Brienne, tremeu e rangeu os dentes de raiva, em seu isolamento de estrangeiro que chacoteiavam, porque sentia tudo com exaltação, a ponto de ter vomitos, quando seus camaradas ou seus mestres o queriam humilhar. Mas soffria sem mediocridade estas provações. Ellas só serviam para ainda afferral-o mais á sua patria insulana ; elle faria tudo por merecera injuria de « corso ».

« Aos quinze annos, continuava Sturel, o joven Bonaparte, alumno da escola militar em Pariz, por sua altivez trata de significar aos seus camaradas, filhos de altas familias, que nem a fortuna nem o nascimento o impressionam. Quasi plebeu, sem dinheiro, sem relações, elle julga todos e tudo, mostra completo desprezo pelos espirituosos e pelos frivolos. E emquanto assim se affirma diante de seus companheiros, atira-se com accessos de paixão á leitura de Rousseau e das chronicas da Corsega.

« Aos dezeseis annos foi official. Ah ! salas de estudo, ah ! solidões suas predilectas, só vós assististes ás suas tempestades intimas, proprias de toda nobre adolescencia, a todos aquelles soffrimentos na formação do seu genio. »

E Sturel continuou ainda

A principio, levados por essa febre exhalada de

um tumulto, aquelles rapazes se haviam elevado em alto vôo, e comparavam-se ao heróe, asperos e ardentes como elle; mas, pouco a pouco este lhes foge, e a cada bater de azas a distancia é maior e os faz mais pequenos ainda. Agora, como uns miseros, elles ao mesmo tempo orgulham-se em pensar que tal homem viveu, e desesperam-se em lembrar-se do tempo que elles têm perdido. Reconhecem-se fraternos.

Apertam-se as mãos. Escapam-lhes dos labios abrazadas interjeições. Sob a influencia de forças tão poderosas, acaloradas pela admiração e pela solidariedade, eil-os a esperar anciosos uma palavra decisiva...

— E nós, disse Sturel, acaso já nos daremos por vividos?

Elles deixam Napoleão. Reportam-se a si mesmos, que é de quem andam principalmente tomados.

Basta dizer o Imperador; e seu grande nome, que crea individuos, força-os a dizer: *eu, nós*.

— Estamos a concluir nossos estudos, continuou. Contentar-nos-hemos depois em explorar uns titulos? Seremos simples utilidades anonymas em nossa epoca? Ordenados, classificados, resignados, depois de alguns estouvamentos da mocidade, entregaremos a outros a direcção do nosso tempo?

N'esta massa ainda amorpha, que é a nossa geração, estão os chefes, os cabeças, os capitães de amanhã. Si alguma coisa nos diz que nós é que

somos esses predestinados, não procuremos mais, acreditemos na voz íntima que nos fala : camaradas, nós somos os capitães ! Diante do tumulto de Napoleão, juremos ser homens !

— Nós o juramos ! exclamou primeiramente Mouchefrin.

Depois, cada um dos outros acompanhou com uma frase esse juramento. Menos Rœmerspacher :

— Vamos devagar ! disse elle. Examinemos a questão pela base. Admira-me, Sturel, ver-te acreditando nos grandes homens ! Ah ! por certo nada mais interessante do que as biographias ; ellas são dramaticas, e sobretudo simplificam a historia. Mas tu não vês que o individuo é nada e a sociedade é tudo ?

D'ahi uma discussão entre alguns.

Felizmente.

— Vamos ao facto, exclamou Sturel. Todas as nossas theorias serão muito boas, desde que cada um encontre nellas seu movel. Até que ponto póde um Cesar, quero dizer, um cabeça, um chefe, modificar a humanidade não é o que hoje se discute. Onde é que Rœmerspacher ouviu dizer que eu me propunha a inventar alguma novidade tocante ao que quer que seja ! As idéas revolucionarias, eu não o contesto, são sempre lançadas por vastas collaborações inconscientes e anonymas. Mas são os grandes homens que se encarregam de reunir, de joeirar as riquezas que ellas contêm. Estamos dispostos a ser esses endossantes, esses auda-

ciosos que se encham de responsabilidades perante os seus contemporaneos? Eis como deve ser collocado o bello problema para cuja discussão eu fiz com que estivessemos aqui reunidos.

Mouchefrin, que acompanhava apaixonado o debate, achou na emoção um pensamento vigoroso :

— Nosso Napoleão, disse elle, estava preparado para presidir á reorganisação da França sobre taboa rasa, porque, para sua alma de estrangeiro e de homem superior, nenhuma das instituições da monarchia fôra uma coisa viva propriamente. Elle podia ser representativo dos novos preconceitos, porque não sentira os effeitos dos antigos. Nós outros, porém, por toda a ordem social moderna sentimos outra coisa que não seja o desprezo e o odio? Nós vimos, portanto, mas é para destruil-a.

— Temamos, disse Saint-Phlin, ficar negativos: Napoleão tinha a todo instante um sentimento vivo de seu dever.

— De seu destino! rectificou Sturel.

— De sua cultura! interrompeu Rœmerspacher.

— Bom! atalhou Suret-Lefort, pouco importam os moveis; em que consiste o que vamos emprender?

Um silencio ancioso se fez. Todos aquelles jovens temiam revelar-se incapazes uns aos outros. A questão, tão simples, ficou alguns minutos sem resposta. Até que Sturel achou que ainda devia desenvolver seus raciocinios :

— Hoje, disse elle, em 1884, admirar Napoleão

não é, necessariamente, sancionar a organização que elle nos legou ; é sómente fazer justiça á sua capacidade organisatriz. Seu genio consistiu em tirar o maior partido possivel de circumstancias dadas. Feliz aquelle que refundir a sociedade, si puder achar em si, para tanto, aquellas mesmas qualidades que Bonaparte manifestou, creando a ordem que, ha oitenta e quatro annos, mantem mais ou menos a França.

Irromperam os apartes. Sem saberem como, no entanto, aquelles moços encaminhavam para um fim certo a questão. Depois de uma saraiuada de palavras, todos accordaram em que o que era preciso era o grupo acercar-se de um homem nacional.

Mas neste ponto, o possante Racadot, que até então estivera calado, intervem :

— Vocês querem uma locomotiva ; não se lembram que antes de tudo, do que precisam é de estar no trilho, para que ella os possa rebocar. Obscuros como são ainda, nem mesmo um Napoleão os poderia distinguir. Eu estou mas é á espera da conclusão pratica do conciliabulo.

Todos, a não ser Mouchefrin, que ria estrondosamente, ficaram incommodados pelo embaraço em que estas palavras, evidentemente razoaveis, vieram pôr o romanesco e imprevidente Sturel.

Racadot, porém, não quiz abusar do effeito produzido ; pôz a mão com bonhomia ao hombro do

seu desconcertado collega. Em todo caso, fez signal de que ia falar.

— Pois eu, disse elle, eu me encarrego de lhes fornecer o primeiro meio de acção.

Houve um murmurio de espanto. Elle gozou primeiro do effeito ; depois :

— Theoricamente, o meio cesariano é o exercito. Comquanto elle ande suspeitado, vigiado, muito enfraquecido, transformado em regimento de funcionarios, ainda assim um dos seus chefes poderia assumir uma posição.

Ha um outro meio : a imprensa. O que é necessario a vocês, em summa, é gruparem em redor de si algumas centenas de fieis e fazerem-se conhecidos dos poderosos.

Com um jornal vocês sondariam a opinião, distinguiram as correntes, acompanhariam os acontecimentos... Sim, um jornal !

— Mas a administração ? oppõe Rœmerspacher.

— O dinheiro ? precisou Renaudin, fazendo uma careta.

— Mouchefrin e eu, nós nos encarregamos de tudo... Eu me encarrego, melhorou elle, accentuando as palavras. Nós lhes serviremos de escadas, meus senhores : não vão se esquecer mais tarde de nós.

Os outros se olharam. O sorriso incredulo que nascera em todos os labios, se apagava, tanto mais que elles desejavam crer.

Todos se recordaram das perpetuas allusões de

Racadot a uma grande fortuna que a mãe lhe legára e que o pae ainda conservava intacta, aproveitando-lhe os juros.

V

O resto do enredo do livro podemos agora resumir em poucas palavras.

Rœmerspacher, Saint-Phlin, Suret-Lefort, Sturel, foram convidados formalmente depois a assumir a direcção intellectual da folha, que Racadot teimava em publicar. Tinha liquidado sua herança, confirmava elle em duas palavras, e a arriscava com toda confiança nesta empreza.

Tal explicação, porém, não os satisfazia ainda plenamente. Visto a competencia especial de Renaudin neste assumpto, Racadot tomára-o para seu conselheiro e o esclarecera melhor sobre esta questão do dinheiro. Os outros chamaram Renaudin e crivaram-no de perguntas.

— Alugam-lhe o jornal por 750 francos mensaes, explicou elle, e no fim de tres annos o jornal será delle. De que é que vocês se receiam? Vocês não conhecem Racadot; elle é genial: por enquanto sou eu quem o guia (fui o intermediario neste negocio), mas dentro em pouco será elle que me ha de passar poeira nos olhos.

Os outros aceitaram o convite, Parecia um bom negocio para Racadot, porque d'este modo a re-

dacção não lhe custava vintem. Elle, Mouchefrin e a Leontina ficaram na administração, tudo por intenção de economia. Só Renaudin, cujos conselhos eram indispensaveis, teve ordenado fixo, trezentos francos mensaes, adiantamente.

Mas o primeiro artigo de fundo que Rœmerspacher escreveu para o jornal (aquella mesma *Verdadeira Republica*, em que elle se estréara) foi uma como continuação ao seu artigo sobre Taine. O de Sturel versou sobre os *homens-bandeiras*.

E' facil de prever ; não é assim que se faz um jornal : o insuccesso era inevitavel.

Todos os calculos de Racadot falharam.

Elle contava com o auxilio de Bouteiller, que então já se estava tornando um importante personagem politico.

— Quaes são as sympathias dos Srs. ? Que côr trazem ? perguntára este a Rœmerspacher e Sturel, que se haviam encarregado de procural-o. E como elles não lhe respondessem muito ao pé da letra, declarou-os uns indisciplinados, recusando-se a auxiliar-os.

Toda a famosa herança de Racadot não passava de quarenta mil francos. Ora, diante do *deficit* que se patenteou desde logo, era ridiculo apoiar-se elle n'aquella somma confiadamente como n'um fundo de reserva de solida resistencia.

Renaudin, mediante uma porcentagem larga que impoz, começou a guial-o pelos subterraneos

da imprensa de Pariz. D'estes, porém, gottejam apenas escassos, miseraveis recursos, porque a *Verdadeira Republica* ainda não tinha conseguido impôr-se.

Por fim os jovens redactores se aperceberam do caminho equivoco que o jornal tomára. Abandonaram-no.

Racadot lutou durante um anno. Os ultimos quinze dias foram para elle de uma angustia sem nome. Allucinaram-no. A' miseria inevitavel elle preferiu o crime. Tendo por cumplice Mouchefrin, matou uma mulher para rouba-la e impedir d'este modo o desaparecimento do jornal.

A victima foi aquella mesma Mme. Astiné Aravian, com quem Sturel se encontrára nos seus primeiros dias de Pariz. Ella andava sempre arrejada de umas maravilhosas turquezas e de umas bellissimas perolas, que lhes excitaram a cobiça. Assassinaram-na em Billancourt, n'um passeio nocturno, que haviam proposto á excentrica oriental.

Justamente nessa noite, Sturel, que de ha muito perdera de vista aquella antiga relação, fazia o mesmo passeio com Mme. Alison e a filha, a sympathica Tereza, de quem andava de cada vez mais enamorado.

Elle os viu passar e reconheceu-os vagamente, a Aravian e aos dois rapazes.

Quando se propagou a noticia do crime e que a

policia deteve Racadot como suspeito, elle communicou aquelle encontro aos companheiros, e, portanto, a certeza em que se achava de que fôra detido um dos verdadeiros assassinos.

Immensa anciedade o suffocava. Sturel via que tinha em suas mãos as cabeças de Racadot e Mouchefrin. Nenhuma prova contra Racadot, nenhuma suspeita sobre Mouchefrin. Mas devia ser elle o denunciante daquelles seus desgraçados companheiros ?

Afinal a policia descobriu um cofre com as turquezas e as perolas roubadas a Astiné Aravian. Estava na provincia, em Verdun, com uma amiga da Leontina ; fôra o proprio Racadot quem lh'o remettera em confiança.

Para este, portanto, não havia mais a fugir. Sturel-Lefort, que se constituirá seu advogado, comprehendeu isso de um relance. Tratou, então de salvar Mouchefrin.

Havia uma razão particular para ao menos deixar em unidade o infeliz que já agora não se podia mais esconder sob as negativas até ali razoavelmente sustentadas. Renaudin fizera excellentes reportagens sobre o assumpto. Toda a imprensa utilisou-se d'ellas. Soube-se que o indigitado assassino era o discipulo de um dos mais distinctos professores da Universidade, o Sr. Bouteiller. Por esse tempo andava travada calorosa polemica entre clericaes e anti-clericaes. Unanimemente os primeiros apontaram o caso do bacharel assassino

como um effeito da educação administrada pela Republica. E Bouteiller, agora candidato á deputação por Lorena, foi prevenido por seus amigos de Nancy de que se estava explorando o crime de Billancourt contra a sua candidatura. Por isso Bouteiller ligou-se secretamente a Suret-Lefort para defender Mouchefrin, que o comprometteria moralmente ainda mais.

E conseguiram seus fins. Nem Racadot nem Sturel o quizeram comprometter. Aquelle foi bastante heróe para resignar-se a perder sósinho a cabeça, a ser a victima expiatoria de todos esses outros ideologos reunidos. Na consciencia de Sturel, das lutas terriveis em que elle intimamente viveu, e apezar da influencia de Rœmerspacher, que desde o primeiro momento opinou francamente pela denuncia formal, triumphou o sentimento da misericordia.

Houve um só do grupo formado em Nancy que teve a coragem atroz de assistir ao espectaculo no dia em que guilhotinaram Racadot : foi Renaudin, por dever de officio, para colher detalhes, tanto mais que este assumpto é que o puzera pela primeira vez em verdadeira communicação com o publico e que fizera que elle fosse lido, obrigando d'este modo os directores a augmentarem-lhe o ordenado.

Justamente a parte tragica do livro é a que se póde assim em poucas palavras referir.

E é porque no fundo essa tragedia individual é

completamente secundaria para o autor. Si nestas quinhentas paginas que quasi acabamos emfim de resumir ha um romance, é o de um grupo symbolico, representante da ultima geração de francezes que veiu tomar posição em Pariz para a conquista do mundo. *Os desplantados* pretendem ser uma sequencia á *Historia dos Treze*, de Balzac, e a *A Obra*, de Zola, vêm para paginar-se na especie de poema cyclico que os tempos vão produzindo com a historia dos heróes de Pariz.

No momento em que de todos aquelles esforços reunidos junto ao tumulto de Napoleão o que apenas surde é a resolução de crear um jornal, Maurice Barrès reconhece-os e os declara em verdadeira bancarota. Portanto, a fabulação do que lhe interessava, na verdade está feita. Elle segue até o fim Racadot, porque em todo caso este é o que acaba melhor para desfecho do livro. E preciso, porém, dizer-se que a esse mesmo acompanhamos com certo canção, vendo embora que elle caminha tropego, inteiriçado n'uma alva sinistra, porque vae demandando o patibulo da guilhotina.

Dos outros Maurice Barrès segue mais adiante um pouco sómente com Suret-Lefort, a quem deixa, afinal, depois de o fazer produzir um discurso de banquete politico na provincia, em Lorena, por onde acaba de ser eleito o Sr. Bouteiller, que os desplantára a todos d'ali e que por isso recebeu agora o premio com que assim o habili-

tava para os mais altos postos do mundo Lorena, a reconhecida.

Os mais, como dizia Racadot a Moucheffrin, uma vez, « na maior parte hão de ir longe ; não que sejam uns genios, mas porque em todas as gerações é preciso encontrar homens que preencham os logares ».

Agora, o grupo, a individualidade collectiva, essa é que irremediavelmente falhou.

Maurice Barrès explica por que. E' porque o que quer que seja de imaginario, mesmo a figura de Napoleão, em 1884, é incapaz de fornecer a unidades juxta-postas a faculdade de agir em acção commum. Boa para impulsionar certos individuos, esta grande legenda não póde dar consistencia áquelle grupo, nem inspirar-lhe uma resolução. E para onde, pergunta elle, haviam de se dirigir os sete bachareis, que objectivo visar, a que unidade reunir-se ? Todas as forças vivas do paiz, a administração (incluidas n'ellas as forças armadas), a religião, a lavoura, as industrias, existem sem coordenação entre si ; pelo contrario, no que se applicam é em destruir umas ás outras. Só os syndicatos operarios têm confiança em si, conhecendo suas origens e sabendo o que querem. Mas elles nasceram de um movimento de odio contra a fórmula social existente, e lutam por anniquilal-a, enquanto de seu lado a administração esforça-se por destruil-os. Manifestamente, a França, conclue elle, está dissociada e está em verdadeira

decerebração. Além disso, o systema das « humanidades » não torna o homem apto á cultura, ao commercio, á industria ; pelo contrario, o desvia d'ahi.

A administração prepara os bachareis exclusivamente para ella, para que elles venham a ser funcionarios. Ora, estes se recusam a obedecer-lhe ; portanto, além de dissociação e decerebração nos corpos sociaes, ha ainda mais a deserção. E si verificarmos que as forças constitutivas da França se acham dissociadas e contradictorias, não se póde deixar de admittir que o poder de reprodução baixou, que o fundo da vida franceza, de sua verdadeira realidade, da sua energia, foi seriamente attingido. *O que parece constatar que a resistencia das fronteiras enfraquece e que o espirito allemão, por todos os lados, em todos os sentidos, espraia-se, diffunde-se no territorio e no espirito francez.*

Julga quem faz os presentes commentarios a *Os Desplantados*, que esta ultima frase é o eixo de todo este livro ; que o originou principalmente a dolorosa e amarga convicção da idéa evidenciada por ella afinal. E foi para destacad-a opportunamente, convenientemente, para lhe dar um fundo capaz de realçal-a melhor, que em grande parte se escreveram as paginas anteriores a esta.

VII

Ainda mais, *Os Desplantados*, são menos um grito de alarma que um disfarçado murmúrio de angustia ; parece terem sido escriptos fóra das fronteiras da França por um triste prisioneiro de guerra sob a vigilancia e a censura de sentinellas germanicas.

E em que especie de guerra foi este colhido ! na intellectual, de idéas contra idéas, a unica que é verdadeiramente decisiva, porque essa, nas victorias, alcançadas, colhe, de envolta com os louros symbolicos, a alma propriamente dita, o fundo de resistencia, a cellula matriz do vencido.

O fim premeditado, o fim confessado do livro é constructivo : *Os Desplantados* são a primeira parte que se publica de uma trilogia que Maurice Barrès intitulou : *O Romance da Energia Nacional*. As outras duas se chamarão : *O Appello ao Soldado* (1), *O Appello ao Juiz*. No entanto não haverá um leitor que ao percorrer esta primeira se não sinta lasso, descorçoado, abatido, apesar de haver ahi, por intermittencias ás vezes largas, tantas paginas vivazes e heroicas, como são quasi todas as que eu pude no presente trabalho resumir.

(1) Já se publicou este livro.

Maurice Barrès, n'este livro, apontando as diversas causas da dissociação e decerebração da França, por elle affirmadas, insiste particularmente no phenomeno que lhe deu o titulo da obra, o da transplantação do provinciano para Pariz, que priva os melhores especimens de cada geração das condições em que elles poderiam expandir-se como cidadãos, tirando-os do solo que lhes era proprio e lançando-os no *quartier-latin*, esse bazar intellectual, e na Universidade, onde respiram uma atmospherá feita de todas as raças e de todos os paizes, em que mestres eminentes, bibliothecas enormes lhes offerecem desordenadamente todas as affirmativas e todas as negações.

« A' hora em que eu escrevo estas linhas, diz elle, ha setecentos e trinta diplomados em lettras ou em sciencias que solicitam logares no ensino; desde que obtêm um diploma, se persuadem que o Estado fica em debito para com elles. Emquanto esperam, mais de quatrocentos e cincoenta se entregam, para viver, a explicações particulares. E' quantos logares vagam por anno para se lhes dar? Seis. Mas isto não os desanima nem á Universidade. Ha tresentos e cincoenta alumnos gratuitos que se propõem ao mesmo fim. Quer dizer que o Estado toma tresentos e cincoenta compromissos novos, quando elle dispõe, apenas, de seis logares ja disputados por setecentos e trinta individuos, que vão passar a ser mil e quatrocentos, e multiplicarem-se assim até o infinito. O mesmo acontece nas diversas outras faculdades. Aquelles que não estudaram por conta da governo, não se podendo irritar contra este, que a elles nada lhes prometteu, voltam-se contra a Sociedade. De modo que se está constituindo sob os nossos olhos uma classe particular : um proletariado de bachareis. »

Mas será isso a transplantação da provincia para o *quartier latin*, onde o escól dos jovens francezes *perde a noção de outras responsabilidades a não serem as do individuo para consigo mesmo, onde elles não sabem o que seja trabalhar pela sociedade do seu paiz, porque a ignoram,* será isso o que causa principalmente a decerebração e dissociação franceza? Virá o grande mal principalmente da formação do novo proletariado intellectual para que principalmente esse phenomeno da deserção do provinciano concorreu?

N'esse caso perdem o cerebro e dissociam-se tambem a Allemanha, a Italia, todos os outros grandes paizes europeus, em que se dão esses, mesmos phenomenos, por fórma inteiramente identica, o que revela que estes são, não a característica de um momento particular na historia de um determinado paiz, mas antes a de toda uma epoca, do estádio de toda uma civilisação.

E' futil, afinal, escrever-se um livro em Pariz com o fim de dizer aos provincianos de França que é um grande perigo para elles pessoalmente, mas principalmente para a individualidade collectiva da Patria, não já que elles emigrem do paiz, mas que se desarraiguem do solo litteral em que estava assentado o berço onde elles primeiro vagiram. Nenhuma das grandes vozes que se fizeram ouvir em França e que a constituíram gloriosa como ella é, lhes falou d'esse perigo jamais.

O vigor de espirito de uma raça reconhece-se pela capacidade de resistencia que n'ella exista a assimilar-se e dissolver-se em outra raça qualquer. Assim um povo ; assim um individuo.

Pelo contrario, não ha grandeza sem expansão : em comparação com seus dominios, a Inglaterra é apenas uma cellula. Mas uma cellula central, quer dizer com alta capacidade geratriz, que secretou de si o maior dos organismos sociaes e politicos conhecidos até hoje na historia. Não foi com passos timidos e deixando pae e mãe em lagrimas pusilanimas que o inglez roteou victorioso a Terra. Foi esquecendo-se de tudo, correndo o Mundo por amor ao Mundo, mas não obstante, levando comsigo por toda parte, embora sem pre-concepções theoricas, a Inglaterra.

De uma grande cultura, de uma extensa intelligencia, tendo feito prolongado estudo de seu assumpto, Maurice Barrès não mostra ter conhecido, no entanto, a inconsistencia do ponto de apoio sobre que elle assentou este livro do propaganda em favor da grande patria onde nasceu. Não é preciso, porém, muitas vezes que um erro se evidencie ao nosso espirito para que tenha influencia em nossas acções : não haverá propriamente a idéa, mas tem-se o sentimento d'esse erro. Virá d'ahi o constrangimento com que foram escriptas tantas paginas d'este livro, deve-se suppôr, já que ellas causam tanto canção a quem as lê.

Esse erro, no entanto, provirá muito menos de incapacidade intellectual do que de um estado de alma do autor. Barrès não partiu da causa para o effeito, mas do effeito para a causa : antes de se convencer de que os *desplantados* concorriam em grande parte para fazer decerebração e dissociação na sociedade franceza, elle já se havia convencido de que ellas estavam feitas, de que a França teve em 1870 principalmente um Sédan intellectual. Esta é que é a sua dôr matriz, é que o desvaira e fal-o attribuir a fonte de onde ella provem a causas chimericas e futeis, para talvez convencel-o de que, evidenciado o diagnostico, é facil encontrar o remedio. Si assim fosse, na verdade, qualquer alveitar politico de provincia o receitaria sem necessitar do auxilio de complicados formularios.

E Maurice Barrès tem essa obsessão de modo muito natural, muito legitimo, porque elle pessoalmente é um prisioneiro intellectual do germano. Kant, o pae do pensamento allemão moderno, Taine, Renan, os dois grandes espiritos francezes d'este seculo mais influenciados pelo espirito germanico, são os seus deuses, d'elle, porque todo o grupo de Nancy, com excepção dos tres pobretões, é feito á sua imagem e semelhança, é Maurice Barrès, mais ou menos, por quatro faces differentes.

D'ahi o elle ver decerebração e dissociação em toda a sociedade a que pertence, e o phantasma

do cesarismo allemão, como uma ameaça, pairando mais alto do que as aguias francezas.

Esse *Romance da Energia Nacional* obedece mais a uma necessidade propria do que á indole propagandista do joven escriptor francez; secretamente, talvez inconscientemente, o actor visa com elle a catechese de si mesmo. Essa trilogia é como o grito de uma consciencia que não quer ficar no silencio, comsigo mesma, bradando para firmar-se no seu proprio echo.

Sob as abobadas das fortalezas intellectuaes da Allemanha, elle teme mostrar-se covarde, quer viver á França, consentem-lh'o porque sabem que no fundo de suas acclamações ha um desespero incuravel, e que até n'estas, portanto, irá implicitamente um augurio funesto.

Mostrarmo-nos receiosos de influencias intellectuaes estranhas é já de qualquer modo nos revelarmos influenciados, peor do que isso, vencidos, porque o superior não é aquelle que evita assimilar o que não tem; é justamente quem o assimila sem perder o seu cunho individual.

VIII

Esse estado de espirito em Maurice Barrès, que representa de certo o seu definitivo modo de ser, é evidente n'este livro. Elle é um descontente de si mesmo; tambem nenhum de seus typos, visto

de perto, revelados alguns dos seus traços característicos propositalmente esbatidos n'este resumo, nos satisfaz por completo, e nenhum d'elles acaba francamente, humanamente sympathico.

Bouteiller, tão limpo, tão digno, tão heroico nas primeiras paginas do livro, logo depois, visto sob outra luz, revela-se um pseudo-philosopho, um espirito de administrador apenas, um ambicioso, que para dispôr dos fundos necessarios a sustentar sua candidatura de deputado, empreita um serviço equivoco, a *mise en scène* de uma batota da firma Lesseps e C^a, e que, antes d'isso, dando um lugar de *reporter* a Renaudin, fazia de seu discipulo mas era na verdade um espião ao serviço de Gambetta.

Das tres mulheres, Aravian, Thereza, Leontina, nenhuma se salva. A primeira, simplesmente uma representação do egoismo sensual, em busca de prazeres extravagantes, caprichosa como em geral as laïses que são ricas, mas nem uma vez revelando-se mulher, do ponto de vista superior. Matou-a a sua propria mesquinhez.

Thereza, fosse como fosse, uma menina sem caracter proprio. Nem ao menos soube casar-se com Sturel. Este, na sua inconstancia nervosa, na sua falta de capacidade para deliberações, na incompletação emfim de seu ser, pode esquivar-se ao casamento; ella não relutou, não o soube prender por fio mysterioso algum, e se foi logo satisfazendo com um diplomata papalvo qualquer.

Leontina, essa, a ultima das ultimas mulheres. Simplesmente, estupidamente um sexo. Muito appetite, quando tinha o que comer, muito choro quando a sorte lhe dava máos tratos. Como prenderam Racadot, foram Sturel e Suret-Lefort encontral-a ensaiando ninho n'uma trapeira com o desgraçado Mouchefrin.

Dos rapazes, Renaudin era um canalha, um cynico, Racadot e Mouchefrin uns despeitados covardes, que não sabiam romper, já desde a adolescencia, com os companheiros que os humilharam, que lhes offendiam a dignidade, uns individuos de máos bofes, que bem podiam ter evitado o desenlace pelo crime; os outros, uns egoistas, uns mediocres, umas almas inacabadas, rigidos dentro dos mais estreitos preconceitos plutocraticos, sem nenhum grande movimento generoso para com aquelles desprotegidos da sorte. As relações que ha entre uns e outros, não parecem relações entre moços, patricios, condiscipulos e amigos, mas as de impertinentes senhores com seus lacaios.

Ah si o mundo fosse propriamente isto, o amor á vida não passaria de uma coisa simplesmente idiota!

De uma collectividade assim o que, realmente, em qualquer tempo podia sahir? Não discutamos si a França está ou não está fazendo banca-rota; estes seus filhos taes é que não podiam deixar de fallir.

Felizmente, elles são apenas creações de Barrès. Este tem os mais estreitos preconceitos da epoca sobre essa questão de hereditariedade, é crente de olhos fechados na tal cultura applicada ao homem como um desenvolvimento da zootechnia, viciou-se profundamente n'esse erro que consiste em andar utilizando no exame dos phenomenos sociaes o mesmo methodo que se applica no estudo dos phenomenos organicos, e em olhar sempre ao homem do inferior ponto de vista zoologico.

Nem emocionado com a visita do veneravel Taine, Rœmerspacher, que é o mesmo Barrès, foge a essa perversão psychica. No proprio velho Hyppolite como o illustre escriptor deixasse cair o chapéo de sol, o que o obrigou a abaixar-se para apanhal-o, elle principiou de repente a ver apenas um animal.

« Precisamente o philosopho, que mascava de ordinario pedacinhos de pão para illudir o nervosismo e sem duvida a necessidade de fumar, e que trazia sempre comsigo d'esses gravetos preparados, tomou n'esse momento um do bolso e pôl-o á bocca. A saliencia da maxila inferior lhe dava n'estas occasiões a apparencia de um roedor. Aos olhos de Rœmerspacher, até então o que constitua o autor das *Origens da França Contemporanea* eram suas idéas, exclusivamente, seu methodo, suas abstracções. Surprehendeu-o constatar que o mestre era um corpo e que era um parente das bestas. Chocou-se com isto ligeiramente, porque via cair do céu á Terra o objecto de sua admiração; ao mesmo tempo, porém, sentiu em si uma alegria indizível, por ver que um homem como aquelle estava sujeito ás condições da animalidade ... Rœmerspacher conheceu que

sua veneração se transformava em um sentimento fraternal. Emquanto andavam, ao voltarem do passeio, elle se interpretava a si mesmo como um animal philosopho, porém mais moço, que se propunha a apropriar-se da alma de um condemnado á morte para lhe servir de immortalidade. »

Maurice Barrès não vê na Vida a estranha Vida propriamente, subordinada a grandes leis incognosciveis, que em vão quereríamos abranger n'uma fórmula ; vê n'ella o reflexo de mesquinhas subjectivações humanas. Para elle, parece, as theorias são mais exactas do que a Natureza é real. De modo que os seus homens não procedem d'esta, são homunculos nascidos d'aquellas e por ellas dirigidos automaticamente. Não ha ar nos horizontes que elle abre, não ha vida propriamente, porque não ha indefinido, nos movimentos dos seus personagens, não ha destino, fatalidade natural, não ha verdade, portanto, nos deslocamentos de massas que elle provoca e nos desfechos de sua fabulação.

Mas assim não se póde ser jamais um creador, um expoente da grande verdade. Assim, é inevitavel, quando se quer fazer um romance, em vez de homens produzimos magros symbolos de idéas, em vez de acção vital conseguimos um secco combate de theorias. Tudo, menos *humanidade*. Só com esta, entanto, o coração é solidario ; o homem só se emociona quando é do homem propriamente que se lhe fala ; por este, amando ou odiando, é que lhe é possivel ter *sympathia*.

Reunindo-se a isto o descontentamento de alma que anda em Barrès, comprehenderemos facilmente a razão do canção que nos produz a leitura geral do livro e o mal estar em que ficamos do encontro que tivemos com todos os seus personagens.

Não póde ser uma supposição gratuita esse estado d'alma que attribuímos a Barrès. E' impossivel a um francez germanisar-se espiritualmente, sem perder o equilibrio. Podem dizer que isso não se confirma n'um Renan, não se confirma n'um Taine. E' exacto. Mas porque elles tiveram a força bastante para ser logicos até o fim, despiram-se do patriotismo como de um preconceito inferior. Andaram mal? Elles o podiam fazer, porque para os grandes espiritos ainda é uma estreita patria todo o Planeta.

Demais, esses especimens humanos são bastante superiores para se deixarem dissolver completamente em quaesquer outras individualidades, em qualquer outro typo, estrangeiro ou patricio. Taine e Renan, por terem aceitado em linhas geraes a direcção espiritual de um Kant, de um Spinoza, de um Strauss, não perdem o fundo pessoal e o de escriptores francezes; deixam de o ser no que verificam haver preconceito, para, vencendo este, dilatarem e melhorarem o typo, de accordo com os novos ideaes que elles trazem.

Mas ainda assim, como seriam de outra vastidão aquellas paginas d'*Os Desplantados* que se repor-

tam ás palavras do illustre mestre ditas n'aquelle passeio em que elle, Socrates modernó, glorificava com o seu contacto um joven provinciano estreante, si em vez de um critico, eminente embora, mas embuido de influencias estranhas, as tivesse pronunciado por inteiro um independente Poeta francez !

Porque taes palavras são bellas, mas inacabadas.

Em vez de perguntar a Roemerspacher, antes de tudo, si elle tinha recursos, um Poeta, lendo d'elle umas paginas characteristics, como deviam ser essas que o joven escrevera sobre um querido mestre, se houvera logo orientado sobre este ponto. Porque para o Poeta o recurso principal é o genio. Riam-se os nullos, os mediocres de sua ingenuidade : ella é mais sabia do que todas as outras estreitas sabedorias do mundo.

Este não corre tanto risco pela falta de metal como pela deficiencia de espirito. Perguntar si se traz dinheiro para ficar tranquillo sobre a efficacia da acção que vimos offerecer ao mundo é, em ultima analyse, caracteristico de simpleza. Os grandes mendigos têm sido em geral os revolucionarios da Terra. A injustiça do mundo, que sempre acompanha, a miseria, fará do mediocre um criminoso, mas faz do superior um santo : ella o illumina para redimir todos os seus outros irmãos pelo destino.

E o Poeta não indagaria, decerto, si um joven

verdadeiramente de eleição tinha companheiros com quem communicasse idéas. Elle saberia antecipadamente que sim,—embora que fosse no outro hemispherio, porque tinha de si para si assentado que almas d'estas são sociaveis por excellencia, têm beijos e abraços na palavra, no simples olhar; mas que por outro lado communicações absolutas só as realisam com outras almas absolutas como ellas; que seres assim não são homens de sociedade, são a associação synthetica de todos os homens; que elles olham para o mundo como para um brinquedo de creança, rindo-se um pouco, mesmo dos proprios Taines, mas que até esse sorriso n'elles é santo, de modo algum se podendo confundir com o desdem do ignaro.

Finalmente, de frente ao plátano da praça dos Invalidos, elle apontaria com o mesmo chapéu de sol, ou com uma bengala, si não fosse simplesmente com o indicador, para o mesmo ser verdejante, fazendo-lhe uma identica apothese. Mas, ao concluir, lembraria que, no entanto, aquelle rumoroso heróe vegetal estava preso litteralmente ao solo por umas cadeias de que dependia estritamente a sua conservação, que elle não tinha órgãos capazes de retratar-lhe n'alma o que se chama um horizonte, nem pensamento que o fizesse vôr até o incognoscivel. E que, si ainda assim elle aceitava a Vida n'aquella festiva e secular attitude gloriosa, si, nas estreitas contingencias de seu ser, soubera crear-se uma liberdade,

soubera optar por uma orientação, e se fazer até certo ponto um destino, porque é que o Homem, livre para percorrer a Terra, photographando no cerebro a cada instante o infinito, voando para elle, quando lhe apraz, nas azas de sua imaginação, não se havia de julgar humildemente, porém tranquillamente um deus, o filho predilecto da Liberdade, e não havia de aspirar encontrar-se um dia, elle proprio, infinito !

Mas si um Taine é susceptivel de se prejudicar com taes influencias, muito peor, é claro, para os espiritos de segunda ordem. Estes podem mudar de patria, mas lhes seria fatal perderem o patriotismo propriamente. Um francez aborrecerá a França tendo passado a amar a Allemanha ; mas o que lhe seria impossivel, sem que se lhe abalasse profundamente o moral, é que elle deixasse de ser francez e allemão para melhor amar todos os homens. Isso pede um coração muito vasto, pede muita profundidade de alma. O cosmopolitismo é a annullação pelo menos de todo o civismo nos especimens inferiores.

Maurice Barrès é um patriota : *Os Desplantados* o ~~dem~~ demonstram. Não procuremos outros argumentos. E' desnecessario ver, por exemplo, qual tem sido sua attitude na questão Dreyfus.

Mas um patriota francez de cultura germanica não póde deixar de ser um homem que ande em luta comsigo mesmo. Estas são coisas *qui hurent de se trouver ensemble*.

Os aryas, os semitas, os gregos, os romanos, todas as raças, todos os povos cuja expansão foi sem par em certos momentos da historia, ou que se deu estando elles segregados de outros que os pudessem offuscar, todos foram levados a crer que se achavam em supremacia definitiva e indiscutivel, desdenhando, correspondentemente, do restante dos povos da Terra. Vemos na mythologia comparada os deuses das raças vencidas baixarem á categoria de demonios, o que implica todo um systema deprimente organizado, de que é esse phenomeno uma resultante synthetica.

E' o que se dá agora com os germanos, incorporados a elles, principalmente os anglo-saxonios e os scandinavos. Quem acompanha as suas litteraturas, vê que a consciencia de um destino commum se vae despertando na raça de cada vez mais accentuadamente, que elles procuram sempre comprehender-se melhor entre si, enriquecer a massa de idéas que lhes sejam communs e reconhecer nos typos representativos de cada um dos povos em que se acham constituidos, o typo da raça em geral. Pouco a pouco os defeitos vão sendo tomados como qualidades e estas como superioridades sem par. Por outro lado, oblitera-se n'elles o senso critico capaz de julgar outros povos com missão historica contemporanea. Tudo elles vêm do ponto de vista que lhes é proprio, a que elles devem sua differenciação, e em que

precisam insistir para lograrem o desenvolvimento a que ainda aspiram.

Um francez, portanto, de cultura germanica é um systema de idéas contrariando todo um systema de sentimentos. Assim, é coisa muito natural o desequilibrio de um Barrès.

IX

Dir-se-ha que essa differenciação hoje em dia, com todos os apparatus de propagação, de diffusão intellectual que utilizamos, e com todo este systema de relações intimas e constantes que a civilisação contemporanea estabeleceu, é uma phantasia a Vico, uma supposição gratuita de retorno na vida dos povos, de repetição nos grandes phenomenas da historia.

Pensa quem escreve estas linhas que o cosmopolitismo é uma victoria sobre a barbaria, mas que, por outro lado, combater-se radicalmente o espirito nacionalista seria deficiencia lastimavel de capacidade intellectual. A civilisação tenderá de cada vez mais a unir a Humanidade, mas sempre de accordo com o progresso da affirmação, do advento do Individuo.

De homem para homem não ha verdade relativa, mas cada um de nós deve ter o seu modo vel-a. E' apenas uma questão de temperamento, de côr peculiar á visualidade de cada um, isto com os

individuos, como com os povos e com as raças entre si. Mas sonhar com a unificação da Humanidade pela annullação dos temperamentos é não comprehender a necessidade do matiz para a harmonia das côres e a multiplicidade d'estas para a esthetica da Natureza. Um dia virá em que todos os homens prosternar-se-hão no altar de uma só crença, cada um d'elles, no entanto, genuflexando a seu modo. Assim uma campina, quando o sol vem nascendo, arfa toda inteira, verde oceano vegetal, ao sopro da aragem matutina, mas cada folha com a graça do movimento que lhe é proprio, irisando-se tão variamente, conforme a posição que occupa e á capacidade de reflexão que offereça.

As nacionalidades subsistirão vivazes, e com ellas os multiplos povos, as differentes raças humanas. As lutas, as rivalidades, as emulações, portanto, serão egualmente mantidas, embora modificando-se na sua expressão.

Para evidenciarmos a differenciação que existe entre o genio germanico e o do espirito francez, basta-nos comparar entre si dois typos representativos de um e outro povo, menos ainda. só precisamos ponderar como um pensamento geral, a ambos commun, toma aspecto tão differente, segundo o seu reflector.

Vejamos, por exemplo, o que é o pantheismo de Gœthe e o que é o pantheismo de Hugo. N'esta muito incompleta eliminação do anthropomor-

phismo, uns claros vestigios, illogicos embora, contradictorios, de visão semitica. Pan ainda vagamente subordinado a Javeh. N'aquelle a força da abstracção indiana, junto a uma perfeita idealisação consciente de si mesma, e d'esta alta synergia renascendo Apollo, symbolo risonho da Omnipotencia inapprehendida, mas sentida profundamente e por isso profundamente amada.

D'aquelle producto de retardação philosophica nasce o espiritualismo de que está embebida toda a obra do gaulez; da mais alta expressão de intellectualidade que um poeta tenha até hoje formulado na nossa civilisação, que é o que representá a obra do grande germano, vem toda essa corrente naturalista da Sciencia e da Arte contemporaneas. No pantheismo de Hugo, no entanto, ha um definido Pan, pelludo e de beiços sensuaes, embora ainda um tanto embaraçado pelos *dijecti membra* de um outro deus em dissolução. No de Goethe, Apollo, bem se vê, é apenas um signo, a ultima concessão ás necessidades symbolisticas da Especie. O concreto representando o abstracto, que é aqui o verdadeiro objecto de fé Onde a razão de corollarios tão oppostos então? No indefinido, penso eu, do genio de cada um dos dois povos.

E estes, como os individuos, vão desenvolvendo instinctivamente as qualidades que melhor correspondem ás suas necessidades de expansão e conservação, de modo que o genio é um conjuncto de forças obedecendo a esses determinados fins.

O systema de idéas germanico que provem d'aquella concepção philosophica incial é perfeitamente logico, porque está de accordo com a necessidade vital da raça, sendo todo elle, desde as hypotheses da anthropologia até o romance do Futuro, a maravilhosa glorificação d'esta e o seu hymno triumphal de esperanças.

Mas, por isso mesmo, elle é para os outros povos um verdadeiro canto funerario, tão seductor, aliás, que os peregrinos, detendo-se por muito tempo a ouvil-o, cahem n'uma doce hypnose, convencidos de que o anniquilamento d'elles é inevitavel, mas abençoando-o ao mesmo tempo, porque é preciso que o Grande Povo, o Arya moderno, se aproprie de todo o Planeta, e o povôe inteiro, eliminando quaesquer outros elementos, para a dignificação do Homem, que constituirá a Superhumanidade então.

Barrès é um d'esses viajeiros transviados. Apenas, como não pode fazer o coração mudar de Patria, é um convencido recalcitrante, é um revoltado contra a sua fatalidade, que, aliás, no intimo elle reconhecerá muito justa. E' d'esse estado de alma que nasce toda a parte má do seu livro.

As paginas extraordinarias d'*Os Desplantados* quaes são ? São todas aquellas em que elle fala como pantheista naturalista, das coisas. As inferiores são todas as outras com preocupação de patria propriamente. E' que as primeiras lhe

nascem da alma, são o producto de sua cultura, o fructo de suas crenças, a sua sincera e leal expressão; as outras vêm da necessidade de propaganda, resultam de transacções no intimo do espirito, reveladoras de incompletação de desenvolvimento em sua individualidade moral. O livro intenso de Barrès seria aquelle em que elle tivesse o heroismo de aconselhar á sua patria nobreza e coragem para morrer dignamente. Porque é d'essa funebre idéa que anda tomada sua alma, é do prognostico que a implica que palpita pathologicamente cheio o seu coração.

Chegados que estamos a este ponto, é preciso dizer agora que não foi para discutir a these de Maurice Barrès, nem mesmo propriamente para criticar o seu livro, que eu empreendi este trabalho. Muitos outros tenho lido como este, onde ha bom e máo, que não impuzeram essa necessidade ao meu espirito. Foi sim principalmente para assignalar a decadencia intellectual de que, vê-se pelas paginas d'esse livro, está a França actualmente a soffrer. E' a constatação d'esse phenomeno que dá a *Os Desplantados* um logar excepcional; elles valem mais como um symptoma do que como uma obra de arte. Quando um escriptor notavel, representante de um grande povo, não póde reprimir gritos de angustia como este, fica-se impressionado sem querer, como que sentindo a aproximação de indefinidos cataclysmos, de deslocações historicas que irão modificar pro-

fundamente a trajetoria de toda uma civilização.

Além d'isso, o que tambem impressiona muito n'este livro é ver os effeitos lastimaveis de uma dada cultura sobre um espirito que é para ella estrangeiro. Lê-se um Goethe e fica-se illuminado, lê-se um Balzac e sentimo-nos crescer mais um covado; mas lê-se Barrès e elle nos deixa sem a orientação que levavamos. Parece-nos o homem de Weimar, com as suas theorias, mas absolutamente sem a sua intuição, um Goethe minorado, reduzido, falseado, tornado, em ultima analyse, ridiculo. Wagner, do Fausto, fazendo o seu homunculo, Wagner na sua phase de materialão.

D'este livro¹ por diante tem-se receios de abrir uma obra dos contemporaneos francezes. Como que queremos convencer-nos de que os germanos têm sobre elles toda a especie de razão.

X

Felizmente se nos desturva o espirito por fim. Reconhecendo a plausibilidade do diagnostico que n'este livro se formúla, em relação ao momento que a França atravessa, vê-se em todo caso que uma boa parte da depressão que elle nos causou é originada no vicio visceral que affecta todo o livro; que a humanidade d'este é má, não tanto porque

n'uma phase de decadencia só haja degradados especimens humanos, como porque o autor tem mais curiosidade do que sympathia pela vida e pelo homem, tem mais interesse theorico do que necessidade de desabafar nos seus typos o seu proprio coração, porque elle é um dogmatico, e como todos os dogmaticos um estreito, finalmente porque Barrès, á vista de tudo isto é um antipathico (digamol-o sem dar ao vocabulo sua accepção odiosa), nascendo d'ahi a antipathia caracteristica de todas as almas que elle faz.

Mesmo nas epocas das grandes e indiscutiveis decadencias historicas, pugillos de almas extraordinarias se encontram, umas dignificando os sequitos funerarios da epoca, outras ainda mais extraordinarias, voltadas para o Futuro, desmentindo epithetos deprimentes ao seu tempo, como para negar a existencia de suppostas soluções de continuidade em phenomenos que, muitas vezes, si não sempre, representam, em ultima analyse, apenas simples transições para um modo de ser superior. Lembremo-nos por um lado de um Tacito, de um Juvenal, ou de um Marco Aurelio, e por outro de um S. Paulo, de um Tertuliano, de um Santo Agostinho. Os Petronios, os Apuleos, os Aulu-Gellos, os Lucianos, não são os que dominam esses tempos.

Esvae-se aos poucos o estado indefinivel em que nos põem *Os Desplantados*, egual áquelle em que se fica nas vespervas dos grandes convulsões ter-

restres. Reflectimos que hoje seria difficil virar Carthago pelo avesso, mesmo que fosse uma unica vez. O cosmopolitismo da industria ja vae casando os seus interesses nas grandes conjuncturas com os sentimentos humanitarios que ainda não possam por si unicamente se fazer valer. A não ser uma reproducção das catastrophes que sepultaram os velhos emporios semiticos, mesmo que a França fique bloqueiada por uma liga formal da raça germanica entre si e de um encontro dos interesses d'está com os de todo o resto do mundo, ainda assim, talvez não seja até o fim do seculo que se veja no logar que hoje a França occupa, um simples montão de cinzas.

Irá mais vagorosamente tudo.

Talvez, pelo contrario, phenomenos com que ainda não se conta, de que ainda não se conjectura, se dêem antes d'isso e venham influir mais na historia do Futuro do que a propria eliminacão da França, mesmo que ella occorresse amanhã.

Póde ser que a Humanidade ainda tenha tempo de ver florir n'outro ponto d'esta espherode uma cultura que possa substituir á franceza para completar de qualquer modo a germanica em alguma deficiencia que esta por acaso offereça.

Mesmo pelo peor, quando seja uma risonha fatalidade inevitavel a civilisacão germanica ficar dominando a Terra, tão só como o Brahma indiano o ficou durante cento e dez milhões e quatrocentos mil annos solares, no começo da creacão, ainda

assim não ha propriamente motivo para graves apprehensões agora, porque ellas devem caber a esses tempos que estão por vir Cada dia com o seu cuidado. E esses hão de resolver pelo melhor para o destino do Homem, como até hoje tem acontecido. Agora, aventurando-se uma ultima hypothese, a de que possa acontecer um dia á Especie transviar-se por tal modo que nunca mais chegue a corrigir o erro, e que assim venha a desaparecer de sobre a face da Terra, pôde causar-nos certo embaraço a lembrança d'esse perigo que alguns acharão não ser de todo impossivel. Comtudo, uma alma verdadeiramente grande poderá trazer a tranquillidade ás outras, estabelecendo que mesmo assim talvez não se perca tudo, porque é provavel que a Natureza fique, nada tendo demonstrado até aqui que seja necessaria absolutamente para que ella não pereça a conservação do Homem por todos os millenios que ainda tenham de vir, nem até a do Planeta, nem a do Systema, nem talvez a de todo o Universo que podemos com a vista ou ainda com o pensamento abranger.

Si Maurice Barrès tivesse olhado as coisas d'este ponto de vista, talvez não existisse agora aquelle seu livro, aliás tão curioso, tão singular.

Um francez ficar apprehensivo com a hegemonia da raça germanica! E então como havemos de ficar nós outros, irrisorios negroides da America do Sul?!

No entanto, nós temos o atrevimento de nos rir de todas essas theorias-espantalhos, feitas para serem pensadas por uma parte da humanidade e odiadas pela outra. Achamos que a capacidade de conquista revela-se principalmente pela do amor, e que a raça que em vez d'este tem desdem ou desprezo, tem implicitamente incompreensão e inferioridade.

Diríamos, pois, á França, si ella nos pedisse o nosso modo de ver sobre esta questão, que é possível, é certo mesmo vir um dia em que ella deixe de presidir com sua autoridade intellectual aos destinos do Mundo, mas que só ha de substituil-a n'essa funcção o povo que melhor souber amar, que, portanto, mais respeito e mais profundamente entenda cada ser.

1898.



O « CYRANO DE BERGERAC »

O « CYRANO DE BERGERAC »

DE EDMOND ROSTAND

I

DESDE V. Hugo, ainda nenhum outro poeta obtivera no theatro francez o que se chama um successo verdadeiramente estrondoso. O *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand, abriu o anno de 98, tão penoso para a grande patria, dando-lhe, no meio das intestinas angustias politicas em que ella se debatia, o extase delicioso de quem assiste a uma cara resurreição. Pariz cantava de novo para a Terra á luz da ribalta, tudo em torno se calava por um pouco em todo o mundo civilisado, como sob a hypnose de um verde luar magnetico, para delirar deliciosamente, desposando como si fosse proprio o sonho de um joven poeta, n'uma doce idealisação do Homem.

E, si este sonho trazia lagrimas aos olhos, é que era humano, tinha um fundo real, e, portanto, consolador e bemdito (porque só emociona o que

é nobre), representava uma visitaçào da Crença á Alma n'este agro fim de seculo funebremente silencioso e surdo, em que o coração aperta, como na approximaçào de uma formidavel tormenta.

Seria o primeiro badalar de ouro de umas inesperadas matinas? Entào toda esta angustia de hoje, de esmagadores joelhos de ferro, trazia, com tudo, o transitorio de um mero pesadelo, que nos suffoca mesmo quando, muitas vezes, já nos está sorrindo francamente, toda de nacar e de ouro, a deliciosa madrugada?

Nenhuma voz divergente conseguiu elevar-se sobre o côro de applausos que o poema d'esse joven quasi desconhecido arrancou a quem teve a felecidade de bebel-o, como n'um rio em que deuses se dessedentassem, aos labios tremulos de Coquelin, na transfiguraçào magnifica em que uma primeira rócita põe os interpretadores extraordinarios. E, ainda mais, até hoje, entre os que simplesmente se hajam communicado com elle n'uma leitura ordinaria, despida de todo o apanagio das encenaçõe, de todos os complementos proprios do meio a que elle se destinou, não houve um só espirito notavel cuja critica, capaz de sobrenadar movimentada, emocionante na onda morta da banal contradicta universal, viesse cor-roer-lhe o merito, sujeital-o a uma reduçào inil-ludivel, de um ponto de vista superior, de onde se tornassem patentes os seus defeitos, e o que haja

n'elle de valor occasional, que tanto vale dizer passageiro.

Si ao glorioso moço poeta sua obra de successo pode trazer alguma séria mortificação, essa será a da responsabilidade esmagadora com que elle, hoje pouco além dos trinta annos, tem agora de caminhar na sua vida de artista até o fim.

E' de fazer caçafrio a idéa de ser acclamado Hercules ainda no berço, de nascer suffocando as serpentes de Juno, despertando no mundo inteiro a expectativa risonha e anciosa que se tem por um salvador,—porque em todas as epocas ha Eurymanthos e ha Cretas aterrados sob a assolação de monstros, ha emocionantes Prometheus com abutres a bicar-lhes o figado, e tristes Atlas pedindo que os alliviem por instantes do peso suffocante do mundo sob que lhes estalam as vertebraes,—e no entanto sentir que a energia da musculatura e do systema nervoso não corresponde á grandeza dos outros trabalhos que o esperam; pôr pé em terra em todo o vulto da sua estatura para, desde logo, effeminado, (no fundo da alma espavorido de tanta ignominia) ir sentar-se ao lado de Omphale, vestir trajos de mulhes e fiar pacificamente, como uma escrava fiandeira, ao seu lado.

Cyrano de Bergerac é a ultima palavra no que se chama factura, falando-se da alta litteratura theatral. Elle é um producto de accumulção, não representa uma destreza individual apenas, mas a de toda uma raça entregue a um *métier* para ella

quatro vezes secular. Como que todo o Pariz do alto theatro contemporaneo collaborou na combinação da machina que ha n'essa peça, rectificou-a, aqui supprimiu superfluidades, ali desenvolveu formulas que estariam excessivamente laconicas, com carinho de autor, e de um modo tão completo que talvez o delicioso defeito d'ella esteja na sua desesperadora perfeição, na artificialidade que resalte d'esse laborioso acabamento.

Uma movimentação maravilhosa, junto a uma magica variedade encantadora.

II

Sóbe o panno pela primeira vez pondo em frente do theatro que assiste a um outro theatro que se exhibe, quasi espelho contra espelho, com a deliciosa differença, porém, de que o exhibido é uma risonha evocação do passado, quasi a parodia do nosso Hoje, tanto o Pariz dos marquezes empoados é miniatural, primitivo, esturdio, diante d'este colossal Pariz do burguez, constituido com as lavas da Revolução que suffocaram a cidade nobiliarchica.

Isto por um lado, mas, por outro, tal evocação parece um sonho de alma nostalgica, não parodia mas idealisação, tão pacifico, tão risonho, tão pittoresco, tão invejavel, afinal, aquelle tempo, que nunca mais voltará, nos sorri, flórula melin-

drosa, nascida, como um requinte de cultura, ainda sob a protecção da estufa medieval, expressão suprema, por um lado encantadoramente mundana, de um equilibrio social conseguido com muita artificialidade, mas de boa fé, no qual, por isso, vemos os que lhe fecham a cupola sorrir com tão radiante e assombrosa segurança. Seja como fôr, esses seres representam a Humanidade n'um dos seus momentos de mais doce illusão, em que ella sonhava ter chegado ao seu ultimo estadio, muito satisfeita, pois que este lhe offerecia, em curús e velludas poltronas, um interminavel setimo dia de risonho descanso.

Edmond Rostand tumultúa toda aquella pequena multidão historica, diante do silencio embevecido da turba colossal do seu tempo, com a suprema arte franceza, — n'uma ordem perfeita, como digno herdeiro dos Corneilles, dos Racines, dos Hugos, abrindo d'este modo a peça com um vasto, curioso e variado scenario cheio de movimento, que deslumbra, attrahe e prende o espectador até leval-o magicamente ao ultimo verso do primeiro acto.

Dá-se o segundo entre bastidores de um imprevisto contraste.

Estamos n'uma vasta *rôtisserie* d'aquelle mesmo Pariz de outr'ora. Começa a amanhecer. Adens, patos, pavões pendem melancolicos o pescoço ainda emplumados, com as azas inteiricadas e semi-abertas, suspensos no ar. Em grandes vasos de faiança, altos *bouquets* de flôres

naturaes, principalmente amarellos girasóes. Immensa chaminé, sobre a qual os assados cheirosos choram enxundia nas pingadeiras. Isto no primeiro plano, á esquerda.

A' direita, no segundo plano, dá uma escada para o sotão, onde ha uma pequena sala com mesa posta; é ali que se vae comer e beber. Vê-se tal peça da casa por uns postigos que estão abertos. Um corredor, em seguimento á escada, parece levar a outras pequenas salas analogas. Fornos, na sombra, sob a escada, crepitam ardentes. Reluzem os metaes. Giram os espetos. Os assados já promptos vão se amontoando em pyramides. Pendem presuntos. E' a ultima de mão matinal. O rapazio da cozinha anda todo em alvoroço, cozinheiros colossaes e serventes minusculos. Ahi vêm trazendo em folhas e em cirandas de vime grande porção de brioches, toda especie de doces. Mesas cobertas de goloseimas e de pratos. Outras, rodeadas de cadeiras, esperam os freguezes.

E depois que uma theoria de magros poetas desfila com as bochechas infladas de massa de pastel, alimentados pela generosidade fraternal do dono da *rôtisserie*, — porque o homem tambem é poeta, — atravessando-se por eiles um mosqueiteiro de insolentes *moustaches*, como uma espada se atravessa a um cinto, a vida e o curioso do quadro redobram, dando um encanto particular á acção, que se desenrola febril com a entrada de

Cyrano, o heroico, entrada sempre triumphal e dominante.

Mas, si por acaso o espectador é de tão delicada complexão espiritual que a materialidade do scenario lhe desagrade com as grosseiras suggestões que lhe possa trazer, ahi vem o terceiro acto, todo luar e perfumes, todo feito de sonho e de graças, arrebatado d'essa atmospheria inferior.

Este passa-se todo inteiro n'um jardim de uma casa do velho Pariz, á noite. Ha um balcão engrialdado de jasmins. Lianas enredam-se pelas paredes. Largas folhagens transbordam. Um luar maravilhoso transfigura tudo aquillo n'um sonho. Parece que se está fóra da Terra, tanto mais que, desde o erguer do panno, ali só se trata de amor. Mas, não tarda, das intrigas amorosas com que começara o acto, passa-se a um idyllio formal, d'esses de que nos falam as lendas medievaes. Ella, emocionada, ao balcão, e uma voz lá fóra dizendo-lhe maravilhas de amor, tão docemente amaviosas, que se nos afigura estarmos ouvindo o dobrado de um estranho rouxinol.

Aquelle idyllio domina inteiramente a nossa imaginação. De toda a peça é o que mais propriamente nos fica cantando lá no intimo. Assim, não póde deixar de ser o trecho decisivamente dominante do terceiro acto.

Já o quarto acto ahi vem, offerecendo um contraste proprio de um mundo de fadas, de cinematographo que embasbaca multidões.

Estamos n'um campo de guerra. Ao fundo, um talude, atravessando toda a scena. Divisa-se além uma planicie : por toda a parte os signaes de uma terra em sitio. Muros da cidade, e a silhueta de casarias, muito ao longe. Tendias ; armas esparsas ; tambores, etc.

O dia vae raiar. No oriente, uma viva côr de açafião. Sentineillas de espaço a espaço. Fogos. Dormem soldados, enleados nos proprios mantos. Ha outros que velam, attentos.

Logo depois que sóbe o panno, ouve-se um tiro de canhão immediatamente seguido de um rufar de tambores, muito ao longe, á esquerda. Outros tambores batem mais perto. As baterias se cor-respondem, se approximam, quasi que estrugem em scena, e vão echoando em recúo para a direita, fazendo o percurso da scena. Rumores de um campo de guerra que accorda. Vozes longinguas de officiaes.

O regimento acampado em scena é todo composto de gascões de escól, de cadetes barões, que vão a rir para a guerra, como vão para uma aventura de amor.

Nas suas fileiras o que se ouve não são imprecações nem supplicas, mas gasconhadas, altane-rias, que os trazem todos n'uma bella ira bellicosa, ou n'uma alegria nobre, despreoccupada e franca.

Em todo caso, o despertar d'esta manhã não póde deixar de revelar-se melancolico por entre disfarces fanfarrões.

Rostand se reporta n'esta scena a um dos cercos historicos que soffreu a cidade de Arras, o de 1640, determinado pelo Cardeal, quando ella tinha cahido em poder dos herpanhoes. Os francezes sahiram victoriosos, sabe-se, depois de nove dias de luta cruel. Mas, entre estes, os houve bem amargos para os sitiantes, que passaram então a sitiados, como se achavam no momento que o poeta escolheu para representar em sua peça. E sem poderem prover-se de munições de bocca, todos estão a morrer de fome. Por isso o despertar do regimento tem hoje um aspecto triste, desolado.

Diz um dos cadetes : « Eu morro ! »

« Não posso dar nem mais um passo ! » diz outro.

« E eu nem me mover ! » exclama um terceiro.

Em todo caso, elles são moços, orgulhosos e de Gasconha. Vão começando a troçar sua propria desgraça.

« Minha corôa de barão, por um pouco de Chester ! » grita um d'elles.

« Moi, si l'on ne veut fournir à mon gaster
De quoi m'élaborer une pinte de chyle,
Je me retire sous ma tente, comme Achille »

graceja um segundo.

E eis que entra Cyrano. Vê os companheiros engelhados e taciturnos, como as couves sob as geadas.

— Que ha ?

— Estouramos de fome ! dizem elles em muitas frases, que eu resumo.

Elle começa a troçar-os. A um dá-lhe a « Il-liada », que traz sob o braço, e que acabava, também esfomeadissimo, de ler para consolar-se.

As queixas continuam não obstante. Então Cyrano chama um velho pastor da Gasconha e manda-o tocar ao pifano uma velha ária lá da terra, « d'essas de rythmo doce obsedante ».

« Dont chaque note est comme une petite sœur,
 Dans lesquels restent pris des sons de voix aimées,
 Ces airs dont la lenteur est celle des fumées
 Que le hameau natal exhale de ses toits,
 Ces airs dont la musique a l'air d'être en patois. »

O velho senta-se e prepara o instrumento. Não tarda, começa a tocar uma das árias pedidas.

E Cyrano :

« Ecoutez, les Gascons.... Ce n'est plus, sous ces doigts,
 Le fifre aigu des camps, c'est la flûte des bois !
 Ce n'est plus le sifflet du combat, sous ses lèvres,
 C'est le lent galoubet de nos meneurs de chèvres !...
 Ecoutez... C'est le val, la lande, la forêt,
 Le petit pâtre brun sous son rouge béret,
 C'est la verte douceur des soirs sur la Dordogne,
 Ecoutez, les Gascons : c'est toute la Gascogne ! »

Todas as cabeças inclinam-se ; todos os olhos sonham. E lagrimas são enxutas a furto, no avesso de uma manga, ou no pedaço de um manto.

« Mas tu os fazes chorar ! » diz um amigo a Cyrano.

« De nostalgia !... » este replica. « Um mal muito mais nobre do que a fome !... não é physico :

é moral. Prefiro que o soffrimento d'elles tenha mudado de viscera, e que seja o coração agora que se lhes cerre ! »

Vem um outro episodio distrahil-os ainda mais. E' a chegada do commandante, um typão que elles odeiam. Tambem entra roido de fome. Os rapazes comprazem se em intrigal-o grandemente, fingindo que estão perfeitamente satisfeitos de estomago e de espirito.

Mas o que acaba por tornar todo aquelle acto um prodigio de encenação, de movimento, de variedade, de graça, é a maravilhosa chegada da heroina da peça, Roxane. Acabava de desposala um d'aquelles jovens barões, o mais bello entre todos, quando recebe a ordem de partir para a guerra.

— Estava muito demorado este cerco, chega ella dizendo.

— Por onde passastes ? pergunta-lhe Cyrano, que é seu primo.

— Por onde ? Por entre os Hespanhões.

— Mas como ? interroga por sua vez o commandante.

— Muito simplesmente, responde ella. Fazendo o carro passar a trote. Si algum *hidalgo* mostrava-me a fronte ativa, eu expunha o meu melhor sorriso, e sendo estes senhores, sem desfazer dos francezes, a mais galante gente do mundo, — eu passava !

— Sim, tal sorriso é um passaporte, não tem duvida, diz um barão, mas muitas vezes vos teriam perguntado para onde leis, não ?

— Frequentemente. Então eu respondia : « Vou ver o meu amante.

Aussitôt l'Espagnol à l'air le plus féroce

Refermait gravement la porte du carosse,
 D'un geste de la main à faire envie au Roi
 Relevait les mousquets déjà braqués sur moi,
 Et superbe de grâce, à la fois, et de morgue,
 L'ergot tendu sous la dentelle en tuyau d'orgue,
 Le feutre au vent pour que la plume palpitât.
 S'inclinait en disant : « Passez, señorita. »

A chegada de Roxane estabeleceu um alvoroço geral e prolongado, em todo o regimento.

- Um pente !
- Sabão !
- Dá-me uma agulha ! rasgou-se-me a camisa.
- Uma fita !
- O espelho !
- A navalha !
- Teu ferro de encrespar a *moustache*.

E' o que se ouve. Todo o regimento atira-se furiosamente a fazer *toilette*, porque ha uma bella mulher no acampamento.

Ainda, no entanto, o *crescendo* do enthusiasmo não attingira seu ápice.

Roxane não viera simplesmente n'uma missão platónica e pessoal. Trouxera no carro um armazem de viveres, uma adega de vinhos. E' um prodigio ! Todo o carro desfaz-se em munições de bocca ! Até o cabo do chicote é um magnifico salchichão !

Enthusiasmo indescriptivel, aclamações, delirio !

Finalmente, o quinto e ultimo acto passa-se no parque de um convento. A epoca escolhida para

este epilogo é a de quinze annos depois do cerco de Arras. Assim, ainda termina a peça variando deliciosamente, offerecendo em contraste ao tumultuar, aos clangores, ás bravatas de ha pouco, e áquelles dilatados horizontes do campo` da guerra, a doce, a recolhida, a silenciosa melancolia claustral.

Parece, pelo violento da opposição agora, que ja se está n'uma outra Esphera, n'um outro mundo superior. O que se ouve não são vozes, ouvem-se suspiros : dir-se-hia almas incorporeas a entenderem-se por fluidos. Quer se queira, quer não, ao terminar a leitura (quanto mais si estivessemos a ouvir Coquelin !) surprehendemo-nos a chorar, tão naturalmente, como tínhamos ficado embevecidos a sorrir logo ao começar do primerio acto.

III

Porque a perfeição de factura que ha n'esta peça theatral não vem sómente do irreprehensivel no que dependa de calculo, de sabio artificio, de justas proporções materiaes. Ha em *Cyrano de Bergerac* o que se póde chamar propriamente Arte, além d'isso.

Uns versos de ouro, sem terem o inteiriçado classico e bronzeo do velho creador do « Cid », mesmo sem se caracterisarem pelo orgulhoso opimo e irreprehensivel de Hugo, mas versos que

lembram um mel para que concorreram todas as colmeias, um composito, picado, por isso mesmo, de decadencia, mas aprazivel como nenhum outro ao paladar do contemporaneo; e, sobre isto, alma, alma em cada um d'elles, que por essa razão não nos cantam materialmente apenas ao ouvido, mas nos põem tambem a alma, emocionada, a cantar.

Ora, si existe emoção real em cada verso é que houve alma na concepção de toda a peça. Não se calcula a frio aquillo que se conta com lagrimas. Os Etnas não os constituem fagulhas juxtapostas por defastio, em horas de ocio, nem pyrotechnias de officinas industriaes.

O *Cyrano de Bergerac* é propriamente um poema, quer dizer uma obra de grande Arte. Elle é comico, junto á sua qualidade de heroico, para ser ainda mais emocional e sympathico. O riso aqui vem como o caminho indispensavel da lagrima. E' o que acontece com todo riso que se justifica, que se santifica, que se torna sublime.

Cyrano representa a alma humana na sua grandeza medieval acaçapada pela cultura cartesiana. E' a Edade Media que se domesticou em Versailles, que uma civilisação, sympathica por um lado, mas por outro lado bastarda e irrisoria, açamou ou desdentou, e que vive agora, presa a correntes de ouro, dansando como urso nas feiras aristocraticas, intimidando o poviléo, que passa á distancia e lhe ouve os urros nostalgicos, emquanto faz rir

os barões empoados que com suas chibatatinhas galantes governam n'aquelle momento o Mundo. Cyrano é a nobreza velha, a nobreza de lei que deixou de ser moda, e que não tem remedio si não andar fazendo mascaradas, passando de esguelha, a produzir momos,—no intimo tragicamente triste,—para conquistar uma tolerancia que lhe permitta viver. Cyrano é o heroismo, a honra epica que não encontra applicação no seu tempo, e converte-se então em doença, em mania, em irrisão, mas chorando e fazendo chorar toda alma nobre. E' o Cid prisioneiro de Richelieu.

Todo o mundo o sabe, Cyrano de Bergerac é um personagem historico. Foi um duellista famoso, que viveu de 1620 a 1655, entre o reinado de Luiz XII e o de Luiz XIV Filho de gente de nascimento, foi no começo de sua vida um rapaz de fortuna. Mas a estas qualidades sociaes reunia a de ser um homem de espirito. Um discipulo de Gassendi, de uma imaginação escaldante, voltado para o maravilhoso da natureza. Elle é um precursor dos Flammarions, dos Julio Vernes de hoje. Escreveu *A Historia da Republica do Sol*, *A historia da faúlha*, *A historia comica dos Estados da Lua e do Sol*.

Além d'isso, um *frondeur*. Essas proprias obras de erudição e phantasia, eram-lhe pretexto para passar em revista sob tremendas e implacaveis sarabandas os costumes do seu tempo. Elle « rachou, á penna, os autores, os actores, os medicos,

os fanfarrões, os plagiarios e os pedantes » do seu tempo.

Ainda mais, Cyrano não foi apenas um demolidor da obra alheia, elle era um poeta de criação tambem. Nos seus derradeiros momentos de vida (Rostand os faz tão emocionantes, tão sympathicamente melancolicos!) alguém lhe vem contar que Molière tirara-lhe toda uma scena de uma de suas peças, para o « Scapin ».

« Caluda! caluda! replica Cyrano, elle andou bem! »
Mas pergunta : « E produziu muito effeito? »

« Ah! diz-lhe o amigo a soluçar, não imaginas, riam-se ! riam-se !... »

« Está direito! confirma Cyrano, minha vida foi ser aquelle que sopra e que depois é esquecido. Eu o approvo, aqui á beira do tumulo, porque Molière tem genio! »

Ainda o fundo d'isto não é uma phantasia de E. Rostand. As *Fourberies de Scapin* devem-lhe, na realidade, não uma só, mas as suas duas scenas melhores. Até Corneille aproveitou-se de um dos seus outros trabalhos, *Aggripine*, de onde tirou, não só pensamentos, como ainda versos inteiros.

E é esta qualidade, de espirito que falhou, que torna este typo, conhecidas as suas outras virtudes, duplamente emocionante e adoravel.

Si, pela bravura pessoal, pelo feitio do seu character inflexivel e cavalheiresco, elle é um *arriéré* no seu tempo, um producto de atavismo impertinente, representando a Edade Media a escabujar, por outro lado, como homem de espirito, Cyrano é

um individuo que nasceu cedo demais, que precedeu a sua época, e que por isso não acha em redor de si elementos para a sua formação, para o seu surto por uma fórmula objectiva e patente. Elle é um prenuncio longinquo da Revolução, como tantos outros espiritos de seu seculo, que, quasi todos, ficaram no crepusculo d'esta meia nomeada, propria de todas as épocas e de todos os typos caracteristicamente precursores.

El é porque Rostand soube achar-lhe os seus traços mais nobres, e os soube tornar dominantes, que elle representa propriamente uma criação.

Precisa-se, no entanto, attentar mais de perto ás coisas, para conhecer a difficuldade que havia em produzir essa criação, e assim avaliar ainda melhor do seu merito.

IV

A historia do seculo xvii em França não é hoje um *pasticcio* calcado sobre o *Seculo de Luiz XIV*, de Voltaire. Já é mais vasta do que esse magnifico quadro a oleo, emmoldurado mais magnificamente ainda, onde Versailles figura, tal qual o Olympo na geographia de Homero, torreantemente collocada como o centro do mundo, sendo o ponto de convergencia de todos os olhares, a fonte de todas as vidas, a mola real do movimento do planeta. Modernamente, a historia d'esse seculo

occupa uma galeria onde Versailles tem o seu logar, não ha ouvida, mas como para o futuro no Pariz de hoje não poderá deixar de ter tambem um, historicamente, o theatro da Grande Opera.

Foi preciso reduzil-o assim, insistindo sobre a sua feição caracteristicamente theatral, para que pudesse entrar e caber nas telas, estuante e sympathico, todo o mundo que até então fôra excluido pelos scenographos apaixonadamente aulicos, de cujo grupo é Voltaire, o mais alto representante por sua epoca em França, contradictoriamente comsigo mesmo, na apparencia. (« Voltaire, diz F. Nietzsche, foi um dos ultimos homens que souberam reunir em si a mais alta liberdade de espirito a uma disposição espiritual absolutamente não-revolucionaria »).

E' de causar espanto, á primeira vista aquella ordem que a politica sombria e inexoravel de Rillieu estabelecera, nas suas grandes linhas, rebaixando uns, exaltando outros, attenuando o senhor dos tempos feudaes em cortezão, como hoje se attenúa o microbio do serum, e a que esse Jupiter de etiquetas, esse futil, cuja grandeza era a obsessão de si mesmo, que se chamou Luiz XIV, veiu dar uma completação ideal, como que transfigurando todo um povo n'um farfalhante, mas morto e inocuo ondear de escumilhas, onde até elle, e elle melhor do que ninguem, navegava artificialisado, automatisado por suas regras de Corte.

De perto, levados por um Taine, um Michelet,

um Saint-Simon, ouvimos e conhecemos toda a immensa angustia que gemia subterranea e vasta por baixo d'esse risonho e perfeito silencio. Isso na politica e no mundo social. No mundo intellectual nós vemos que a Corte é que soube aproveitar os elementos na sua maior e melhor parte desenvolvidos independentes de auxilios officiaes, em vez de terem sido estes que devessem a ella o seu surto. E' além d'isso curioso conhecer o pensamento dissidente d'aquella epoca, observar como elle é vivaz e extenso, apezar da omnipotencia dos victoriosos do dia, da intolerancia ainda invencivel do seculo.

O certo, porém, é que, si não foi Luiz XIV quem fez o seu seculo, elle para o seu seculo nasceu, aceitou o seu tempo e foi pelo seu tempo aceito, amoldou-se e amoldou, dirigindo os destinos de um grande povo, razão pela qual será, sem duvida, para sempre, um dos seus typos mais legitimamente representativos. Suas qualidades e os seus defeitos, aquella pomposa mesquinhez e aquelle egoismo ingenuo á força de ser vehemente, traços que melhor o caracterisam, chegaram ainda em tempo ao throno para serem utilizados no serviço da Civilisação.

Luiz XIV, com sua pompa absorvente, completa a obra do absolutismo contra o feudalismo ; com suas finanças perdularias, amadurece a Revolução. Ha n'este homem um desenvolvido instincto de obediencia,—vê-se por todos os seus movimentos,

—ás leis que estão acima da vontade humana, que são as que regem a Historia. — N'este rei, e em todos os que d'elle se acercam, é claro, desde que os cortezãos lhe gravitam em torno, como elle dentro da orbita da sua fatalidade.

De modo que, em ultima analyse, se conclue que estes é que mereciam no seu tempo a victoria, que são elles os dignos representantes da sua epoca, cabendo muito justamente á dissidencia contemporanea o papel secundario que exerceu.

E é isto o que sempre se vê na historia do homem como entidade social. As minorias que ficam sempre minorias até que fenecem, são constituídas ou por virtudes incompletas, ou por vicios despeitados, impotentes, que procuram ás vezes occultar-se sob a mascara da mais rigida, da mais austera virtude. Acontece, não raro, virem os dous reunidos.

No programma que trazem sempre, existe uma parte boa (« não ha erro que não tenha um fundo de verdade »), porém ou muito mal formulada ainda, ou complicada de tanta estravagancia que o bom senso humano as repelle, como si se tratasse de um desvio absoluto, até que outras epocas chegam, depuram a verdade ali contida, completam-na, dão-lhe então evidencia n'uma formula feliz, modelam-se á sua feição, cabendo só ahi a essa verdade a gloria de propriamente *Ser*.

E' preciso, além d'isso, não confundir com taes

facções, systematicamente dissidentes, as unidades santas ou o pequeno numero dos grandes innovadores, dos apóstolos do que se chama propriamente a Nova Idéa.

Pelo mesmo tempo em que tantos nullos viviam na Côrte franceza cobertos de graças como nenhum dos grandes homens seus contemporaneos na propria França, Gallileu era forçado a abjurar suas crenças scientificas diante do tribunal da Inquisição. Mas elle não ficou em unidade, suas idéas não foram incineradas no fogo que consumiu o que era materia em seus livros. Emquanto o Tribunal Negro obrigava-o a desdizer por formulas vãs a verdade de que elle veiu a ser o portador no mundo, esta forçava, inevitavel, propagava-se por toda a Europa renascente. Martyr, ludibriada em Gallileu, ella era, não obstante, a grande victoriosa do seculo:

Porque ja viera clara, porque fôra formulada corajosamente, completadamente, com a firmeza da sciencia que sabe, e com o fogo da fé que vê. Gallileu tinha a eminencia intellectual a que vem sempre reunida a grandeza moral, caracteristico dos verdadeiros apóstolos.

Os dissidentes de que falei, não sentindo claro, não vendo claro, são tambem personalidades moraes incompletas, cheias das dubiedades consequentes da meia luz do seu ser. Os seus pontos de divergencia com o contemporaneo são de segunda ordem, são em ultima analyse perfeitamente ocio-

sos. N'aquillo que é capital, elles não sabem ter outro nitido modo de ser. Ora só este é que se tornaria determinante, e decisivo de uma legitima victoria.

Objectivaremos, tratando de Cyrano de Bergerac.

Cyrano, ja vimos, é um phenomeno de atavismo, lembrando no seculo xvii a Edade Media, e, por outro lado, é um prenuncio da Revolução.

Isto faz d'elle um singular, um raro, um *phenomeno*, um *typo*, na accepção popular. Mas impede-o, por isso mesmo, que o peculiarisa, de ser na sua epoca propriamente um homem.

E' essa a fatalidade dos singulares, d'esses chamados os *originalões*. O originalão, quando não é um mattoide, é uma pretensão a individualidade dominante que falhou : faz-se anormal por lhe haver faltado força para ser uma normalidade superior.

Cyrano anda só, é um livre atirador que respira autonomia, liberdade, como os cavalleiros andantes da outra éra. Nem por isso, no entanto, seus golpes singulares vão cahir, por uma visão superior que elle tenha das coisas, sobre objecto differente d'aquelles que todo o mundo combate. Quem é que elle profliga ? « Os autores, ja vimos, os actores, os medicos, os fanfarrões, os plagiarios, os pedantes », isto é, todos os que Molière, os que Boileau, os que La Fontaine (e este, com toda a sua candura, foi talvez o que mais se atre-

veu), desbaratam pela mesma epoca. Como os mais, elle combate o que não é prohibido combater, atira-se ao elemento mais inenne na occasião. Com uma differença, aquelles o faziam triumphantemente, aceitos pelo seu tempo, tomados a sério, emquanto que Cyrano, guerreado, batido, posto a ridiculo, perdia-se no numero de tantos outros poetas seus coetaneos que constituíam a turba multa das mediocridades então.

Elle se atreveu, por ventura, algum dia, a bater n'uma tecla verdadeiramente inaudita, escreveu, por exemplo, jamais, uma satyra sangrenta que se houvesse tornado publica contra o poderoso e inexoravel Richelieu, ou contra o omnipotente Rei-Sol, satyra pela qual se mostrasse um verdadeiro representante intellectual, redivivo, dos bravios senhores gascões da Edade Media ? Ou então, que libello politico levantou jamais que approximasse a sua obra espirital da obra da Revolução ? Onde mesmo uma pagina sua comparavel ás satyras com farpas de velludo, que ha nas *Aventuras de Telemaco*, do seu contemporaneo Fénelon ? *Le Roi s'amuse*, *Ruy Blas* vieram a ser escriptos só dois seculos depois.

Conclue-se : o emocionante Cyrano de Bergerac foi antes um temperamento que uma individualidade singular. De tendencias oppostas entre si, e divergentes das de seu tempo, mas instinctivas na maior parte, sem força bastante para se tornarem consciences e se formularem n'uma obra.

Seus livros, em que ha tanto talento, não revelam essas tendencias de um modo inilludível, eloquente, tem a feição das outras obras da epoca, são *pasticcios* da litteratura contemporanea, com mais ou menos valor, ou então radiações originaes incompletas, de que outros se apropriaram, dando-lhe um cunho de genialidade que ellas não tinham. Como obras litterarias, mereciam, afinal, a obscuridade em que cahiram.

V

Edmond Rostand viu tudo isto, com uma imparcialidade superior, pondo nos labios de Cyrano moribundo aquella generosa e bellissima frase :

« C'est justice, et j'approuve au seuil de mon tombeau, Molière a du génie..... »

Apenas, Rostand não faz historia, faz um poema. Antes d'esta frase, Cyrano pronuncia aquella outra que ja ficou mais atraz transcripta, e que é traducção do juizo que acabamos de fazer sobre a sua nobre e sympathica individualidade. Em vez de o dizer directamente, porém, o poeta usa de uma perissologia deliciosa :

« Sim, minha vida foi ser aquelle que inspira, e que depois é esquecido. »

Com este modo de dizer, Edmond Rostand não foge á verdade, mas a formula o mais favoravelmente possivel ao seu heróe, salientando justa-

mente o que mais nos emociona ao reflectirmos n'estas individualidades incompletas, — o esquecimento que lhes vota o mundo todo absorvido pela figura impositiva dos que triumpharam plenamente, e que quasi sempre não o teriam podido fazer sem se apoiarem aos hombros d'esses colaboradores obscuros.

Em Arte toda a difficuldade está em se produzir effeito sem se falsificarem as almas, sem se falsificar a Natureza.

Mas ha principalmente uma difficuldade vencida n'este poema para a qual era preciso um extraordinario talento.

Anda por toda a parte a atormentar aquelle terrivel e triste Cyrano um incomparavel empecilho, um obstaculo inamovivel, uma torre perpetuamente interposta entre elle e o outro sexo da Especie. Digamos logo, trata-se do seu nariz.

Um nariz colosso, um nariz que por toda parte vive a fazer eclipses, um nariz que para elle é um productor de fim de mundo. E' como si fossem as trombetas de Josaphat retinindo nos céus e levando n'um tufão de pavor todas as mulheres da Terra, ante os olhos anciosos de um amante, a quem não se dá de morrer, mas que ao menos quer ir contando o que são as aventuras do amor.

Podia-se dizer d'esse nariz, reconhece o proprio Cyrano :

« E' uma rocha... é um pico... é um cabo!... Um cabo? não : uma peninsula ! » Ou então : « E' o Mar Vermelho a

sangrar ! » Ou ainda : « Só o animal a que Aristophanes chama Hippocampelephantocamelos devia ter na fronte tanta carne sobre tanto osso !

Cyrano lembra ainda dezenas de outros epigrammas e epithetos applicaveis ao seu terrivel appendice. Apenas : applicaveis por elle. Ai ! de quem se lembrasse de tomar a iniciativa em sua presença, ou mesmo de fazer côro ás satyras que elle produzia para uso proprio. Esse ficaria pulverizado como uma illusão que se desfaz subitamente.

Pois d'este dote terrivelmente nababesco que na partilha da vida coube ao seu heróe, Edmond Rostand tirou um largo partido para fazer de Cyrano um typo muito mais sympathico ainda, muito mais emocionante. Este nariz é a maior difficuldade da peça. A cada instante pensa-se que elle vae arrastar tudo, irremediavelmente, a um ridiculo desastre. E', no entanto, a extrema graça que o autor precisa desenvolver para evitar tal catastrophe que faz uma das mais encantadoras qualidades exteriores da comedia. Lembra quando se acompanha palpitante uma bella funambula nas suas perigosas evoluções sobre um fio quasi invisivel distendido no espaço, em que ella, no entanto, parece que tranquillamente deslisa, cheia de uma graça, de um donaire tão natural, que sobre o abysmo ganha qualquer coisa de sublime.

Cyrano apaixonou-se perdidamente por uma prima, Roxane, que o ignora, no entanto, completamente até o fim.

Porque aquelle matamouros sem leis e sem freio sempre foi diante d'ella mais timido do que um cordeirinho branco perto de um lobo. Toda essa immensa timidez nascia-lhe da consciencia com que elle julgava a fealdade descommunal do seu nariz.

Logo no primeiro acto, em que Roxane figura como assistente ao espectaculo n'aquelle theatrosito da epoca, complica-se a trama amorosa com a entrada de um terceiro, — Christiano, — um rapaz sem talento, mas de nariz regularissimo, o nariz e o mais do physico, um rapaz de truz, tambem cadete e barão, por quem essa prima de Cyrano se toma de uma paixonite bem séria.

E qual a attitude de Bergerac diante d'esta desgraça que vem para destruir irremediavelmente toda a esperanza que, com timidez embora, ainda por ventura lhe sorrisse lá no intimo ?

Roxane vem annunciar-lhe familiarmente essa paixão, como muitas vezes ellas o fazem a um bom e paciente primo. Roxane é uma rapariga de espirito, é uma preciosa, mas não das ridiculas de Molière.

« Ma pauvre enfant, vous qui n'aimez que bon langage, Bel esprit, — si c'était un profane, un sauvage ?... »

diz-lhe Cyrano.

« Non, il a les cheveux d'un héros de d'Urfé ? »

replica ella.

« S'il était aussi maldisant que bien coiffé ? »

ainda oppõe Bergerac. Ella insiste, porém :

« Non tous, les mots qu'il dit sont fins, je le devine ! »

Então o triste primo philosopha :

« Oui, tous les mots sont fins quand la moustache est fine.
Mais si c'était un sot ? »

Ella responde, batendo o pé :

« Ah ! si fosse um tolo, então eu morreria de desgosto ! »

Depois de uma pausa, Cyrano interroga :

« Foi para me fazer saber isto que me fizeste vir cá ? »
(Elles estão n'aquella *rôtisserie* em que se dá o segundo acto.)

Roxane explica-se, então. Ella vem pedir ao primo que proteja o seu caro baronete. E' que o bello rapaz acabava de se inscrever no regimento de que Cyrano fazia parte, onde todos eram gascões, e, Roxane soubera, aquelles malditos provocavam systematicamente quem quer que lhes viesse offerecer concurrencia sem ser de pura Gasconha.

« Imagine como eu não me havia de receiar ! » diz a rapariga.

« E com razão, apoia Cyrano. Pois bem, promette elle, fica a meu cuidado, eu protejo o baronete ! »

Passada esta scena, d'ahi a pouco entra Christiano, o venturoso. A rapariga havia que tempo já se fôra, radiante de felicidade, depois de fazer muitos carinhos de parenta agradecida ao triste, ao desgraçado Cyrano.

E para que ha de dar logo o bello, mas inesperto

rapaz ! Para provocar ostensivamente, fazendo — o que era inteiramente inadmissivel no mundo ! — umas vinte allusões comicas ao seu nariz, ali, n'uma casa publica, diante de um publico apavorado de tanta audacia.

Mas o indomavel e invencivel Cyrano já dera sua palavra á prima. Em troca de taes insultos, elle procura ficar só com Christiano, diz-lhe que é primo de Roxane, e que o rapaz devia, já áquella noite, uma carta a ella.

« Mas, como ! ? confessa-lhe este, desde que eu lhe escreva, estou perdido ! Não imagina que tolo que eu sou ! »

E por fim cahe em desespero.

Ah ! quem me déra ter eloquencia ! exclama elle.

Então Cyrano propõe-lhe bruscamente :

« Eu t'a empresto ! A's minhas palavras juntarás o teu victorioso encanto physico ! Assim faremos um bello heróe de romance ! »

E o fizeram, até o fim ! Só nos derradeiros momentos, como Cyrano expirava, — quinze annos depois, — é que Roxane poude vir a saber tudo, tudo, ainda máo grado seu, conhecer o seu affecto, o sublime da sua dedicação, o indizivel do seu sacrificio.

Rostand, explorando aquella disformação, servindo-se d'ella para explicar esta infelicidade no amor, que empresta ao seu heróe, faz d'este um typo duas vezes sympathico, duas vezes emocio-

nante vencido na gloria, vencido no amor, e reconhecendo, no entanto, isso como muito justo, porque « Molière tinha genio e Christiano era um bello rapaz ».

VI

Passou-me pelas mãos um livro de critica ao *Cyrano* de Rostand. E' assignado por um joven, Emile Magne, que insiste principalmente em salientar os anachronismos commettidos, na sua opinião, pelo poeta, e que a seus olhos desfiguraram inteiramente o estranho espadachim do seculo XVII.

Digamos de passagem, que o critico consegue duas coisas : deixar-nos maravilhados ao vermos com que fidelidade á historia poude o genial poeta idear a sua bella creação, e, de outro lado, fazer-nos ficar boquiabertos, ao verificarmos que certas bravatas inverosimeis, attribuidas ao heróe no poema nada têm de hespanholas, que ellas são pura e simplesmente a expressão da verdade.

Assim, por exemplo, houve gosto, mas não houve invenção, no episodio com que abre o primeiro acto. Quem conhece a peça, por força se ha de lembrar. Da platéa, que lá em scena se figura, diante de um publico estupefacto, Cyrano intima um actor a que se retire do palco, por uma questão pessoal que tivera com aquelle pobre diabo. Com-

pletamente dominado, como por uma suggestão violenta, o misero declamador, á terceira intimação, desaparece debaixo de uma assuada colossal. Isso deu-se em todos os seus pontos essenciaes.

A outra ainda é peor. Um poeta ébrio, na mesma noite d'aquella bravata inaudita, procura Cyrano, e pede-lhe cambaleando que o leve comsigo e lhe dê uma pousada. Segundo lhe advertem por um bilhete, que mostra, cem homens o esperam no caminho de sua casa, para o desancar, para moel-o de pancadas, por causa de uma certa canção que elle fizera contra um poderoso senhor.

Cyrano responde-lhe :

« Cent hommes, m'as-tu dit ? Tu coucheras chez toi ! »

E com uma voz terrivel, mostrando-lhe uma lanterna á mão do porteiro, que escuta cheio de curiosidade este dialogo, accrescenta :

« Tome aquella lanterna ! E a caminho !.... »

Toda a *troupe* os acompanha, arrastada por uma invencivel vontade de ver. Faz-se um cortejo nocturno, onde se tocam violões por entre às algazarras dos actores. Lanternas, n'uma dezena talvez, pestanejam como vagalumes nas trevas.

O facto, historicamente, não se deu bem assim. Cyrano, na realidade, atirou-se a horas mortas da noite, sobre cem assassinos, assalariados por certo nobre, e o fez para defender, é exacto, o ébrio poeta de que n'esta peça de fala. Mas a differença essencial está em que os dois iam sós. Uma *troupe*,

por mais inerte e poltrona que fosse, assim á noite, e fazendo algazarra, é um espantalho, apavora os bandidos, e, portanto, tira a esta façanha de Cyrano uma parte da sua grandeza. O que é historico é que elle se atirou sósinho sobre essa multidão de desalmados, matou alguns, feriu dezenas e ficou unicamente com o seu poeta protegido em campo.

Mas, além d'essas inveracidades, vê o joven Magne no *Cyrano*, de Rostand, outros falseamentos historicos com que se não póde conformar. Um d'elles consiste na invenção d'este amor infeliz do estranho espadachim pela prima. Contesta copiosamente essa pretensa infelicidade em suas relações com o outro sexo, attribuida a Cyrano. Aos olhos do critico, este é, pelo contrario, um assignalado voluvel, cujo cofre de cartas anda cheio de missivas com varias lettras, em que ardem ás dezenas insoffridos corações.

Póde a critica prover-se de documentos cem vezes mais concludentes ainda. Rostand é quem tem razão. Fazia-se, na verdade, preciso que Cyrano fosse infeliz no amor. Isto não é só um completamento ao typo : é para elle um *sine qua non*, um elemento estrictamente essencial. Pela grandeza com que aceita a sua desgraça n'este lado affectivo da vida, pela nobreza, emocionante a arrancar lagrimas, que esta paixão evidencia em seu ser, é que o Cyrano de Rostand se torna um typo verdadeiramente emocionante.

E, no fundo, seja como fôr, o creador em nada falsificou aquella alma. Ora, em Arte, é isso que seria uma inverdade. Mesmo que se não tenha dado exteriormente esse amor infeliz, por falta, quem sabe, de um objectivo exterior, a tragedia nem por isso deixou de passar-seno intimo d'aquelle ser.

A mulher não é mais do que um symbolo que se offerece objectivamente para concretisar as nossas aspirações aqui na Terra. Contar-se que nunca se conheceu o que é ser amado, é dizer que nunca essas aspirações se realisaram humanamente um pouco. A felicidade no amor é antes uma consequencia dos nossos triumphos do que propriamente a causa d'elles. Na cegueira dos seus instinctos, que recebe de certo razão de ser em fundamentos transcendentaes, o amor é justamente mais escravo de quem melhor o poderia dispensar sem deixar nem por isso de ser feliz. O amor vem procurando, como os heliotropios procuram o sol, uma felicidade que já existe, em vez de ser a causa essencial da irradiação de uma alma. Elle é como os amigos dos amphitryões, que andam de ouvido fito, para serem os primeiros a adivinhar onde se vae dar uma festa.

O critico Magne evidencia ainda um outro factio que convem não esquecer.

Estamos n'uma scena do segundo acto, antes do cerco de Arras, quando ainda Cyrano é um verde mata-mouros, é um orgulhoso, um intratavel

poeta. Certo amigo dá-lhe timidamente um conselho n'estas palavras :

« Si tu laissais un peu ton âme mousquetaire
La fortune et la gloire..... »

Mas a esse conselho elle responde com uma tirada longa e magnifica, que começa com estes versos :

Et que faudrait-il faire ?

Chercher un protecteur puissant, prendre un patron,
Et comme un lierre obscur qui circonvient un tronc
Et s'en fait un tuteur en lui léchant l'écorce
Grimper par ruse au lieu de s'élever par force ?
Non, merci. »

E' historico, no entanto, esta independencia elle não a poude sustentar até o fim. Nos ultimos annos de sua vida, teve de tomar um patrono, como os outros, de transigir com o seu tempo, de amesquinhar-se tristemente aos seus proprios olhos.

Edmond Rostand, porém, sem faltar á verdade, poude evitar este traço. Em vez de narrar o aborrecido desfecho, põe nos labios de Cyrano justamente essa tirada flammante, esse orgulhoso programma, que elle não póde sustentar até os seus ultimos dias, mas que nem por isso é menos sincero no momento, um dos mais felizes da sua vida, em que o conjuncto das circumstancias ainda lhe permite falar assim, com todas as véras d'aquella sua alma romanticamente revél.

Pois não é isto o que justamente é invejavel n'um creador que tem de cingir-se o mais possivel á his-

toria ? E, em qualquer caso que seja, crear, em ultima analyse, não é escolher e reunir com alma ?

Conclue-se definitivamente : o *Cyrano de Bergerac* é, na realidade, um bello poema, de uma rara perfeição na fórmula e no fundo. Ainda mais : como obra theatral, nos seus effeitos scenographicos, na adaptação dos seus typos á scena, na sabedoria da sua contextura, synthetica e brilhante, e como obra para lermos em nosso gabinete, obra de psychologia, feita com alma e concebida com coração, obra para resistir aos tempos, talvez mais como poema do que como comedia, mais pela leitura do que pela representação, que é o que acontece com todas as obras de theatro verdadeiramente superiores.

Elle trouxe para a litteratura universal um symbolo novo : o do *Raté* que não é ridiculo, o do *Vencido* que pede beijos e bençãos. *Cyrano* agora, depois que encontrou o seu estatuario, será mais uma imagem para todas as linguas, como é um *Gil-Blas*, como é um *Tartarin*, como é um *Figaro*.

Agora, é este livro o que se chama propriamente um grande livro, é esta bellissima obra o que na realidade se chama uma obra centro, de onde vão irradiar todas as outras que tenham de caracterizar uma nova epoca ?

Não, é o que o *Cyrano* absolutamente não é.

VII

Cyrano é um poema pacífico, antes producto de alto dilettantismo do que uma obra revolucionaria. Só tem um fim : agradar, deliciar, fazer a gente esquecer-se por uns instantes deste nosso mundo inferior.

Veiu d'ahi principalmente o seu grande successo. Neste dia de angustia que atravessamos, elle foi um momento de treguas. Hoje, os artistas só conhecem dois meios para produzirem effeito sobre o publico : scandalisal-o com paradoxos, quer na fórma, quer no fundo, ou appellar então para a sua sensualidade, em vez de ser para o seu sentimento.

Edmond Rostand seguiu um terceiro caminho : fel-o chorar, simplesmente, e sorrir, o embriagou com a musica de seus versos e despertou-lhe n'alma sympathia por um typo emocional lá de uma idade já distante, por um velho poeta que dormia o seu somno eterno sob a poeira de dois seculos de esquecimento, e o fez de tal modo que este esquecimento ficou parecendo a todos um fructo de ingratição, uma prova da injustiça humana.

Não veiu ninguém propriamente ao seu encontro, porque a ninguém Edmond Rostand contrariou. Os que não applaudiram ergueram os hombros com signal de indifferença, e entraram de novo

em suas lutas ou mergulharam-se em suas scismas.

Deste pacifico successo irá *Cyrano de Bergerac* pacificamente incorporar-se agora ás obras de valor em que se ha de resumir no futuro o theatro neo-latino, tendo como principal nota caracteristica do ponto de vista historico justamente esta sua excepcionalissima carreira.

Edmond Rostand será um maior ou menor Euripides, conforme o que delle ainda vier, junto aos Sophocles e aos Eschylos francezes. E' dignamente *fin-de-siècle*.

Apenas, como o seu prototypo agora lembrado, elle se prende á sua epoca pelo banal que a caracteriza, por este estado de canceira depois de uma longa viagem que a entorpece, por este espirito de neutralidade, esta preguiça, esta falta de vontade ou de capacidade para pensar, que empolga a maioria social neste momento. Elle é um alto representante desse diletantismo elevado, hoje em dia, á altura de uma doutrina, ainda mais restricto nos seus ideaes do que esse egotismo de uns outros. Digamol-o com a melhor intenção, *Cyrano de Bergerac* é a obra prima entre os artefactos da banalidade contemporanea.

Elle não tem o nebuloso, o descabido e o cançativo em tantas peças, que se acha nas obras de um Ibsen. Não tem o particularismo, a vaga e difficil symbolistica e o exquisito, que fazem toda a graça verde, inedita dos dramas de Moeterlinck,

mas que por isso mesmo os impossibilitam de produzir grandes e completos effeitos humanos. E muito menos se póde comparar a esse conjunto que quando não é repulsivo é cabalístico, tão extravagante e artificial, das peças armadas pelo Sar, nos salões da Rosa-Cruz. Tudo nelle é claro, acabado, perfeito, humano, áceitavel, bem achado, triumphal. Apenas faz quasi bocejar, mesmo com as palpebras humedecidas, quem anda hoje em dia propriamente pensando.

VIII

O *Cyrano*, á primeira vista, parece mais resistente do que qualquer peça dramatica de V. Hugo.

Não ha um personagem do grande mestre que não seja um symbolo procurado para encarnar um ideal, ou então para entrar em conflicto com outro symbolo que represente um pensamento contrario, todos convergindo assim para fazerem da obra inteira do grande poeta um tumultuario entrecho-car de idéas. Passadas estas, como já estão passadas tantas dellas, esses personagens perdem a vida artificial que os alimentava, ficam *démodés*, desaparecendo em grande parte o interesse de que se revestia toda a acção, e, por consequente, envelhecendo depressa a obra inteira que elles constituem.

O interesse de Rostand no *Cyrano*, ao contrario,

parece ser propriamente pelo Homem, tal qual o Homem é. Ao acabarmos de ler a peça, não temos outra convicção senão a de que lemos um poema : ignoramos quaes os principios que constituem um systema lá no fôro intimo do autor. Ora, livros de Arte cujo interesse seja prodominantemente esse interesse humano, cuja philosophia seja toda ella intuitiva, comtanto que certa, porque resulte do intuitivo conhecimento do coração humano, são muito mais vivazes, parece, são os que menos relativamente se podem chamar na terra immortaes.

Exemplifiquemos, para ver melhor.

De todas as obras dramaticas de Hugo, a que offerece mais pontos de contacto com o *Cyrano de Bergerac* é a *Marion de Lorme*. Não se póde ler aquella que não nos lembremos desta outra. A acção passa-se, póde-se dizer, que pelo mesmo tempo. A atmospheria é identica : n'uma e n'outra sente-se o peso de um guante de ferro por sob uma batina, que é a do Cardeal. Ao subir do panno, no *Cyrano*, logo ao primeiro acto, não é impossivel lenbrar-se um homem de que aquella scena de um theatro em frente a outro theatro — aliás ja introduzida no *Hamlet*, de Shakespeare — tivesse se originado, por suggestão, do terceiro acto da *Marion de Lorme*, intitulado *A comedia*, em que entra uma *troupe* de actores de provincia e ensaia uma peça diante de um emissario do Cardeal.

Mas ha principalmente na *Marion* um trecho de que parece certo ter vindo a Edmond Rostand a

idéa daquella graciosa gazeta que Cyrano produz de viva voz á prima Roxane, resumindo todo o movimento que vae lá fóra no mundo. Roxane, desde a morte de Christiano, que occorreu naquelle cerco de Arras, entrára para esse convento, onde, ha mais de quatorze annos, todos os sabbados, vem vel-a, affectuosamente respeitoso, Cyrano.

Esse trecho da *Marion de Lorme* encontra-se na 1ª scena do 2º acto.

O cavalleiro de Rochebaron, que está n'uma cidade de campo, pergunta ao conde de Gassé, como este acaba de chegar de Paris :

« Dit-on quelles nouvelles ? »

E Gassé responde :

« Point—Corneille toujours met en l'air les cervelles.
Guiche a l'ordre. Ast est duc. Puis des riens à foison.
De trente huguenots on a fait pendaison.
Toujours nombre de duels. Le trois, c'était d'Angennes.
Contre Arquien, pour avoir porté du point de Gênes ;
Lavardie avec Pons est rencontré le dix,
Pour avoir pris à Pons la femme de Sourdis ;
Sourdis avec d'Ailly, pour une du théâtre
De Mondori. Le neuf, Nogent avec Lachâtre,
Pour avoir mal écrit trois vers de Colletet ;
Gorde avec Magaillant pour l'heure qu'il était ;
etc.

„ A gazeta de Cyrano começa assim :

« Samedi, dix neuf :

Ayant mangé huit fois du raisiné de Cette,
Le Roi fut pris de fièvre ; à deux coups de lancette,

Son mal fut condamné pour lèse-magesté,
Et cet auguste pouls n'a plus fébrilité.
Au grand bal, chez la reine, on a brulé, dimanche.
Sept cent soixante-trois flambeaux de cire blanche ;
Nos troupes ont battu, dit-on, Jean l'Autrichien ;
On a pendu quatre sorciers ; le petit chien
De madame d'Athis a dû prendre un clystère. »
etc.

Está-se vendo : apenas Rostand é mais gracioso, mais leve, mais variado. Em favor de Hugo, deve-se dizer, no entanto, que este não é um episodio dispensavel na peça. Com esta relação de factos, Gassé está dando implicitamente a razão de ser de um decreto que Richelieu faz o rei assignar prohibindo os duelos sob pena de morte, decreto que vem a ser a causa da tragedia que ha neste drama. A gazeta de Cyrano é um episodio quasi que simplesmente ornamental.

Mas, comparando uma peça com outra, como já se vê desbotada esta *Marion de Lorme*, cujos personagens principaes, filhos do mais exagerado romantismo, já nos parecem tão de convenção, já tão difficilmente pôdem ser tomados a sério ! Marion precedeu, senão originou, outras ideaes magdalenas da propria romantica hugoana, e da romantica sua contemporanea, sendo aquella Dama das Camélias a que conseguiu um curso mais universal e prolongado.

O que é essencial, porém, que se veja é que, no fundo, o ponto de vista de Edmond Rostand é também romantico, como são os seus processos, ape-

nas esbatidamente, pallidamente romantico, de tal modo que parece neutral. Esta neutralidade, por conseguinte, não vem da sua superioridade, mas da inferioridade no seu sentir, do menos intenso do seu modo de ser, comparado este com o do velho mestre do seculo em França. D'ahi essa supremacia como psychologo em Rostand, que, acabamos de ver, não pôde deixar de ser simplesmente de apparencia, porque é impossivel sermos mais intensamente um poeta sem sermos ao mesmo tempo mais profundamente um conhecedor do coração humano. Em Arte—Mr. de La Palice mesmo o diria—ser mais poeta é ser mais tudo. Deixemos os criticos gallinaceos cacarejarem suas pequeninas impertinencias em contrario : estes só farão lei para outros imbecis como elles.

Hugo viu a humanidade com a visão fortemente romantica do seu tempo, do mesmo modo que Rostand com o scepticismo pallido, com a neutralidade, com o impessoal por falta de crença que ha neste nosso fim de seculo. Não nos enganemos : ao grande velho, como a Edmond Rostand, o inaudito da fórmula, o brilho, a clareza da expressão, a roupagem da obra, emfim, auxiliaram-nos poderosamente. Como com o primeiro já está acontecendo, o segundo, de inaudito que é, acabará por ser muito ouvido, por conseguinte acabará por ser cançativo, ha de empallidecer, ha de envelhecer igualmente.

Com uma enorme differença, porém : V. Hugo fóra da moda, encarado de um ponto de vista supe-

rior ao seu ponto de vista romantico, ha de ser um infantil, um superficial, um ignorantão ; apenas um ignorantão, um superficial, um infantil enorme.

Tornou-se um conceito banal, á força de ser commum, esse de que a Humanidade despertou com a Revolução, de que ella nasceu para si mesma em 89. Tanto quanto ha de justo em tal affirmacão, V. Hugo representa essa Humanidade recém-nascida. Sua obra, desse ponto de vista, é um balbuciar, um tartamudear que ahi fica ; mas para fazer sorrir todos os tempos.

Rostand já é mais certo, já sabe mais o que diz, ficará representando o bom senso humano, dentro da mediocridade do instante em que veio, mas de certo quasi imperceptivel, como todo meio termo, como todas as meias coisas deste mundo.

V. Hugo no seculo XIX é o grande *troubadour* de Pariz, o que quer dizer é o *troubadour* universal, tanto quanto Pariz na realidade seja por este tempo a capital do mundo. Sua obra representa um *cyclo*.

A visão delle é erronea, ora desfigurativa, ora transfiguradora, tal qual a visão dos trovadores da idade média. Não é tomando como documentos directos os seus poemas que se ha de escrever a historia do seculo : é o defeito de todas essas almas ideologas dos formadores de legendas. Elle tem os altos e baixos, as incoherencias e a superficialidade que caracterizam a França popular do seu

tempo. Elle, em vez de ser um censor, é um espirito lisonjeiro da epoca, avido de popularidade. Não é um braço direito, não é um alicerce, não offerece apoio solido nenhum ao edificio social ; é antes uma liana que se insinua carinhosa por este ; é um simples adorno, antes dependente do que necessario, assim como que o perfume de uma flôr, que sem elle não deixaria de ser flôr, de ter colorido, de ter brilho, uma como alma da alma nos seres, uma insignificancia, quasi que se poderia dizer um nada, junto a tantos elementos essenciaes que constituem a sociedade humana, sua contemporanea. Mas não é outro o insignificante papel do Poeta sobre a Terra. Apenas, sem essa miseriasita que elle representa, a Terra ficaria idiota.

Jean Valjean está errado ; nunca houve homem assim. Está errado Gwinplain, está errado Gilliat, está errado Ruy Blas, está errado Quasimodo, tudo isso está errado. A obra inteira de Hugo é um erro. Mas em Hugo está certa, em Hugo ella é logica. Ella é o producto de uma ignorancia risonha.

A grandeza desta, porém, está em que ella é ignorancia, porque quer sorrir, e quer sorrir porque quer fazer sorrir, quer fazer esquecer, quer fazer amar, quer fazer do Homem um ser que seja feliz. V. Hugo não é um psychologo porque queira ser um psychologo, mas porque quer ser um consolador da Psyché. Elle póde dizer como a Beatriz do florentino :

« Amor mi ~~mo~~se che mi fa parlare. »

Mas então é que elle já tirou uma conclusão sobre o Homem, já tomou o seu partido em frente da Vida, e si este vem a ser simplesmente o deciddamente o do Amor, elle póde sorrir de todos os psychologos de decreto, os taes da psychologia scientifica, que abortam nessa aridez, nessa trivialidade, nessa irrisão dos *bourgets*.

Certo que o seu genio não é caracteristicamente o de um creador de almas : é o de um visionario, é o de um apostolo, como o seu seculo comporta. As almas com que Shakespeare povoou subjectivamente o mundo são as representações symbolicas de todas as paixões vehementes criminosas ou santas, nobres ou monstruosas que elle encontrou sobre a Terra. Sua alma immensa reflectiu assim o universo psychico. As creações de V. Hugo são as representações de todas as suas paixões pessoaes, dos seus impulsos heroicos, como de seus odios pela covardia com que se encontrou, de suas meiguices e de suas compaixões. Ellas não serão almas tão idealmente reaes como as de William, de modo que possam viver independentes entre si. Mas todas concorrem para reunidas caracterisarem aquella alma, — Victor Hugo é principalmente um grande subjectivista—e essa alma foi tão tumultuosa, teve tantos prismas, chegou a uma tal grandeza, que ficará como a representação de um seculo, como a representação do Homem n'um dado momento sobre o planeta.

IX

Os Ibsen, os Mœterlinck, os Péladan, toda essa gente das nebulosas, dos symbolos, ou dos paradoxos tantas vezes repulsivos, sobre E. Rostand têm esta vantagem—pensam, tem com elle um ponto de contacto—sonham; apenas a idéa delles é por emquanto a idéa de uma idéa, o sonho, o sonho de um sonho. Elles são, por assim dizer, aquillo que ainda não é falar, são o Amanhã visto de Hoje, são o presentimento de si mesmos;—em ultima analyse, elles ainda não são.

Deste modo, necessariamente, têm de passar incompreendidos, têm de andar isolados. O publico os apprehende justamente pelos seus lados inferiores, pelos logares communs que ainda trazem. E' graças a estes que esse publico acredita um pouco que elles sejam creaturas humanas.

Os mais intrepidos ficam a escutal-os; mas depois de algum tempo esses mesmos lá se vão embora descoroçados. Então é preciso que haja um Edmond Rostand pelo caminho, si não propriamente para levantar-lhes o espirito, ao menos para narcotisal-o por um pouco. No descanso vae um tonificante.

Ao sairem de ouvir estas sibyllas modernas, elles levam a impressão do ruido confuso e monotonico que escutam collando ao ouvido certas

conchas-marinhas. Só os mais imaginosos dentre elles - e os ha—dirão que aquelle pequenino barulho fechado dentro de tão estreitos e debeis limites faz-nos lembrar, por suggestão, o estrondo formidavel, o deprecar épico e solemne de todo um Oceano.

Estes homens são tão fim de seculo,—seria melhor, talvez, dizer de civilisação,—como o autor de *Cyrano de Bergerac*.

Edmond Rostand, eu já o disse, representa o seu tempo pelo seu espirito de neutralidade, por esta ataraxia e esta falta de vontade ou de capacidade para pensar, que empolga a maioria social neste momento, tudo isso occulto por sob uma horrivel actividade mecanica, um espirito de utilitarismo levado á loucura, resultando desse conjuncto o desequilibrio, a anciedade em que nos debatemos. Estes outros são os phantasmas da meia-noite que andam a fazer de espantalhos por entre as fileiras adormecidas, a ver si ao menos pelo tetrico conseguem accordal-as.

No fundo, elles são até os espantalhos de si mesmos, a suggestionarem-se a si proprios, para se furtarem a este torpor contra a qual sua natureza, mais energica do que as naturezas communs, protesta e se revolta.

Elles, afinal, é que representam e mundo, tornando a accordar. Ah ! e só quem mergulha os olhos lá bem no fundo do abysmo que ha nestas almas é que póde ter um presentimento mais

aproximado do viso a que elles trazem intrepidamente os olhos fitos o pelo qual andam nessa ronda phantastica e somnambula de agora. Vistos dentro deste angulo, elles são os mais altos dentre os nossos contemporaneos, sendo principalmente o Futuro,—porque maior é quem mais longe se projecta nos tempos.

Não obstante, dos representantes do momento, quem póde dizer que obtem plenamente o successo do dia são aquelles que são sinceramente e francamente aceitos. Desse ponto de vista elles devem ser considerados como os verdadeiros victoriosos.

Historicamente, portanto, merecem toda importancia obras como essa de que emfim acabo de falar, esse bello poema, embora de valor tão restricto, que se chama *Cyrano de Bergerac*.

1899.



H. IBSEN

H. IBSEN

I

H. Ibsen é uma crença firme na evolução da natureza, na sabia destinação das coisas, no movimento ascensional do Homem aqui mesmo dentro do planeta, mas uma crença amarga e dolorosa, porque ella implica uma idéa de necessidade, de luta nas provas da producção, nos attritos da lapidação, nas angustias das metamorphoses, dos mysteriosos avatares, ainda mais implacavel do que a propria idéa darwiniana.

Sobre isto, atormentam sem cessar uma preocupação completativa: a de conhecer o *processus* d'esse movimento ascensional humano, si elle se dá por força da Vontade ou por effeito da Fatalidade, si ha em nós um impulso a que não podemos fugir, ou uma liberdade que precisemos orientar.

Essa crença tranquilla, essa affirmacão inicial junto d'esta outra duvida obsedante, d'esta interrogativa que lhe põe a alma n'uma perpetua trepida-

ção, eis as duas grandes peças psychicas que lhe são essenciaes. D'ellas é uma que o apoia desde o começo de sua vida até hoje; é a outra que lhe dá esta attitude de insatisfeito, esse pennacho branco revoltado, tão acremente sympathico, com que nol-o fazem ver d'aqui de longe, como n'um sonho, as photographias e as gravuras que nos chegam ás mãos.

II

Henrik Ibsen é norueguez. Nasceu a 20 de Março de 1828. Tem hoje, portanto, setenta e dois annos.

Seu primeiro drama, *Catilina*, elle o escreveu em 1848-1849, com vinte para vinte e um annos de idade. « O pae de Ibsen, dizem os biographos, havia fallido, deixando-o com os estudos incompletos. Elle se viu obrigado a ganhar o pão desde os seus dezeseis annos. N'estas circumstancias, aceitou um lugar de caixeiro em uma pharmacia de Grimstad, pequena localidade de oitocentas almas. O unico sonho que então lhe podia sorrir, era o de um dia ser medico; para conseguil-o, elle tratava de preencher as lacunas da sua instrucção, preocupava-se com seus exames (1) ».

Foi, no entanto, collocado n'estas condições que elle produziu a sua obra de estréa.

(1) *Henrik Ibsen et le théâtre contemporain*. Auguste Erhrad.

Catilina representa uma correspondencia exacta com os sentimentos sob que esta situação collocava o joven Ibsen. « O pessimismo do poeta n'essas paginas é um pessimismo de uma feição particular, não a melancolia que andada na atmospheria do principio do seculo e cujo contagio dissolveu tantos almas. E' a dôr cruel e precisa de um homem para quem a vida foi desde muito cedo amarga, o rancor violento de um infeliz contra uma sociedade em que lhe parece que suas faculdades lhe dariam o direito de representar um brilhante papel, mas de que é excluido por uma estapida fatalidade. Catilina aspira a ser consul e a multidão venal prefere os ricos imbecis. Ibsen aspira a ser um grande artista, pintor ou poeta (elle se tinha então em conta de uma e outra coisa) e a pobreza redulo a vender rhuibarbo ».

Por isso o seu *Catilina* é um revoltado, como os que de ordinario se encontram entre os heróes românticos de então, mas em vez de participar d'aquella melancolia dos Werther, dos René, — assassina de toda actividade, é um revolucionario sedento de acção, aspero e valente, como sempre foi pela vida adiante esse Ibsen de que elle representava a inicial encarnação artistica. « *Catilina* é a explosão de um joven que acha o mundo mal feito. E' o amigo entusiasta da liberdade, que só vê por toda parte oppressão e tyrannia, — tyrannia dos governos, tyrannia dos costumes e da opinião publica, tyrannia da pobreza que impede o accesso

às grandes coisas. Por toda parte triumpha a injustiça, estende-se a corrupção. A virtude e a belleza desertaram d'este mundo; são raros aquelles a quem ainda indigna o espectáculo das villanias ».

Porém, ainda mais. *Catilina* é uma obra defeituosissima, mesmo como livro de estréa, pois que se trata da estréa de um grande poeta. « A parte de verdade que n'ella se contem está unicamente na sinceridade da inspiração, na paixão revolucionaria que animava realmente o poeta. Tudo o mais que se adicciona a esse fundo authentico é falso ou emprestado. Os traços pelos quaes elle procura completar a physionomia de Catilina, os personagens de que o cerca, o desenvolvimento da acção, tudo trahe uma ignorancia profunda da alma humana.

« Tambem a acção fundada sobre tão infantil psychologia não podia desenvolver-se logicamente. Ella avança por sobresaltos. As lacunas são numerosas; ha estados d'alma que ficam inexplicados, ou então, para os justificar, Ibsen serve-se de meios commodos, mas pouco satisfatorios. »

No entanto, o poeta não desdenha este monstro, não o renega, tanto que ainda em 1875 o refunde e o publica em segunda edição.

Porque? Elle mesmo vae se encarregar de responder.

« Muitas coisas, diz H. Ibsen no prefacio d'esta segunda edição, que depois foram minhas constantes preocupações

de artista, o contraste entre a força e as aspirações, entre a vontade e a possibilidade, a tragi-comedia da humanidade e do individuo, tudo isso já ahi se revela em vagos esboços. »

III

O ultimo dos seus dramas que nos é conhecido, *João-Gabriel — Borkman*, gira em torno d'este mesmo eixo, origina-se d'esta mesma preocupação. Apenas, o João-Gabriel de hoje, que é o typo central da peça, está muito longe do Catilina de outr'ora. Ibsen, ao fazer este drama, tem setenta annos, vigorosos, mas amassados nas lutas, nas provações, nos desenganos, e carregados de preocupações, de pensamentos, de sonhos .. Pois, João-Gabriel está para Catilina como este velho de agora para aquelle joven militante ébrio de vida, cantando mocidade em todas as suas manifestações, mas superficial e inscio como todos os jovens, que, por isso, podia dar ao seu modo de ser inicial aquella feição de politico, de demagogo, tão primitiva, tão grosseira ainda.

João-Gabriel é um velho maniaco sedento de gloria, que morre tendo conquistado em vez d'ella a ignominia, a que é arrastado inconscientemente por essa exclusivista paixão. Elle tinha a ambição do poder e do poder pelo dinheiro, para ser a providencia em toda a redondeza da região em que nascera. Não era um ambicioso vulgar esse João-

Gabriel, mas uma alma de elite, um poeta da acção, um genio atormentado de ideal. Julgava-se um espirito chamado para aquella missão.

« Eu obedecia á suggestão interior de uma força irresistivel, conta elle. De todos os pontos do paiz, do coração dos rochedos e do seio das montanhas, chamavam-no os milhões captivos, implorando que os libertasse. Ninguém lbes ouvia o cbamado, a não ser eu.... »

E este homem é dos que sabem querer. A esta sua missão sobre a terra, elle sacrifica a sua felicidade pessoal, o seu amor de homem pela mulher unica que podia ser propriamente sua mulher e com quem elle teve a ventura de encontrar-se um dia no caminho da vida.

« Não me era dado escolher, desculpa-se elle. Eu tinha de vencer ou succumbir. Estava sob a acção de uma necessidade absoluta ».

Sacrificou-a a um amigo que se apaixonara doidamente por ella e a quem elle tivera a fraqueza de confiar segredos taes que com a divulgação d'estes lhe viria infallivelmente a sua ruina.

De nada, no entanto, serviu este attentado moral. A divina Ella (tem este nome diamantino — claro e triumphal — a creatura em questão) repelliu esses negociados amores, e o outro, cheio de despeito, julgando Borkmann ainda culpado do insuccesso final, o trahe miseravelmente, fazendo-lhe desabar sobre a cabeça a catastrophe de que nunca mais elle se poderia reerguer.

São multipliar as suggestões que este desfecho desperta com a lembrança das circumstancias que o determinaram.

Uns hão de concluir que o que victimou João-Gabriel-Borkmann não foi o elle ser um forte, ser um individuo que soube decididamente querer, mas antes a sua inferioridade, pelo menos a sua incompletação. Hão de esses lembrar que lia no mundo moral as mais estreitas e exactas, embora muitas vezes secretas, correspondencias, de modo que o sacrificio de um ideal arrasta o sacrificio de outro ideal igualmente. Borkmann, trahindo o seu amor, teria commettido uma covardia insanavel, trahira-se a si proprio em todos os seus outros aspectos. Porque esses acham que o homem é um só, que tudo anda n'elle n'uma constante compensação.

Outros hão de dizer que houve fraqueza, por certo, mas simplesmente em ter o heróe confiado o seu segredo, em não ter sabido ficar só, em se haver mostrado fraco, repartindo por dois o peso da responsabilidade que lhe cabia, — que tanto vale fiar de outrem em elementos decisivos do exito de uma grande batalha. Si Bonaparte tivesse permittido participação a quem quer que fosse em alguns segredos essenciaes a certos planos que architectara nos grandes momentos decisivos da sua carreira militar, teria sido de certo um Borkmann tambem.

Finalmente, outros se hão de encontrar que at-

tribuam a queda d'este homem a essa força de attracção para o abysmo commum a todas as sociedades contra os homens excepçionaes que d'ellas se destacam propondo-se a dominá-las. Realmente, a victoria de João-Gabriel dependia apenas de mais alguns dias de confiança em seu genio ao qual ninguem d'entre os que lhe haviam entregue sua fortuna se lembraria de lhe retirar sinão fôra a traição d'esse falso amigo. Este é que descobriu toda a situação e demonstrou como era essencial que todos tivessem fé simplesmente no genio do grande homem para transpôrem o despenhadeiro em cujas cryptas os seus planos arrojados collocavam n'aquelle momento a fortuna inteira de que era depositario. Abrindo os olhos assim a todos, em todos elle gerou a vertigem e a vertigem o desespero, que nunca remediou coisa alguma.

São como esta todas as obras de Ibsen : cheias das mais varias suggestões, como a propria natureza. Contêm todas as verdades em germen, mas não impõem comotal nenhuma por que opte o autor facciosamente. O verdadeiro poeta é assim : lhe é dado apontar, não lhe cumpre escolher. Está n'isto toda a sua grandeza e toda a sua inferioridade.

Mas o que é certo é que ainda n'este ultimo trabalho do grande homem a sua preocupação como esse *Catilina*, é o *contraste entre as forças e as aspirações, entre a vontade e a possibilidade*, é

ainda a *tragi-comedia da humanidade e do individuo*.

IV

Ha, em H. Ibsen, uma obra da mocidade, a ultima da chamada sua phase romantica, que já evidencia muito mais claramente do que *Catilina*, em todas as suas linhas geraes, o atormentado pensador que é Ibsen no *João-Gabriel-Borkmann*. N'essa elle já poderia ser cognominado *o poeta da vontade*, como lhe chamaram depois. E' a que se intitula *Pretendentes á Corôa*.

Hakon e Skule disputam entre si a corôa da Noruega. No momento em que sóbe o panno, os partidos esperam á porta da cathedral o desfecho de uma cerimonia da qual depende a sorte do paiz. Hakon, embora persuadido de que é o rei legitimo, consentiu, afim de anniquilar em seu rival toda e qualquer esperanza de então por diante, em que se appellasse para o julgamento divino. Si sua mãe pegar n'um ferro em brasa sem se queimar, é signal evidente de que elle é o eleito do Senhor.

A prova, cujo resultado Hakon esperava sem ancia, emquanto Skule se atormentava nas angustias da dúvida, sahi em favor de Hakon.

Skule, na entanto, não se submete ao veredicto divino; elle requer que se proceda a uma votação na assembléa dos guerreiros. Ainda n'esta Hakon

triumpha, mas longe de abusar da victoria, procura conciliar-se com Skule, pedindo-lhe em casamento sua filha e dando-lhe o primeiro logar depois do throno.

Estas honras, porém, não satisfazem a ambição de Skule. Embalde o rei, de encontro aos usos estabelecidos, eleva-o, de conde que elle era, á dignidade de duque. Impellido pela ambição, que um prelado lhe vem alimentar, contando-lhe uma historia de creanças trocadas, pela qual se lhe revela que Hakon não é o herdeiro legitimo dos reis da Noruega, Skule revolta-se de mão armada.

O prelado morre, porém, sem lhe revelar claramente aquelle segredo que lhe deixára entrever. Skule, portanto, combate sem certeza de verdade alguma. Por mais que a fortuna lhe seja favoravel, elle não consegue ter aquella confiança na santidade de sua causa, que é o que sustenta Hakon no meio dos desastres. E, emquanto se deixa ficar na inercia que este desencorajamento lhe traz, dá tempo a Hakon de reorganisar todo um exercito. Derrotado d'esta vez pelo rival, que lhe põe a premio a cabeça, abandonado pelo povo, elle se julga amaldiçoado pelo céu. Foge e se refugia em um convento. A mulher, a irmã e a filha se desfazem em terauras, até estabelecer-se a calma n'aquella alma horrivelmente ferida, emquanto á porta uma multidão furiosa lança contra elle ameaças de morte.

Dá-se o desfecho da peça com uma subita clarividencia que fere o espirito de Skule : este

reconhece e sauda em Halkon o rei de direito divino. Depois, com a fronte bem alta, vae offerecer-se com seu filho á vingança do povo. E' de uma tristeza solemne este acabamento imprevisto. O arrependimento de Skule, ao accordar de suas illuções ambiciosas, a affeição d'aquellas mulheres que tanto elle fez soffrer, a calma com que elle caminha para a morte com o filho pela mão, e a compaixão generosa do rei, que soffre por ter de passar sobre o corpo de um tal adversario para garantir a felicidade da Noruega, a expressão de todos estes sentimentos commove-nos profundamente. Poucos dramas deixam-nos como este sob uma impressão tão forte e tão pura.

Mas o que principalmente temos a assignalar é que dentro d'esta peça de theatro já existe todo esse outro drama interior da vontade, que tem de ser a característica do poeta durante a sua longa carreira depois. Hakon é o victorioso porque é o convencido, e é convencido principalmente porque se julga com uma missão a cumprir.

« O habitante de Trondgem, diz elle a Skule, fazia a guerra ao golfo do Sul, o de Agde ao de Hørdaland, o de Halogaland ao de Sogndøll. Todos devem d'ora em diante ser um, e todos devem considerar-se intimamente um. Eis a missão de que Deus me encarregou, eis para o que deve trabalhar agora o rei da Noruega ».

Segundo elle, o verdadeiro rei é aquelle que aspira e tem força de realisar essa aspiração.

« Pensaes, diz a Skule, que é a voz do Senhor que nos

impelle a apoderar-nos do throno real. Não vêdes que é simplesmente o orgulho? Que é que vos attrahe? A corôa de ouro, o manto de purpura orlado de arminho, o direito de sentar tres degráos mais alto do que os outros. Que lastima! Si o ser um rei fosse isso, eu vos atiraria com a realeza ao chapeu, como se atira uma esmola a um mendigo.

D'este modo, Hakon é um modelo de personalidade vigorosa. Elle dá á sua individualidade uma determinada méta, e para ella se dirige confiante, sem que nenhum revez o abata.

Emquanto em Skule o que se chama personalidade não tem consistencia. Elle é dotado de intelligencia, de franqueza, de altivez. Mas sua inferioridade, comparando com Hakon, vem de que elle não sabe querer. Skule não tem esta confiança em si mesmo, que é a condição de toda acção energica. Em vez de vontade, o que ha n'elle é um desejo immoderado de poder, ao mesmo tempo que desespera de attingir a esse fim que ardentemente aspira. Desde o começo elle se julga destinado ao insuccesso, e essa convicção o perde.

Attentemos a esse mesmo drama, *Pretendentes á Corôa*, por um outro aspecto, e veremos que o Ibsen estreitamente politico que ha em *Catilina* já tem aqui outra largueza, tem outra vastidão. Hakon ja não é simplesmente inspirado pelo « rancor violento de um infeliz contra uma sociedade em que lhe parece que suas faculdades lhe davam o direito de representar um brilhante papel, mas de que é excluido por uma estúpida fatalidade. O movel

principal de Hakon já não é uma ambição pessoal, é para cumprir sua nobre missão que elle move uma guerra impiedosa aos seus inimigos. Hakon é como um mensageiro celeste uindo para melhorar a condição de um povo. A inspiração divina que elle sente em si, a assistencia manifesta que o céu lhe presta são os signaes sensiveis pelos quaes o poeta celebra o progresso. Hakon é o symbolo dos reformadores, dos que abrem éras á humanidade. E' o reformador que Ibsen já glorifica em si ; elle o circumda de uma aureola e dá-lhe uma magestade quasi sobrehumanas.

Emquanto que Skule é a aristocracia que, por interesse pessoal, luta contra a supremacia real. A aristocracia é hostil a toda reforma que se proponha a despojal-a dos seus privilegios, ou a restringir a sua independencia. Skule é o espirito que, alimentado das velhas legendas, cura-se a toda idéa de melhoramento. Elle representa a classe dos privilegiados que combatem encarniçadamente as novas tendencias, porque todo passo da humanidade para diante implica uma diminuição das prerogativas d'elles (1).

(1) *Catilina e Pretendentes á Corôa* são, dos livros de Ibsen de que temos de nos occupar mais detidamente n'este trabalho, os unicos que não me foi possivel até agora conhecer por uma leitura directa, embora, como estes, em traducção franceza. Obtive, no entanto, larga noticia d'elles no mesmo estudo de Auguste Erhardt a que me refiro na primeira nota. Mas, sendo d'esse modo, não me quiz dar a

Está se vendo : ha aqui muito mais abstracção, muito mais generalisação do que em *Catilina*. O que se chama rancor, despeito pessoal desapparecem por completo. Entre *Catilina* e *Pretendentes á Corôa* medeia um verdadeiro periodo de metamorphose : a larva era homem ; da chrysallida, no entanto, sahiu, recortado em linhas severas, o missionario.

E' que entre um e outro ha toda uma mocidade rigorosa vivida, ha toda uma vida propriamente dita, vida de lutas, de decepções, de conquistas — de reacção, de assimilação, — mas principalmente de aspirações muito maiores, incomparavelmente, do que as victorias, alcançadas.

Julga-se, após os primeiros triumphos obtidos por homens como este, que tudo ficou estabelecido n'uma conciliação definitiva. No entanto subitamente, eis que elles são surprehendidos a olhar inquietadores, de esguelha, para o proprio meio onde alcançaram o exito recente. E' que elles já estão sorrindo d'essa victoria que ficou para traz. Querem subjugar por outro modo, querem abarcar e apertar melhor.

Então novos embates; chovem-lhes raios á

liberdade de ajuizal-os por mim : o que nas linhas acima se lê é extrahido em sua quasi totalidade do mesmo livro de Erhardt. O meu trabalho está apenas em ter ajustado os trechos a meu modo, de fórma a aproveitar melhor ao meu ponto de vista.

cabeça, e os heróes são vistos na pugna como um deus contra o qual se revoltasse o seu proprio universo.

Ha no meio d'isto, no entanto, um phenomeno sobremodo curioso : é que de cada vez mais, nos seus olhos, em seus labios, por todo o seu semblante, propaga-se e fixa-se um sorriso indizível. Nos seus mais tumultuosos e mais convulsionados momentos attentemos e vejamos : elles continuam a sorrir, denunciando que lá no fundo de sua alma, lá bem no intimo, sem está estratificando todos os dias, como os seculos estratificam as galerias das grotas, um asylo intangível onde reina imperturbavel bonança.

Esse asylo é feito de todos os movimentos nobres que tiveram algum dia aquellas almas, — de todo o seu desinteresse, de seus legitimos enthusiasmos, de todos os seus verdadeiros sacrificios. E' preciso que elles sacrifiquem, transformem em materia prima para essa edificação, tudo quanto em si exista de estreitamente pessoal.

Ah ! e como as injurias perdoadas, as injustiças recebidas com boa humildade de alma, e por outro lado como a boa coragem inexoravel exercitada, não a seu favor, mas em favor alheio, de victimas inultas, sobre almas de covardes e de vilões, ou então em favor do Ideal abstracto e simples, — simplesmente do Ideal, — como tudo isto lhes accumula materiaes á porta, para esse subterraneo e magica salvaterio, n'uma vassalagem medieval,

tão tocante, como tudo é tão generoso na imprevisa compensação !

Mal se torna habitavel o novo adyto, e aquellas almas tomam-se de uma cega predilecção por elle, como por um ninho voluptuoso de noivado. D'ahi por diante só aquella atmospera, só aquelle céu que elles entrevêm por acaso de alguma frincha aberta sobre o mundo, só aquellas auras, só tudo aquillo que constitue o novo *habitat*, e a sua redondeza, é que os satisfaz plenamente. De modo que elles se vão submettendo crescentemente á influencia d'este novo meio, vão se modificando á sua feição supra-terrestre, e tanto que um dia, ao se encontrarem com os homens e com a vida common, todos e tudo accordam em reconhecer que n'aquelles seres, mesmo em vida, operou-se uma verdadeira transfiguração.

V

Entre *Catilina* e *A Comedia do Amor* (a que *Pretendentes á Coróa* seguiu-se immediatamente, e de que em tempo havemos de falar), dá-se um largo periodo de transição, o periodo chamado de ensaio, pelos criticos ibsenianos. E', no entanto, a sua epoca de idyllio com o publico, a unica assim mais caracteristicamente pacifica e risonha.

Elle vem de Grimstad, onde conpuzera *Catilina*,

para Christiania (1850), em demanda da Universidade. Em Grimstad « o poeta tinha estado entregue a si mesmo. Elle ignorava o que fosse a moda. Seus modelos, si os tinha, eram autores já de antigo renome, cujas obras tinham podido chegar até aquelles reconcavos, — Shakespeare, Schiller, Goethe, talvez Rousseau ».

Agora, na capital, o provinciano tem de se affazer ao bom tom. No theatro d'esse tempo, ali em Christiania, um Sr. Cehlenschlaeger, um Sr. Hertz, eram mais autoridades do que Shakespeare e Schiller.

Ora, esses Srs., aos assumptos tirados da historia universal preferiam os da historia e os das lendas scandinavas. Thor, Freya, as Walkyrias, Einherjer, estavam enthronisadas no theatro da Noruega. As magicas, os mil effeitos deslumbrantes e faceis que se podem conseguir com o habil manejo de bastidores, com latas de Flandres e relampagos de lycopodium, faziam as delicias de Christiania.

Ibsen soffreu o inevitavel contagio. O pensador que ha em germen em *Catilina*, fez-se um facil patriota, quasi um optimista de praça, explorou o ingenuo orgulho nacional, e foram fartos a colheita de applausos e os lucros.

Ninguem com mais imaginação, por conseguinte mais capaz de recursos mirabolantes, de sahidas que não lembraria ao diabo, de tiradas patheticas, estatelantes, ou horridas, do que o joven facil de

então que viria a ser depois o abrupto, o inverosímil Henrik Ibsen.

Elle poude dormir ahi uma sésta que muitos teriam julgado de certo ser já a do seu setimo dia, recebido assim facil e prompto com resignação covarde, tão commum aos pseudos-heróes. Esses não passam de uns exploradores capadócios no caminho da gloria. Confundem esta com a commo-
didade que o renome adquirido habilmente, mas sem lutas, sem deslocações, portanto sem reforma, sem obra, — renome inconsistente, passageiro, é tão prompto em trazer. Os Ibsen não pôdem jamais ser assim.

No entanto, por esse tempo, o poeta parecia tão commodista que, para ficar ainda mais perto de casa, mais em familia com as bambinellas e os alçapões nos palcos, sahiu de Christiania para ser director do theatro de Bergen.

N'essa situação, produziu umas quantas peças que são hoje excluidas da sua obra litteraria ; ellas offerecem apenas um interesse historico.

Em todo caso, mesmo por esse tempo (1851), elle funda com outros companheiros uma « folha satyrica cujo programma era uma opposição sem treguas ao governo ».

No fundo, o que se dava em Ibsen por então, como bem observa o critico que venho acompanhando na extracção d'estes dados, era uma falta de synergia intellectual, como acontece com todos os autores que ainda não acharam o seu caminho.

Ibsen não é caracteristicamente um pessimista, mas é de um optimismo difficil, aspero e crú. De modo algum se póde confundir sua natureza, por exemplo, com a d'esse outro grande, sympathico, apostolar Bjoernson, seu emulo, condescendente até a cegueira com a sociedade, a que aliás serve com tão intemerato quanto indefesso ardor. De modo que estes patriotismos theatraes não lhe assentam, e muito menos o satisfazem. Emquanto elle não acha os processos que lhe hão de ser proprios, faz apotheoses no theatro, mas não póde deixar de ser de um inclemente, de um intratavel espirito de opposição pamphletaria.

Um dia virá que no proprio theatro elle ha de achar meios e modos de estar de accordo com o seu temperamento. Só n'esse dia elle se encontrará verdadeiramente e definitivamente comsigo mesmo.

VI

Si Skule é uma antithese de Hakon, Peer Gynt, o heróe do drama que traz este nome, e que é o segundo depois d'os *Pretendentes á Coróa*, é uma ampliação descommunal de Skule, é um Skule tão gigantesco que já perdeu as proporções humanas, é como uma idéa que se fez obsessão, absoiveu tudo quanto a restringia, a delimitava, no terreno do bom senso. Si Skule symbolisa a ambição

irresoluta porque não chega a ser um ideal, o egoismo das castas vencido pela necessidade de progresso que ha no homem, e que só poderá realisar-se na proporção do desinteresse, do altruismo de que um acto se revista, *Peer Gynt* é essa mesma ambição, mas levada ao absurdo, ao perfeitamente inverosímil, é o Egoismo com E maisculo sob todos os seus aspectos, desfaçado como um ventre de meretriz exposto, nú e crú como n'um laboratorio anatomico toda uma peça muscular de que se arrancou a epiderme.

Elle é tão ingenuamente assim, tão vastamente, tão profundamente assim, que se torna sympathetic, que nos faz sorrir. Sob as proporções sobre-humanas em que foi concebido, *Peer Gynt* perde toda a mesquinhez, todo o sordido que ha n'um miseravel Skule. Elle é a propria natureza vista por um dos seus aspectos, inclemente, quasi feroz, mas grande, e por conseguinte admiravel. Elle symbolisa a funcção digestiva com todas as peças do aparelho aptas a realisar-a desde os colmilhos até os intestinos, com todo o cortejo de circunstancias anteriores a ella e que lhe são depois consequentes, desde o appetite até a secreção.

Peer Gynt é uma das obras de H. Ibsen que por si só pediriam um estudo da extensão de um livro. Pela phantasia e pela estructura, elle faz lembrar vagamente o *Fausto* de Goethe. E', segundo dizem, o melhor dos poemas nacionaes da Noruega.

Nada mais, porém, ha aqui de patriotismo thea-

tral. Pelo contrario, si Peer Gynt reflecte e symbolisa a Noruega, é justamente por uma das suas faces mais deploraveis, d'essas que o mundo lastima que se não tenham occultado como se disfarça um aleijão. Não é uma apothese, é todo elle uma satyra implacavel do principio ao fim.

Falar do Norte europeu é dizer por um lado concentração, taciturnidade; os rigores do clima o Impõe. Mas por outro lado é dizer tambem intrepidez e espirito de iniciativa, que a natureza requer excepcionalmente desenvolvidos para que o homem não esmoreça na luta difficil, inclemente, em que se tem de empenhar com os elementos ali. No isolamento o ser pensante faz-se um pensador, mas, si é a imaginação que o domina, elle transborda de phantasias, como de arabescos estranhos um occaso enublado. Na luta, o mourejador faz-se um heróe, mas si lhe falta em sentimento de honestidade o que lhe sobra em ambição, sahe do heróe um pirata, um contrabandista, um picaro.

Pois este picaro de imaginação monstruosa, este impostor que vem a ser a caricatura de um heróe, é o que é Peer Gynt.

O drama foi extrahido de uma lenda de caçador colhida do *folk-lore* da Noruega. E' o mais delicioso dos poemas de Ibsen, dizem os criticos, para quem os póde ler no original.

Porque Ibsen, este atormentado pensador a que só a custo o Sul da Europa e as outras partes do mundo se pódem affazer, tão sobrecarregado de

idéas vem elle, é no seu paiz considerado o poeta da fórma por excellencia, o mais artista, o mais agil e magico no jogo da frase, no rendilhado do estylo. E como nenhum outro, lhe offereceu ensanchas este poema, produzido já em plena e vigorosa mocidade, quando o poeta estava perfeitamente senhor dos seus processos. Elle é cosido em cantares do povo, baseado n'uma lenda e entresachado de outras lindas lendas subsidiarias, é todo povoado de aldeições e de seres phantasticos, monstruosos,—os *trolls*, especie de cyclopes do Norte. Produz-se a acção nos scenarios mais estranhos, imprevisos e varios. Toda a peça é cheia dos indefinidos peculiares á região em que se originou, ao mesmo tempo que obedece a um pensamento profundo, inquietador, generico, universal, que é o que se dá quando se apoderam d'estes assumptos lendarios poetas verdadeiramente superiores.

Peer Gynt é um, joven aldeião sem capricho, mentiroso, bebado, brigão, vadio e louco, mas que em todo caso aspira a uma coisa: a ser um dia imperador.

Skule, n'Os *Pretendentes á Corôa*, luta de mão armada, até o extremo, para realisar pretenções eguaes. Mas Peer Gynt não: elle imagina de si para si que a corôa imperial lhe ha de cahir um dia, por descuido, á cabeça.

Emquanto isso não acontece, vae á caça, ou não vae e mente á mãesinha velha que foi, que lhe aconteceram as aventuras mais absurdas em

caminho. Andou cavalgando, conta elle, por exemplo, um cabrito montez, que o levou vertiginosamente ás criptas de rochedos erguidos a pique, e desceu na mesma vertigem, para subir immediatamente em precipicios peiores ainda. Dos precipicios, das rochas, o cabrito atira-se com as torrentes sobre os lagos, que constituem o *fjord* no Norte europeu, até chegarem á margem opposta. Ahi Peer Gynt apeia e caminha.

— E o cabrito ? pergunta-lhe a velha.

— O cabrito ? O cabrito está correndo ainda, elle responde com o ar da mais profunda convicção.

Em todo caso, isto é o de menos, é o que ha de angelical em Peer Gynt. Elle é um patife de tal força que comparece a um casamento para que não fôra convidado, vale-se de um momento opportuno, passa os pulsos na noiva, que fôra uma sua paixão de adolescente, e corre com ella ás costas, por montes e valles, vae-se lá para o fundo das florestas noivar, como fazem os faunos nos enredos da mythologia.

Depois abandona a rapariga com a mais perfeita sem cerimonia d'este mundo, e mette-se com a filha de um *troll*. A sua questão na vida era a de ser imperador um dia : ora, esta rapariga era filha do imperador dos *trolls*. Como já ficou referido, estes *trolls* são os demonios scandinavos, os *sacys* da Suecia e Noruega. Casando-se com a filha do velho *troll*, Peer se achava com direito ao throno. Mas

tantas exigencias se lhe fazem, tantos sacrificios se lhe impõem para naturalisal-o *troll*, que elle desiste das vantagens e desaparece do reino feerico.

Este é apenas o começo das suas complicadissimas aventuras. Peer Gynt dá uma volta em torno do mundo. Entre outras profissões que as circumstancias lhe inculcam, elle abraça a de propheta, na Arabia ; antes ou depois—não me lembra—a de exportador de fetiches para a China ; a de traficante de negros na Africa, e até a de fazendeiro aqui na America do Sul,—no Brasil, naturalmente.

Mas tudo isto elle fazia com um fito : o de ser imperador. Apenas : seus processos são absolutamente immoraes, sua lei fixa é a inconstancia, é a deserção de todo legitimo heroismo, de qualquer verdadeiro sacrificio.

Por isso, quando elle volta a Noruega, depois de toda essa campanha, velho e completamente desarvorado por um naufragio,—a ultima das suas decepções,—encontra-se com elle subitamente o *F'undidor*, que lhe diz :

O FUNDIDOR. — Desculpa-me, não és tu um tal sujeito chamado Peer ?

PEER GYNT. — Chamam-me Peer Gynt.

O FUNDIDOR. — Eis o que é estar de maré. E' justamente Peer Gynt que eu tenho de procurar esta tarde.

PEER GYNT. — Sim ? E que me queres ?

O FUNDIDOR. — Saberás que eu sou fundidor. Tu vaes te derreter na minha colher.

PEER GYNT. — Para que ?

O FUNDIDOR. — Para seres fundido de novo.

PEER GYNT. — Fundido?

O FUNDIDOR. — Está tudo prompto. Tua cova feita, teu caixão encommendado. Os vermes, não tarda muito, vão fazer uma festa em teu corpo. Quanto á alma, o Patrão me encarregou de leval-a sem demora.

PEER GYNT. — Ora dá-se! Mas então assim? N'um abrir e fechar de olhos?

O FUNDIDOR. — E' um costume antigo. Quer se trate dos funeraes, quer do baptisado, o dia é escolhido sem audiencia do heroe da festa.

PEER GYNT. — Entendo, entendo... Estou com a cabeça á roda... Tu és então...

O FUNDIDOR. — O fundidor, como te disse.

PEER GYNT. — Vossa Gentileza tem diversos nomes. Por consequente, Peer, eis-te no fim da viagem. Eu sempre merecia que se me tratasse de outro modo. Sou menos máo do que lhes parece e fiz algum bem por este mundo. Quando muito, eu podia ser tido na conta de um capadocio, mas não de um muito máo sujeito.

O FUNDIDOR. — De accordo, meu amigo, *mas é essa justamente a questão. Eis porque tu escapas aos tormentos e só és digno da colher de fundição.*

PEER GYNT. — Que nova invenção é essa que vocês erigiram na minha ausencia?

O FUNDIDOR. — O costume é velho como o serpente da Biblia, e se destina a reparar os prejuizos havidos. Tu não desconheces o officio e sabes que muitas vezes só se tiram resultados falhos da modelagem. Mas o Patrão é economico. Elle faz questão de conservar o que é seu. Porisso não atira fóra a obra que falhou, desde que ella lhe possa ainda fornecer a materia prima que em si contem. Tu és como um botão que veiu destinado a brilhar no casaco universal. Mas te aconteceu vires sem pé. O que ha a fazer é atirar-te á caixa dos botões estragados para que voltes á massa de onde sahiste.

PEER GYNT. — O que ? Então no que pensas é em fundir-me com Sancho e Martinho para obter novos productos ?

O FUNDIDOR. — Mas de certo. E não serás o primeiro a quem isso aconteça. E' o que se faz na Casa da Moeda com o dinheiro de effigie gasta.

PEER GYNT. — Mas isso é de uma sórdida avareza ! Ora venha cá, meu amigo : uma moeda sem effigie, um botão sem pé !... Que é isso para um ricaço como teu Patrão ?

O FUNDIDOR. — Sr. Peer Gynt, enquanto ha alma, ha valor.

PEER GYNT. — Não, não, não. Eu me defenderei com unhas e dentes. Tudo, menos isso !

O FUNDIDOR. — Que é que tu entendes por *tudo* ? Ora, deixa d'isso ! Tu és muito pilão para voares até o céu....

PEER GYNT. — Eu sou mais modesto, não aspiro a tanto. Mas, quanto ao meu eu, não cedo d'elle nem uma unha. Julguem pelas leis antigas. Botem-me por certo tempo em casa de Sua Magestade o Chifrudo : por um seculo, si assim quizer o juiz em sua severidade. Isso ainda é razoavel. Além de tudo, só se trata de soffrimentos moraes : não é uma coisa tão insupportavel assim. Mas eu dissolver-me para ir constituir esta ou aquella parcella de um corpo estranho, isso é que não ! Tudo isso de fundição, esse desapparecimento do meu eu gyntiano, tudo isso enche-me de horror até o fundo das entranhas !

O FUNDIDOR. — Ora vem cá, Peer, meu amigo, não vale a pena te incommodares por tão pouco. *O teu eu ? Mas tu nunca o tiveste*, que eu saiba. Morreres inteiramente, em que isso te fará tanta differença assim ?

PEER GYNT. — *Então eu nunca fui eu ?* Ora só isso me faria rir. Vem a tempo descobrir-se que Peer Gynt não era Peer Gynt. Sr. fundidor, o Sr. é um juiz que julga ás cegas. Póde sondar-me os rins á vontade, não achará sinão Peer e mais Peer, nada mais, nada menos.

O FUNDIDOR. — Não é possível. Eis aqui o mandado. Elle diz expressamente : « Irás buscar Peer Gynt, que, tendo

falhado em seu destino, deve, na qualidade de producto que avariou, ser derretido na modelagem. „

PEER GYNT. — Que tolice ! Trata-se provavelmente de um outro. Será mesmo Peer Gynt que está escripto, não será André nem João ?

O FUNDIDOR. — Esses ha muito que os fundi. Ora vamos lá, deixa-te de massadas !

VII

Peer Gynt é a ampliação desmesurada, a generalisação do derrotado Skule, n'Os *Pretendentes á Corôa* ; Brand, cujo nome, como o de Peer Gynt, serve tambem de titulo a um outro drama de Ibsen, é um Hakon desproporcional, gigantesco.

Brand é immediatamente anterior a *Peer Gynt*. Para darmos conta razoavelmente d'esta peça, seria tambem necessario gastar uns centenares de paginas com ella.

Ibsen ia subindo a montanha por esse tempo. A cada novo passo, mais se lhe dilatava o seu circulo visual.

Ah ! o florescimento do genio ! a mocidade espirital n'um ente cujo destino é o de ser uma alma central, uma alma-eixo, representativa e dominadora no mundo do pensamento, como a de um cesar no dominio concreto !

Que voluptia e que angustia quando se lhe vão assim descortinando, n'estas ascensões gloriosas, as pittorescas Indias imprevistas que represen-

tarão o seu imperio ! Antes da identificação com a posse, que oppressão no peito pela intensidade das emoções, e a deficiência pulmonar inevitavel ! Ah ! esta só as andadas intrepidas e difficeis, o resolute mourejar, sob o sol e sob a chuva, mas sempre realizado n'um espirito ao mesmo tempo radiante e grave, hão de aos poucos corrigir para a harmonia geral. Mas tambem que alegria infantil e gigantesca, que bom orgulho humano, a que a intuição de uma responsabilidade correspondente faz a sombra que amenisa e delimita, que benção ao céu, e que conciliação com toda a immensa natureza, afinal !

Porque, a evolução, a ascensão de uma alma sendo perfeitamente analoga a esse galgar de montanha que acabamos de figurar, não vae proporcionando timidamente conquistas partitivas apenas, que facultassem o descortinar de um dado ponto, mas não o de outro, na mesma linha visual. Não. Por onde o circulo conquistado passe, tudo vae sendo inevitavelmente abrangido, inexoravelmente dominado. São conquistas generalisadas, não por objectos, mas por classes inteiras.

E em tudo as mais intimas e maravilhosas correspondencias. Ao passo que o latente que havia n'aquella alma se evidencia emfim em plena luz, como brota um rebento após todo o trabalho subterraneo e maravilhoso da germinação, maior, como diz Mœterlinck, se faz o circulo d'esse outro universo de sombra e de mysterio que anda em

cada um de nós e de que elle irradiou. Dominio contra dominio, — e n'essa progressão assustadora, que a tantos esmaga!

Por isso é tumultuosa, implicada e radiante a obra que por esse tempo almas assim produzem. Ellas querem dizer tudo, tudo, tudo, querem reflectir no que fazem essas intuições sem numero para as quaes sua alma vae assim, de choque em choque, de extase em extase, accordando. E' como si a Terra quizesse girar em torno de seu eixo sem respeito ao tempo e ás leis mecanicas que produzem o movimento, que o orientam, que o modificam, arrebatada por si mesma, n'um excesso de vitalidade, anciosa por se mostrar aos mundos de além em todos os seus variados prismas, sob todos os seus variados prismas, sob todos os seus diferentes modos de ser.

Mas emfim, desde que nos limitemos ao que nos interessa presentemente, *Brand* não é de tão difficil exposição.

Brand, no idioma da Noruega, corresponde ao *brandão*, ao *facho* portuguez. O missionario que pallidamente Hakon se julga em politica, julga-se este, agigantado, todo em chammias, no mundo da religião. *Brand* não é o portador do brandão propriamente, pois todo elle mesmo é ardor, é fogo: elle é o brandão em si, é um abençoado incendio que caminha

Como um seu antigo companheiro de collegio, Eynar lhe annuncia ter vindo das suas bodas de

noivado, de par com a creatura que vae ser a sua companheira na vida, diz-lhe Brand :

— Sim, mas eu vou a uns funeraes.

— A uns funeraes ? pergunta-lhe Ignez, a noiva de Eynar, muito surprehendida com aquillo.

EYNAR. — E' exacto ! de quem é o enterro ?

BRAND. — D'esse Deus que acabas de chamar teu Deus. IGNEZ, *apartando-se*. — Vem, Eynar.

EYNAR. — Brand !

BRAND. — O Deus dos escravos, dos servos curvados sobre a gleba. Havemos de o enlear no lençol, pôl-o no caixão á luz do dia. Era preciso que isto tivesse fim. Comprehendeis : ha seculos que elle agonisava.

EYNAR. — Tu estás doente, Brand !

BRAND. — Estou tão bem disposto como o pinho das montanhas, como o tojo das charnecas, cheio de frescor e de saúde. O doente é o seculo, é a raça de hoje, que é o que se trata de curar. Ah ! vós só pensaes em brincos, em festas galantes. Quereis crer um pouco, mas sem olhar de muito perto, e fazer cahir todo o peso sobre aquelle que vos disseram ter se encarregado da expiação. Pois que elle se deixou coróar de espinhos por vós, não vos resta sinão dansar. A' vontade, mas uma outra questão, meus amigos, é a de saber aonde essa dança vos leva.

EYNAR. — Comprehendo ! isso é uma nova cantiga agora em voga por todo o paiz. Tu és d'essa ninhada recente para quem a vida não é sinão pó e vaidade, e que quer, brandindo as tochas do inferno, precipitar o mundo em um banquete de cinzas.

BRAND. — Enganas-te. Eu não sou um prégador de estrada. Não falo como servidor da Igreja. Nem sei bem mesmo si sou christão (Note-se que Brand é pastor protestante). Mas sei que sou homem, e tambem sei o que está estarecendo a medula do nosso paiz. Não é a alegria, bem vejo, o que ha de demasiado em nós. Antes o fosse. Sê o escravo da

alegria. Mas é preciso que o sejas todos os dias da tua vida, e não hoje isto amanhã aquillo. O que tu és sê plenamente, não a meio. A bacchante é ideal, o bebado é ignobil. Sileno é arte; um homem avinhado é caricatura. Percorre o paiz, interroga os habitantes d'elle, e verás que cada um foi educado para ser um pouco de tudo. Cada qual tem certa dóse de seriedade de que se reveste ao domingo, um pouco de boa fé para ser como já foram os nossos avoengos, um pouco de deboche para o fim dos banquetes, porque nossos paes é como faziam, um pouco de fogo no coração quando é dia de festa e cantam-se as glorias d'este povosinho valente que vive encarapitado sobre os rochedos, resistente como estes, e que nunca poude submetter-se ao jugo nem ao chicote. Cada qual tem certa leviandade em prometter e uma dóse de velhacada quando se trata de cumprir, a sangue frio, uma promessa feita depois de bebido e que, uma vez passados os vapores do alcool, então é que se discute. Mas, repito, possuem tudo isso em doses diminutas. Quer as virtudes quer os vicios d'elles não vão longe. Nas grandes coisas, como nas pequenas, elle são sempre fraccionados, fraccionados para o bem, fraccionados para o mal; mas o que ha de peor é que cada uma d'essas fracções é sempre capaz de destruir todas as outras.

EYNAR. — E' facil criticar, mas eu acho a indulgencia mais bella.

BRAND. — Talvez, mas menos sã.

EYNAR. — Bem, concordo, no que se refere aos nossos peccados nacionaes. N'esse ponto tens razão. Mas o que tem que ver com elles esse Deus, que continúa a ser o meu e que tu queres, tu, fazer enterrar?

BRAND. — Meu prazenteiro amigo, tu és pintor. Mostra-me, pois, esse Deus de que falas. Disseram-me que tu o pintaste para a edificação do bom povo e que teu quadro é commovedor. Vamos lá, elle é velho, não é?

EYNAR. — E'.

BRAND. — Perfeitamente. Tem a cabelleira encançada e

rara, como a gente velha, a barba argentea ou de neve, como quizeres. E' benevolente, sufficientemente severo em todo caso para metter medo aos meninos quando se deitam? Fazel-o andar de chinellas? Pouco importa! Mas o que conviria, creio eu, seria pôr-lhe lunetas e carapuça.

EYNAR, *irritado*. — Aonde queres chegar?

BRAND. — Não estou caçoando. E' esse o nosso Deus de familia, o Deus do nosso paiz, que o povo adora. Si o catholico faz um bambino do Heróe Redemptor, vós outros fazeis d'elle um velho valetudinario, prestes a cahir na segunda infancia. Si, de todo o dominio de S. Pedro, o que resta ao papa é uma chave dupla, não fecheis vós outros no circuito de uma igreja o reino de Deus, que vae de um pólo a outro. Separaes a vida da doutrina. Nenhum de vós pensa em ser. Vossos esforços, vossas idéas tendem a elevar corações e não a fazer viver uma vida plena e completa. Para agonisardes, que é no que andaes, tendes precisão de um Deus que vos olhe fazendo momo, de um Deus calvo e encanecido, como a propria raça. Então não seria bom pintal-o de carapuça? Pois bem, esse Deus não é o meu! Meu Deus é tempestade, o teu é vento apenas; o meu é inflexivel, o teu simplesmente duro de ouvidos; o meu é todo amor, o teu não passa de um bonancheirão. Meu Deus é joven como Hercules: não é o bom do teu Deus bisavô. Na sarça ardente do Horeb, a sua palavra se faz ouvir de permeio com os trovões, quando, lembrando um gigante armado, que enche de terror um pygmeu, elle surge diante de Moysés. Na planicie de Gabaon elle faz parar o sol. Realisou milagres sem numero e os realisaria ainda, si toda a raça não estivesse tão frouxa como tu.

EYNAR, *com um sorriso forçado*. — Trata-se, pois, de transformar a raça, não é assim?

BRAND. — Ha de se transformal-a, tão certo como ser minha missão n'este mundo a de cural-a de seus vícios e das suas infecções.

EYNAR, *sacudindo a cabeça* — Não apagues o murrão

que fumege, seu proprio cheiro nos serve de guia. Si as velhas palavras estão 'gastas, não as retires da lingua emquanto não tenhas creadó outras.

BRAND. — Eu não ambiciono coisa alguma nova. Reclamo apenas os direitos do Eterno. Não trabalho para sustentar uma igreja nem um dogma ! Elles têm a sua aurora, como não hão de ter o seu declinio ? A ordem universal requer logar para as fórmas que estão por nascer. Só o que não perece é o espirito increado, é a alma diffundida na origem dos tempos, dissolvida na ecclosão primaveril do mundo, a alma que de audacia e de fé viril, construiu uma arca que vae da materia á origem do ser. Agora, com a idéa que esta raça faz de Deus, fracciona essa alma em pequenas partes que se desfazem n'este retalho. Mas d'esta mutilação, d'estes trocos de alma, d'estes membros separados, espar-sos, ha de um todo surgir para que o Senhor torne a achar o homem que fez a maior de suas obras, Adão, seu primogénito, joven e cheio de vigor.

E' em torno d'esta profissão de fé, implicando um programma, que gira, durante toda a sua vida, a insolita individualidade de Brand. E' este o eixo central de todo o drama.

Brand, no momento em que o encontramos aqui, é ainda um joven pastor adjunto, que ora dorme aqui, ora dorme ali, « como uma lebre do mato », diz elle. Agora, por acaso andavá n'uma rapida viagem de serviço, por um districto da Noruega occidental, a região onde nascera. Mas occurren-cias extraordinarias se dão, em que elle, sem as ter procurado, vê-se de uma hora para outra envolvido. E são taes os seus movimentos então, a principio tão insolitos, tão perturbadores, tão equi-

vocos, para rotineiras e fracas intelligencias aldeãs, mas depois tão simples, tão evidentes, tão arrebatadores, que a população, onde não havia um cura localisado, lhe impõe o dever de ficar.

A principio elle reluta.

« Pede-me o que quizeres, diz elle, ao homem encarregado de lhe falar, mas não isso. Uma mais alta missão me chama. Eu quero estar onde a vida pulsa plenamente. E' preciso que o mundo me escute. »

Mas o aldeão lhe responde :

« Eu comprehendo tua acção, mas não comprehendo tuas palavras. »

Brand insiste :

« Ha uma coisa que se não pôde sacrificar : é o nosso eu, e nosso ser interior. A vocação é uma torrente a que se não pôde oppor nenhum dique. Ella sempre achará meio de abrir um caminho para si até o Oceano. »

E o aldeão :

« Mesmo que essa torrente se perca pelas charnecas, far-se-ha nevoeiro e chuva e acabará por cahir no mar.

Brand surprehende-se com estas palavras :

« Quem te ensinou estas coisas, »

pergunta. E diz-lhe o homem por fim.

« Desgraçado de ti, que sopras a luz, partindo. Desgraçados de nós que já soubemos o que é ver, mas apenas por um momento. »

N'isto, porém, apparece-lhe Ignez, noiva de seu

companheiro de infancia, o alegre e descuidado Eynar. Ignez estava seduzida até as entranhas, espiritualmente seduzida por Brand. Na vespera, como ninguem quizesse tripolar um bote, ridiculo juguete da tempestade reinante e Brand insistisse em querer ir até a choupana de um agonisante que estava morrendo nos horriveis transes espirituaes de remorsos atrozes, ella se decidiu a acompanhal-o, arrebatada por aquella dedicação, ante o pasmo geral da turba irresoluta, e desde ahi sua sorte se decidira para sempre.

Ignez pára junto d'elle tão naturalmente como si elles fossem dois velhos esposos amigos.

« Joven creatura, pondera-lhe Brand, vê bem o que fazes. De ora em diante, entre dois *fiells* sob um tecto humilde, ao pé de uma montanha que me ha de interceptar o dia, correrá minha vida como uma triste noite de outubro. »

Ignez lhe responde :

« Eu não tenho mais medo das trevas. Através das nuvens, vejo uma estrella brilhar. »

E elle ainda :

« Minhas exigencias são fortes, eu peço tudo ou nada. Uma debilidade que seja, e terás lançado tua vida ao mar. Nenhuma concessão a esperar nos momentos difficeis, nenhuma indulgencia para o mal ! E si a vida não bastasse, seria forçoso livremente aceitar a morte. »

Mas finalmente ella :

« Para além da noite, para além da morte, para além, eu vejo que desponta uma aurora. »

Elle já então se resolvera a ficar. Imprevistamente encontrara-se com sua mãe. Brand era filho de uma velha e terrível irmã de Harpagão, voltada toda inteira, exclusivamente, para o seu sacco de ouro. Foi para ficar mais a vontade com a sua usura que o casal afastara de si aquelle filho para bem longe de sua terra.

« Deixa-me com as minhas idéas, lhe diz a velha harpia, e contenta-te em recolher a herança quando ella te cahir ás mãos. »

Mas o filho responde :

« Cega que tu és, abre os olhos e vê. Tens estragado o que pertencia ao Senhor, devastado a alma que elle te deu para cultivar, tens ennodado, arrastando pela lama, sua imagem, que recebeste ao nascer. Mas teu filho não se afastará para longe de ti. Na hora da penitencia, quando o mandares procurar e lhe estenderes tua mão gelada, elle a tomará, ha de reaquecel-a nas suas. »

Essa, entre outras, foi uma das razões pelas quaes elle ficou.

Dois actos se esgotam n'estes preparos para a acção, propriamente. O terceiro abre n'uma verdadeira apotheose áquellas duas almas heroicas.

Agora ha mais um ser entre Brand e Ignez, um filho, — o arco de alliança entre os esposos, unico sem o qual não póde haver completação na felicidade de um amor tão serio e tão profundo como a vida ou como a morte, de um amor que é o maior dos mysterios, na frase de Novalis.

O pequenino Alf está dormindo. Brand, ao lado de Ignez, olha para o quarto, pela porta entreaberta :

« Deus te proteja, diz elle. Dorme e accorda disposto e alegre. Vós dois, continua voltando-se para Ignez, vós introduzistes paz e luz na minha obra. Não ha provações nem cuidados que não me tivesséis tornado mais leves. Perto de ti, nunca me aconteceu faltar a coragem, e quantas vezes não tenho ganho nos seus brincos de creança ! Eu tinha aceitado minha vocação como se aceita um martyrio. Mas, desde ahi, que transformação ! Como tenho sido feliz nos meus esforços !

IGNEZ. — Sim, Brand, mas tu mereces essa felicidade. Ah ! tu lutaste e soffreste tanto ! Eu assisti aos teus trabalhos e ás tuas fadigas, eu vi tuas lagrimas de sangue derramadas em silencio.

BRAND. — E' verdade. Mas tudo isso me pareceu tão facil de supportar ! Comtigo entrou o amor em minha alma, como um doce raio de sol de primavera. Eu nunca o tinha conhecido assim. Nem meu pae nem minha mãe o teriam podido produzir, elles que apagavam qualquer accendalha sob a cinza. Ah ! dir-se-hia que toda a somma de ternura secretamente accumulada no meu coração fez-se aureola para cingir sua fronte e a tua, minha cara esposa.

IGNEZ. — Não sómente a minha e a do nosso filho : resplandecem todas as fronteas d'esta grande familia que é a nossa, as dos irmãos que a dôr nos trouxe, dos filhos que nos deu a desgraça, as das creanças que choravam e as das mais que foram consoladas, as fronteas de todos os peregrinos que abrigamos em nosso coração, e que n'elle acharam um abundante repasto.

BRAND. — E' por vós que tudo isso se fez. Este espirito de doçura de que me compenetrei, esta arca celeste é vossa obra. Para que uma alma abraçe todos os seres é preciso

que primeiro ella abraçe um só. Privado de tudo, sósinho, meu coração se havia empedernido.

No quarto acto, o bailio, autoridade districtal suprema, para a qual não temos um órgão correspondente na nossa organização politica, o proprio bailio vem offerecer paz e pedir alliança ao missionario victorioso. No entanto, ainda no estio passado, elle viera convidar francamente o cura a retirar-se d'aquellas paragens, a que um homem como Brand, não podia na sua opinião convir.

« Vossas qualidades, dizia-lhe elle por esse tempo, que vos tornariam util n'uma grande terra, são antes prejudiciaes aqui, onde vossa obra ficará esteril, incomprehendida. Si não me engana, continuára o bailio com argucia, vosso fim é combinar a vida real com o ideal da vida. Ora, isto aqui não é possivel. Talvez os grandes centros se prestem a tanto. Ide prégar por lá vossas theorias sublimes, e deixae-nos a nós revolvendo nossa gleba e a terra dos nossos jardins. »

Hoje sua linguagem é bem outra :

— Renuncio dar-vos combate, diz elle, porque o grande numero está comvosco. O povo vem a vós de toda parte. Ha certo tempo para cá, reina aqui um espirito novo. Ah ! por certo que não é o meu. Concluo, portanto, que é o vosso. Eis minha mão, acabemos com toda guerra. »

E para que a alliança perdue elle vem convidar Brand para uma obra em commum : a erecção de um grande edificio publico, especie de « lazareto contra a pobroza », na sua frase meio comica de humanitarista um tanto irrisorio. Uma casa de

caridade, explica elle mais adiante, onde se possam abrigar os desvalidos e os criminosos, separados apenas por uma parede. Depois far-se-hia uma dependencia para o jury, para as eleições, para as reuniões publicas e para as festas.

— E na sala de festas, observa-lhe Brand, pôde-se muito bem abrigar os loucos furiosos. Assim tem-se tambem um hospicio.

A coisa far-se-hia por subscripção.

« Por isso, confessa o bailio, si me faltasse o vosso concurso, seria melhor que eu desistisse da idéa. »

— Perdeste o vosso tempo, responde-lhe Brand, porque eu tambem penso em construir, por meu lado.

E' uma igreja o que elle quer, o que elle vae fazer. A que existe é « o estabulo do presbyterio, » diz elle n'uma metaphora energica.

« Quero fazer uma grande igreja. N'esta que ahi está não ha ar nem siquer para uma alma. »

— E os meios ? Onde se os havia de arranjar ? pergunta-lhe o bailio, na radiação de um antegozado triumpho.

Mas Brand lhe responde :

— Eu não extorquerei a ninguem um obulo para offerecer um abrigo a meu Deus. Quero construir esta igreja ás minhas expensas, exclusivamente. Toda a minha herança, até o ultimo real, empregal-a-hei n'essa obra. E agora, bailio, ainda tendes a audacia de me pretender abalar ?

E o bailio com verdadeiro païsmo :

— Esmagastes-me, confesso. Mesmo n'uma cidade, raramente se vê coisa igual. Aqui, n'este districto, em que ha

tanto tempo, é de regra fechar-se a bolsa ás necessidades mais reaes, ides fazer jorrar uma fonte de abundancia a ponto de nos deslumbrar, de a nós todos, nos pôr a cabeça á roda. Não, Brand, repito. esmagastes-me !

No quinto e ultimo acto, um anno mais tarde, a igreja está prompta, e vae ser sagrada, justamente quando sobe o panno. Todo o povo está em alvoroço. A povoação ornamentada como para a recepção de um rei. O nome de Brand anda de bocca em bocca, abençoado como os dos grandes bemfeitores. Vendo aquelle tumultuar, diz o mestre-escola da aldeia :

— E' o coração do povo que se agita. Dir-se-hia que elles estão compenetrados da grandeza dos tempos, dir-se-hia que caminham para um campo de eleição, chamados a mudar de Deus... Ha momentos em que um homem não sabe o que se passa em si. Em vão tentar-se-hia sondar, nunca se poderia achar o fundo. Um homem avança, recúa, quereria lançar-se...

E um outro conclue :

— Eu creio, na verdade, que o que nós estamos é começando a saber o que é *sentir*.

Mas ah! o reverso d'esta medalha é simplesmente horrendo !

Desde o terceiro acto que a apotheose a esses dois seres moralmente tão altos já se entretece de cuidados e de angustias indiziveis :

Brand, eu sei o que te assusta, »
diz Ignez, quasi ao subir o panno.

« Tu é que teus medo, »

responde Brand. Ella :

« Não, és tu. »

Brand continúa :

« Ha uma angustia occulta no teu coração. »

Ella não desdiz, mas replica :

« Tambem no teu, Brand. »

E Brand accrescenta :

« A cabeça te anda á roda como si tivesses um abysmo aos pés. Vamos lá, fala, dize tudo. »

Ignez então confessa :

« Sim, eu ás vezes tenho medo. »

— « Tens medo, e porque tens medo ? » — « Por Alf.

— « Por Alf ? — « E tu não tens ? » — « Sim, confessa elle, por momentos. Mas não, Deus é bom ! Elle não nol-o ha de querer tomar. Meu Alfesinho ! Has de... acabaremos por vel-o crescido e forte. Onde está elle ? » — Está dormindo. »

Então é que vem aquella scena já referida em que os dois se põem a contemplal-o como em adoração.

— « Olha, observa Brand, elle está tão tranquillo ! Não tem o dormir agitado das creanças doentes. Vês que mão-sinha rechonchuda que elle tem ? » — Sim, mas muito pallida, pondera amargamente Ignez.

D'ahi a pouco, aquelle pae apprehensivo verifica que a creança tem febre. E n'este mesmo tempo o vêm chamar para levar os sacramentos á sua mãe, que está ás portas da morte.

— Ella me disse, refere o portador, ide procurar um padre : a metade do que eu possuo por todos os sacramentos.

Mas quando Brand se havia encontrado com a velha harpia, d'aquella vez que se decidira a ficar, já lhe dissera peremptoriamente :

« Sim, eu estarei comtigo no dia do remorso. Mas com uma condição : é que has de então, de bom grado, atirar, para longe de ti *tudo* o que te prende á Terra, e desceres nua para o tumulo. .. »

De modo que elle hoje inexoravelmente responde depois de haver indagado quasi de joelhos si não havia engano n'aquelle recado :

« A metade sómente ? N'esse caso, leva esta resposta : não ha padre, não ha sacramentos ! »

O mensageiro ainda lhe observa :

« Talvez não me tenhas reconhecido : é tua mãe quem me envia »

Brand responde, porém, implacavel :

Eu não tenho duas medidas : uma para minha familia, outra para os estranhos.

D'ahi a pouco volta o mensageiro :

Ella offerece os nove decimos da sua fortuna. »

E Brand, no entanto, ainda tem a coragem de dizer :

« Não offerece tudo ? N'esse caso, já conheceis minha resposta : não ha padre, não ha sacramentos. »

É sua velha mãe morre assim sem contricção.

— Que disse ella por ultimo ? pergunta timidamente Brand ao medico da casa, que é quem vem lhe annunciar o desfecho.

— Ella murmurou, responde o medico, que Deus tinha a mão menos inexoravel que seu filho.

Ainda falam os dois homens sobre este assumpto desesperador, quando Ignez apparece, pallida e transtornada no alto da escada, chamando o medico. Vão os dois ver a creança, emquanto Brand se fica debatendo nas mais indiziveis angustias moraes. Quando voltam, o medico grita precipitadamente do alto da escada para o missionario :

— Põe teus negocios em ordem e deixa esta terra.

Brand, no entanto, responde com firmeza :

— Mesmo que a terra abalasse, eu ficaria no meu logar.

Mas o medico :

— N'esse caso, teu filho está morto.

Brand então não se contem. Solta um brado selvagem :

Alf, meu filho ! Alf ! Que espantallo vem a ser esse !
Meu filho ! »

Mas o medico o contem :

— Não, escuta, diz elle ao pobre pae angustiado. Não ha luz, não ha sol aqui. Sopra n'estas paragens um vento polar. Vive tudo aqui embolorado debaixo d'este espesso nevoeiro. Mais um inverno em tal clima, e era uma vez a

vida d'esta creança. Si partires, Brand, teu filho está salvo. Mas avia-te logo, parte amanhã, si puderes.

— Esta noite, d'aqui a pouco, já, responde o pobre pae, sem saber mesmo o que diz.

Então o doutor sorri. E como Brand queira saber do sentido mysterioso de umas palavras que se seguem a esse sorriso, o medico expõe. Faz-lhe ver a differença entre as exigencias inexoraveis do filho, e as condescendencias tão faceis do pae. Isso sem maldade, no entanto, dando-lhe ainda razão.

« Não julgues que eu te censure, diz elle. Para mim és maior assim, reduzido, do que antes, quando fazias de homem forte. Adeus! eu te fiz presente de um espelho. Olha-te n'elle e dize suspirando : Meu Deus! Eis aqui a effigie de um homem que quer escalar o céu.

Outros encontros se dão, que todos concorrem a convencer o pobre pae desolado de que o mundo sorri ironicamente da sua fraqueza. E o louco resolve ficar. Como deixara sua mãe morrer no desespero, sacrifica a vida do seu unico filho á necessidade dos seus instinctos heroicos.

Dados os primeiros passos, a vertigem se apodera facilmente d'aquelle espirito. Elle prohibe Ignez de mesmo pensar no filhinho morto. Uma vez, por um dia de Natal, que ella tinha tirado das gavetas uns vestidinhos da creança morta e que os contemplava como si elles ainda representassem uma particula d'aquelle ser, no amargo consolo de uma mãe desgraçada, entra-lhes pela porta uma cigana com um filho semi-nú ao braço, pede de

esmola aquelles despojos, e Brand faz Ignez entregar-lhe tudo, tudo, fio por fio, n'uma luta desesperadora, que a lingua humana não póde reproduzir, porque a victoria das victorias para elle

está na perda de tudo. Perder tudo, eis o maior dos lucros. Não se possui eternamente diz Brand, sinão o que se perdeu.

Por fim tambem Ignez succombe a tantas e tão implacaveis provações que, desfeito em lagrimas de ternura, mas sem a sombra de uma transigencia, esse esposo de sua alma, escolhido tão livremente por ella no caminho da vida, lhe foi dia por dia exigindo n'um delicioso martyrio fatal.

E Brand ficou então completamente só. Sua alma de chammas reduziu a cinzas, assim, tudo quanto lhe viera pedir um apoio affectivo na existencia.

Elle agora está como estes desgraçados para quem a vida é a lembrança de uma enorme tempestade, que ainda ao longe vagamente echôa e cujas avalanches levaram-lhes tecto e familia, deixando-os, a elles proprios, quasi sem o uso de sua razão, como si as aguas pudessem alagar-nos a alma tambem.

Emquanto seu nome anda de bocca em bocca como o do heróe d'aguella festa de arraial, no dia da sagração da igreja, eil-o, o pobre Brand, mergulhado na mais profunda consternação. Para elle hoje aquelle grande templo, que sua alma ardente

sonhara, e que em cada uma das pedras que o constituem a todo mundo fala da sua exclusiva e inquebrantável devotação, aquelle templo é agora aos seus olhos apenas uma casa mesquinha e ridicula :

« Ah ! si Ignez tivesse vivido, diz elle, compungentemente, a igreja seria bem outra. Ella sabia ver a grandeza na pequenez e, com um raio de luz, dissipar todas as mínhas duvidas. Ella era a folhosa copa corôando o cimo da arvore, era a união entre o céu e a terra. »

Mas o que elle sente, elle diz ao povo :

« O que vós procuraes, é o esplendor da festa, são os seus lados exteriores. Depois, voltaes ao torpor habitual, gemendo e chorando sob o jugo quotidiano, a alma tão pobrementemente vestida como o corpo. E até a festa seguinte ha de jazer o livro da vida esquecido no fundo de uma gaveta. Ora, é isso o que eu sonhava, esgotando o meu calice ? Eu quizera que a igreja fosse grande e que abrigasse nas suas arcadas não só o ensinamento e a fé, mas tudo o que constitue a existencia, tudo aquillo a que Deus deu o direito de viver, o simples trabalho quotidiano, o repouso da tarde, a melancolia da noite, as vivas alegrias de uma mocidade de sangue ardente, e, desde o minimo até o maior, todos os bens legitimos do nosso coração. O ruido das torrentes que passam caudalosas, as cascatas que se despeñham no abysmo, os rugidos da tempestade e as vozes formidaveis do mar, deviam unir-se e fazer uma só alma com os accordes do orgão e os canticos do povo. Abaixo essa obra que pompeia diante de vós ! Ella só tem de grande a mentira que representa. Concebida n'um espirito que antecipadamente a condemna, ella é digna mas é de vossas lassas vontades !..... A Igreja não tem limite, nem ambito. Seu parimento é a terra verdejante, são as charneças, os

pinheiraes, é o *fjord*; é o mar. Só os céus lhe podem servir de abobada. Homem, é n'essa Igreja que deves trabalhar. Os labores da semana não podem profanar esse templo, que a tudo abrigará sob as suas arcadas, como o alborno reveste toda uma arvore. E então a vida confundir-se-ha com a fé. N'esse abrigo, a lei, o ensinamento e os nossos mais simples affazeres formarão um unco todo; o trabalho quotidiano unlr se-ha aos arrebatamentos para o céu, aos brincos infantis sob a Arvore do Natal, a dansa real dantes da arca.

Dá-se uma transfiguração geral com aquellas palavras, como si ellas fossem litteralmente cahidas do ceú. A turba inteira é uma caudal submissa e fremente aos pés do sublimado apostolo.

« A través dos montes, das planicies, das geleiras, diz elle então, através de todo o paiz, iremos destruir as peias que detêm ainda a alma do povo. Vamos arejar, alargar, edificar, vamos destruir toda oppressão. »

E o povo o acompanha por montes e valles. Mas não dura muito, porque não podia durar, aquelle estado de alma. Os pés dos peregrinos sangram pelo caminho, ha sêde, ha fome, começam os murmurios, accentuam-se as queixas, vão todas as almas cahindo em desespero, e por fim o apostolo é abandonado entre pragas e apedrejamentos, seguindo solitario, por uma tempestade crescente, a alma em terrivel hora crepuscular de Hamleto.

E n'esse estado de espirito, n'essa indizivel attribulação, elle exclama, desfeito em pranto :

« Oh Alf, oh Ignez, voltae ! Vêde-me, eu estou só n'este

cimo deserto, acuada pelos ventos, cercado de espectros, ferido e sangrando ! »

Então lhe apparece Ignez.

— Meu amigo, diz-lhe a apparição, tudo isso foi apenas febre a delirio. Vae se dissipar o nevoeiro ; não tarda, ha de vir a cura

— E Alf ? o triste Brand pergunta, surprehendido e beatifico.

— Tambem elle, elle vive, sadio e forte. Todos os teus pensamentos eram apenas um sonho, toda a tua luta uma illusão. Alf está em casa de tua velha mãe. Está perfeitamente bom e cresce todos os dias. A velha igreja ainda está de pé. Si quizeres, pôde-se-a demolir. Lá em baixo, o povo trabalha e soffre, como d'antes. »

Então, porém, imprevistamente, Brand replica :

— N'esse caso, eu quero viver agora aquillo que apenas eu tinha sonhado.

— Sacrificarias teu filho ? pergunta a apparição.

— Sacrificaria meu filho.

— Desfarias este encantamento em que me envolvo, me arrancarias sangrando, para me bateres com a vara do sacrificio ?

— Assim é preciso.

— Esqueces qual foi o premio do teu sacrificio ?

— Eu não soffro por um interesse pessoal ; não procuro meu proprio triumpho.

Foge o phantasma, sob um grande fracasso e aos echos de terriveis maldições.

Apparece então Gerd, uma rapariga louca, moradora d'aquellas paragens, cuja mania é a de que lá bem no alto ha a Igreja de Gelo Foi de um

encontro que ella tivera certa vez com Brand que começara a germinar no espirito d'este o desgosto pelo templo que elle então se empenhava em construir. Ella o deixara enamorado por essa igreja solitaria que a propria natureza edificara. E assim, conduzido pelo braço da loucura, elle se perde para sempre na voragem, desaparece para sempre da vista dos mortaes.

Eis a que vastidão, a que complexidade e grandeza attingira Ibsen no momento em que empreendeu e executou este drama. Elle é aqui o propheta e o apostolo da regeneração da sua raça, terno e inclemente como todos os legitimis reformadores.

Mas uma coisa que ha em *Brand* interessantissima para nós, é o seu desfecho, em confronto com o de *Pretendentes á Corôa*. No d'este o theorista que é Ibsen ainda não tem a completação do verdadeiro sonhador. Como Skule é o symbolo da indecisão, do egoismo, da banalidade, do erro, succumbe Skule; como Hakon é o symbolo contrario, é a força de querer personalisada, é a preocupação nobre, é o cavalleiro do Ideal, triumphha promptamente, depois decisivamente, definitivamente Hakon. Brand é o arrebatamento, é a grande fé, é a intransigencia personificada, é a força de vontade levada ás ultimas consequencias: acabamos de ver, no entanto, o seu desfecho. O bailio, personificação do meio termo, das meias virtudes, dos meios defeitos, acaba por ser coberto de razão, elle que convi-

dara Brand uma vez a retirar-se da provação, prophetisando-lhe com tanta argucia o successo que na verdade o esperava. Esta differença entre *Brand*, e os *Pretendentes á Coróa* é que assignala principalmente o engrandecimento que se opera no espirito de Ibsen entre um e outro d'estes livros.

Porque, no fundo, tudo está certo, como nunca, e a natureza nem por isso é menos digna dos nossos arrebatamentos. A derrota de Brand, considerada do alto é uma der rota exterior, simplesmente de apparencia. Elle é tão vencido como é Prometheu, como Jesus, como são todos os martyres que succumbem com o *e pur se muove* nos labios. A quem é portador de um brandão e o aceita como um labaro, a ignominia não está em que as labaredas, assanhadas pela soturna ventania da noite, o attinjam, mas em que as apague a sua falta de resolução de heroismo. Quando um homem é propriamente um homem, pouco lhe importa que nem sequer se distinga á distancia que elle por fim se consubstanciou com o combustivel que levava, que as suas entranhas crepitam, que seus cabellos chammejam, com tanto que gloriosamente ondeie lá no alto o fogaréo. No mundo do pensamento, saber querer é ser glorioso, mas não é absolutamente obter o dominio.

Em *Brand* H. Ibsen é o apostolo da vontade, como antes, mas que já passou pelo Calvario e que se refere a este sorrindo como á victoria maior. N'elle o ideologo aqui já desapareceu, e para

sempre : ficou, porém, um idealista enorme, irreductivel, para quem o circulo visual sobremaneira cresceu, revelando-se-lhe então a natureza sob um aspecto immenso, formidavel e despotico, e o homem n'uma inevitavel minusculisação proporcional, como que a sombra de um ponto a tremular indecisa no infinito.

Mas d'esses deliciosos esmagamentos a alma sahe sempre maior e melhor, porque, como diz Mæterlinck, mais avulta o homem quanto mais cresce n'elle o que se chama a idéa do infinito. Em nada o prejudica que na proporção em que esta se avolume decresça em seu espirito a idéa que elle fazia de si, como si elle tive se lá no seu intimo assentado e evidente sempre, que é erroneo o homem humiliar-se por isso, porque, em ultima analyse, elle faz parte do infinito tambem.

VIII

O espirito de Ibsen vae mais além. *Imperador e Galileu* representa na sua obra o ápice da montanha. Brand ainda é um heróe nacional, sonha com a substituição de um Deus patrio encanecido e amollentado por um outro Deus joven e andaz, mas egualmente regional ainda. Elle tem a reforma de sua raça como supremo ideal. Juliano, o heróe d'este outro livro, que constitue com *Peer Gynt* e *Brand* a trilogia dos seus dramas chamados philo-

sophicós, esse já é um typo decisivamente universal.

Aquelle homem que vem pedir a Brand para que fique, visto que a provação não tem um cura permanente, produz bellissimo conceito, tratando de persuadir o missionario, quando este lhe oppõe :

— Eu quero que a mundo me ouça. Uma voz, qualquer que ella seja, perde todo o poder, abafada por estas montanhas.

— Repetidas pela montanha, diz o aldeão, as palayras echoam por muito tempo, quando se fala a plenos e vigorosos pulmões.

Essa frase é Ibsen, afinal, quem diz a si mesmo.

Em *Brand* elle expõe com fina ironia, emprestando ao bailio, a theoria que uma critica de plunitivos gallinaceos cacareja aqui, e além, fanhosamente, como um dogma.

O BAILIO. — A primeira regra para quem quer instruir os homens é a de se conformar ás necessidades do paiz.

BRAND. — Essas necessidades, se as vê melhor do alto dos picos, do que dos pantanaes habitados que dominam os *fjelds*.

O BAILIO. — Taes discursos são proprios para a gente da cidade, não para os habitantes d'este logarejo.

BRAND. — Ah ! é interessante ver os limites que vós outros quereis pôr entre a planicie e a montanha ! Os direitos reclamados cá e lá são os mesmos, quer nas cidades, quer na montanha, mas aos deveres civicos aqui se entende que se lhes pôde fugir. Covardemente vos julgaes quites de tudo, exclamando com voz pungente : Nós não somos mais do que um povo pequeno e pobre.

O BAILIO. — Cada coisa tem seu tempo, cada tempo suas necessidades, cada raça seu papel a desempenhar:.....

Andam por esta maneira os homens, em terras mesquinhas assim, pondo em redor do espirito limites correspondentes aos que os circumscrevem physicamente, prendendo-se dentro d'elles como dizem deixar-se prender o Perú dentro de um simples circulo que se trace a carvão em torno do seu empavesamento imbecil.

Discursos?... Pois não, em toda parte elles têm logar. Comtanto que venham sem idéas, ou pelo menos que tragam idéas já gastas, já de ha muito referendadas nos grandes centros. A nós outros não nos é dado utilizar-nos de pensamentos fabricados em casa, de primeira mão. Fazemos muito em entregar-nos á canceira de ler esses calhamaços que se fazem lá fora, em que a parte da humanidade « competente », « autorisada devidamente » a pensar, deposita seus pensamentos para nosso uso, que nós outros, na funcção de reporters fleis e bem intencionados, funcção excelsa entre nós, colhemos e « adaptamos ao meio », timidamente, com toda a boa modestia de individuos que no fundo se desconfiam cretinos.

Pois não é muito mais simples um homem deixar de andar se preocupando com estas coisas, pensar apenas em que é homem, que tem cerebro, tem alma, e aceitar com simplicidade, sem falsos orgulhos, mas tambem sem covardias indignas as idéas que lhe vem como sendo idéas humanas,

— não de pittecos, não de anthropoides, — como coisas naturalmente decorrentes da funcção psychica na Especie á que pertencemos ?

Si na nossa obra não houver propriamente invenção, si ella fôr um simples corollario de outras obras matrizes produzidas além, não ha meio de evitar que ella seja classificada de accordo com o seu valor secundario ; mas querer aprioriticamente que ella assim tenha de ser, por força, isso é dar um signal irrecusavel de imbecilidade. E' tão complexa essa questão da influencia do meio que ninguem tem o direito de julgar-se apto a antecipados determinismos, pelo menos em certos casos.

Andava latente, de certo, em Ibsen uma ordem de idéas analogas a essas quando elle poz na bocca do seu aldeão aquelle brocardo tão intrepido e lançado com tanta galhardia.

Sim, a questão está simplesmente na força dos nossos pulmões. Não ha idioma que seja intransponivel, quando não caiba em seu seio, por vasto e profundo, um pensamento humano de que elle seja o berço primitivo. Será apenas uma questão de tempo, sem importancia para a obra em si. A natureza é de uma tão sabia economia que uma gotta d'agua, siquer, não transborda, não se desvia de seus fins, no vasto laboratorio universal, quanto mais um pensamento excelso e peregrino, para cuja producção os dispendios têm de ser tão consideraveis e tão prolongados ! Quando eu digo

pensamento, quero dizer uma obra, toda a vida profunda de um homem.

Produzindo *Imperador e Galileu*, Ibsen offerecia ao mundo o fructo d'essas suas preocupações latentes.

O assumpto d'essa obra já tinha seduzido o, em tantos pontos, incomparavel Goethe. Este escrevia a Schiller em 5 de Janeiro de 1798, refere Caseneuve : « Eu quizera fazer ainda um dia uma coisa espantosa, realisar um projecto que concebi outr'ora sobre Juliano o Apostata. »

Na verdade, Juliano é um assumpto formidavel. Elle symbolisa na historia o mais alto conflicto intellectual e moral que se travou entre Helios e Jesus, entre o mundo antigo e o mundo moderno, já depois do christianismo ter estendido pelo imperio romano, que comprehendia então quasi todo o Planeta, os alicerces geraes do seu dominio, com essa ambição arrojada e simples de tudo o que sente em si impulsos inilludiveis e decisivos para um grande destino. Elle que começara sendo o palliativo espirital dos escravos, dos desclasificados, de todos os que se sentiam sem apoio na Terra, já estava então sobre o throno.

O drama decorre entre 351 e 363 da éra christã. Tinha Constantino desfraldado o pavilhão cuja legenda lhe fôra maravilhosamente revelada, o *in hoc signo vinces*, e morria aceitando o baptismo, apesar de todas as tergiversações em que andara o seu espirito, tão naturaes em uma epoca

de transição como essa. Reina, ao começar o drama, Constancio, do qual Juliano recebe a principio a dignidade de Cesar, e a quem por ultimo se oppõe, deixando-se acclamar Imperador, arrastado pelas circumstancias. Constancio succedera a Constantino, seu pae, e si é pusilanime como não era este, si acaba por tornar-se um juguete odioso nas mãos dos aulicos eunuchos, não vacilla, no entanto, é antes, por isso mesmo, um fanatico, no que respeita ao seu ponto de fé.

Juliano apostasia, por consequente, dentro já, francamente, do reinado do Galileu. Como imperador, é certo, com a omnipotencia dos cesares então. Mas é necessario ver que antes os tempos é que haviam imposto a nova crença aos seus antecessores do que estes ao difficil imperio cujas redeas lhes queimavam as mãos. Essa resolução, pois, já não podia ser inspirada ao joven principe por um sentimento de pusilanimidade ou com vistas baixamente interesseiras; ella importava, antes, n'um verdadeiro heroismo.

E é por isso que só Juliano pôde symbolisar sympathicamente aos nossos olhos a luta da antiga religião com esta outra que ahi vem rompendo inevitavel, segura de si. Quando vemos, por fim, este infeliz lançado por terra, na rigida mesquinhez do seu vulto humano, como um cadaver qualquer, o que tal espectaculo evoca principalmente, não tem duvida, é a grandeza sem limite d'esse Jesus que elle ousara tomar por seu

émulo. Mas, trazendo-se á mente todas as circumstancias que se reuniram como a capricho para tornarem quasi inevitavel, para imporem a Juliano, — por pouco se podia dizer, — esta famosa apostasia, gradativamente elle vae deixando de ser aos nossos olhos uma creatura como as outras, e reveste-se do indefinido, do indeterminado dos symbolos, deixando-nos perplexos, como diante de uma grande e emocionante fatalidade, *que por força se tinha de dar*. Então, nobilitado pelo papel que lhe cabe, embora seja afinal o de um Vencido, o symbolo reveste-se de uma grandeza proporcional a esse triste e soberbo espectaculo.

Quasi que se não póde comprehender a transição de uma para outra epoca religiosa sem um personagem como o de Juliano.

Emquanto eram os galileus uns pobres párias fanaticos, com a volupia do martyrio, desertando do mundo systematicamente, fugindo das suas exterioridades como se foge da lepra, convencidos de que o maior lucro estava em tudo perder, — religião de ignorantes e de pobres de espirito, — seria irrisorio, de um antecipado quixotismo, desembainhar a espada, ou deprecar do alto de um throno, em nome do magnifico Apollo, para combater esse andrajoso e tropego phantasma. Agora, porém, estavam invertidos os papeis. Tão rapidamente fôra se propagando a nova loucura que os poderosos de hoje já eram justamente esses galileus.

E então, com as grandezas, já tinha vindo e enxame que ordinariamente as acompanha. As côrtes de Constantino e de Constancio se haviam transformado n'um immenso viveiro de ociosos e intrigantes.

Logo depois da entrada de Juliano, feito imperador, no palacio de Constantinopla, como elle tivesse necessidade dos serviços de um barbeiro, apresenta-se-lhe um official magnificamente vestido que o cumprimenta respeitoso.

— E' um barbeiro que eu reclamo, — exclamou o principe, fingindo estranheza, — não o exactor geral das finanças.

Depois Juliano perguntou ao poderoso figaro em que consistiam as vantagens do seu cargo. Veiu a saber que, além de um salario consideravel e de outros bellos proventos, o barbeiro ainda recebia ração para vinte creados e outros tantos cavallos.

Havia mil barbeiros em palacio, mil copeiros, mil cozinheiros, e « o numero dos eunuchos só podia ser comparado com o dos insectos em tempo de verão, » diz Libanio, como testemunha contemporanea.

Um d'esses eunuchos, Eusebio, adquirira predominio sem equal sobre o espirito de Constancio. Ammiano, escriptor imparcial, dizia, em fórmula de gracejo, que o imperador tinha alguma influencia junto d'esse eunucho. Com tal frase elle synthetisava toda a situação.

A' mesa do palacio, serviam-se passaros de

todas as zonas da terra, fructos o mais prodigiosamente temporões, peixes de todos os mares, « rosas no inverno, gelo na canicula. »

A despeza dos creados do palacio excedia a das legiões. Os individuos mais vis do imperio podiam comprar com seu dinheiro o direito de viver na abastança e na ociosidade, á custa das rendas publicas. Traziam roupas de seda bordadas a ouro. As casas de moradia d'estes famulos occupavam mais terreno do que antigamente o patrimonio de um consul. Cidadãos os mais respeitaveis eram obrigados a descer do cavallo em que iam, para respeitosa e saudarem os eunuchos que fossem encontrando pelas estradas.

Não podia deixar de se ter modificado correspondentemente o que dizia respeito á religião d'esses tempos. Já se estava muito longe da singela pureza que caracterisara o seculo apostolico. Desde Constantino, conseguira o espirito de seita implantar-se entre os christãos, e separal-os violentamente entre si, produzindo hecatombes horriveis, que seria calumnioso comparar com as perseguições do paganismo á religião nascente, quando elle ainda gozava do prestigio official, taes foram, e tão de prompto, esses calamitosos excessos.

Arianos, donatistas, marcionitas, valencianos, manicheus, caínitas..... assim em facções, que se subdividiavam infinitamente, eis em que harmonia já se achava por esse tempo o mundo christão. Seitas

houve como essa dos donatistas, que floresceu principalmente na Mauritania e na Numidia, cujo furor e frenesi chegaram a um gráo tão assombroso que nunca mais se produziram fanaticos no mundo capazes de resistir a uma comparação com elles. Expulsos por toda parte, andavam esses loucos vagando em massa, formidaveis, levando por onde passavam o terror e a consternação. Saqueavam povoações inteiras, entregavam-se á mais desenfreada libidinagem, assassinando suas victimas em seguida, deixando após si tudo em chammass para irem reproduzir as mesmas calamidades além.

Estes criminosos fanaticos eram ao mesmo tempo sedentos de martyrio, indifferentes á especie de supplicio, comtanto que tivessem uma morte santificada pela intenção de se devotarem á gloriada fé. Muitas vezes detinham os viajantes peals estradas e os concitavam a se fazerem seus algozes, sob pena de serem invertidos immediatamente os papeis. Si não, annunciavam que em certo dia se arrojariam de um determinado precipicio, convidando seus amigos a assistirem ao espectáculo, vindo d'ahi o se tornarem celebres varios d'esses rochedos pelo numero de suicidas de que tinham sido o catafalco.

Em cidades mesmo da importancia que tinham as duas capitaes, Roma e Constantinopla, davam-se rixas por motivos religiosos que custavam a vida a milhares de individuos. O incendio, as de-

predações, sob taes pretextos, eram communs mesmo ahi no coração de imperio romano.

Em uma palavra : um mundo de fealdade, o d'esse momento, um mundo de grosseria, de vacillação. A civilisação greco-romana entrara n'uma dissolução decisiva, que nenhuma força humana poderia deter. Os elementos que a tinham constituido, encontrando-se hoje com o Oriente pejado de novo Ideal, estremeceram e aturdiram-se assim, desorientados como por um golpe de morte ; que elles eram incapazes de se tornarem por si sós os typos representativos d'essa segunda Civilisação.

Os *pioniers* das novas raças humanas faziam então os seus primeiros reconhecimentos para afinal se despenharem depois n'essa invasão diluvial e victoriosa, que veiu modificar tão profundamente os destinos da Especie. Sem ellas, sem a differenciação de seu genio, não teria sido possivel o surto das nações modernas, nem ao christianismo essa feição imprevista de que se revestiu, tornando-se compativel com a existencia terrestre, fazendo-se mais profundo e ao mesmo tempo uma religião quasi risonha.

Emquanto ellas não chegam, porém, o novo Ideal traz os homens do antigo e feliz paganismo assim atordoados, n'uma meia noite phantastica, presidida por immenso duende.

Vê-se, pois, claramente : nunca, como então, fôra tão digna da *sympathia* dos espiritos nobres,

delicados e cultos, a velha e serena religião decahida. O contraste não podia ser mais eloquente e sob todas as apparencias mais a seu favor perante a pura e indefectivel razão. Enquanto tudo era convulsionamento, epilepsia, baixeza, degradação, pelo mundo, Helios, com a fronte corôada de louros, sereno e magnifico, pacifico e arrebatador, continuava a sorrir immortal, ás poucas almas dignas e venturosas, que se lhe tinham conservado fieis.

E as havia, menos raras do que se póde suppôr. Nem todos os templos lhes tinham sido usurpados ; e si a parte externa da religião aqui ou ali ainda encontrava cultores, a philosophia e a eloquencia pagas muito mais vivazes resistiam por esse tempo, cheias de seducções a todos os espiritos em que o instincto da belleza falasse. Sophistas notaveis ainda havia, na Grecia e na Asia Menor, cheios de prestigio, rodeados de jovens discipulos, herdeiros estes muitas vezes de bellas fortunas e de nomes os mais dignos das deferencias do mundo.

Juntem-se a tudo isto, agora, as circumstancias especiaes que occorreram para a formação do espirito do joven principe que seria mais tarde o Imperador Juliano.

Elle e Gallus, seu irmão, exceptuados mais dois outros irmãos de Constancio, são os unicos membros da numerosa familia flaviana que logram sobreviver a Constantino. Logo após a morte do

imperador, como fossem muitos a aspirar á purpura, pretendendo pelo menos uma nesga de poder no vasto imperio, finge-se acreditar em um falso codecillo attribuido a Constantino, em que este denuncia os parentes como seus assassinos, excita-se a colera da soldadesca desenfreada contra os suppostos criminosos, e um barbaro morticínio se desenvolve, a que, de todos os parentes imperiaes, sobrevivem apenas os dois principes, como creanças que eram, das quaes nada havia por emquanto a receiar. A responsabilidade d'este morticínio cahe toda inteira sobre Constancio, unico dos interessados que assistiu a esse exterminio, movido pelos seus aulicos, que só elle podia deter.

Juliano e Gallus, aquelle com seis, este com doze annos apenas então, foram d'ahi por diante prisioneiros de Constancio, que em pouco tempo a sorte libertou dos outros dois irmãos, deixando-o sósinho no throno.

— Eu levei, diz Juliano, minha infancia e minha primeira mocidade n'um captiveiro dourado. Já se tornara em mim um habito, direi mesmo uma especie de necessidade, sentir em torno uma atmospherá de terror.

Os negocios do imperio forçaram Constancio afinal a conferir o titulo de Cesar, pelo gráo de seus nascimento, ao irmão de Juliano, o desgraçado Gallus, cujos serviços lhe eram inteiramente indispensaveis por esse tempo na administração. Assim terminou o captiveiro de ambos.

Pouco tempo, no entanto, permaneceram as coisas n'este pé. Gallus, de um character violento, cruelmente despotico, entregou-se aos maiores excessos no governo que lhe foi confiado, fornecendo por este modo armas as mais poderosas aos aulicos eunuchos, inimigos naturaes de toda a familia de Constancio, cuja influencia receiavam. Estes o envolveram habilissimos em tenebroso trama, e obtiveram do imperador o assassinato de mais um, o penultimo dos seus parentes.

Emquanto Gallus tomou parte no governo do imperio, dignificado com o titulo de Cesar, o imperador deixou Juliano viajar, sinão livremente, pelo menos apenas sob uma vigilancia secreta e cautelosa. Andava o principe á procura de mananciaes que satisfizessem sua infinita curiosidade intellectual. Elle era, de natureza, um philosopho ; tinha a necessidade especulativa como primordial. De Pergamo transportava-se para Nicomedia, sahia de Nicomedia, ia residir em Athenas, dé Athenas partia precipitadamente para Epheso.

Todo o seu passado não fôra mais do que o percurso de uma extensa galeria funebre e profundamente odiosa, que só lhe falava de crimes, de infamias covardes contra os seus, cuja responsabilidade ia cahir justamente á cabeça dos mais altos potentados do dia, os representantes officiaes d'essa religião nascente, já assim aos seus olhos maldita, nadando em sangue, como estranho

abutre que elle pudesse ter visto em atormentado sonho por uma noite de febre.

Agora o seu presente, desde a exaltação de Gallus ia sendo levado a seu bel prazer, á toda redea da sua incendida imaginação. Por onde elle passara fôra procurando intrepidamente as mais altas convivencias intellectuaes, entre ellas a de Libanios, o mais famoso dos sophistas de então, de palavra seductora e sabia, de alma ambiciosa e arrojada, e esse Maximos de Epheso, estranho visionario genial, herdeiro dos Magos de out'ora, habil nos sortilegios, sacrificador de missas negras, á procura da philosophia suprema. Em Athenas elle passa uma vida de liberdade, não só espiritual como de costumes, com os moços que ainda demandam a velha Academia, e vão vestir o manto curto dos philosophos, reproduzir as scenas de out'ora com os mestres contemporaneos, lembrando Platão, quando, rodeado de discipulos, passeava nas aléas da Academia, falando-lhes divinamente das coisas. Ainda aquelles moços cingem de louro e rosas a cabeça, fazem bacchanaes, glorificam a vida risonhamente pela forma pagã.

E' verdade que não só na sua infancia como ainda depois, na Côrte, e mesmo lá fóra, em pleno mundo, Juliano cultivava altas relações entre os galileus contemporaneos, a do exegeta Hecebolios, seu mestre, a de Gregorio de Naziança, a de Basilio de Cesaréa. Mas na infancia seu aio, o bispo de Nicomedia, é justamente aquelle que se

faz portador do falso codecillo em que se figura Constantino queixando-se aos filhos de ter sido envenenado pelos outros membros da familia e lhes pedindo vingança. Este eminente Hecebolios, como pouco mais tarde Juliano vem a saber, procura incompatibilisar seu discipulo com os sophistas que Constantinopla hospeda, servindo-se para isso dos mais aborrecidos embustes. E' por meio da mentira, da deslealdade, que elle quer ser leal, quer servir a causa da verdade. Gregorio e Basilio são simples, são puros, são bons; mas incapazes de uma influencia bastante forte sobre a alma d'aquelle joven para contrabalançar com a de tantos outros elementos contrarios que lá pesavam, e faziam odioso tudo quanto lhe falava d'esse mundo novo, já tão cheio de manchas e de stygmas.

— Ah os padres !.... fal-o Ibsen dizer uma vez. Minha mocidade inteira não foi mais, por assim dizer, que um perpetuo terror entre o imperador e o Christo. Oh ! é terrivel este enigmatico.... este inexoravel Homem. Deus ! Aonde quer que eu quizesse ir adiante, elle se me interpunha no caminho, grande e severo, com suas exigencias absolutas, inflexiveis. Si eu me estorceia em colera intima, roida, devorada a minha alma pelo odio, contra o assassino de minha familia, o maudamento dizia : Ama o teu inimigo ! Si meu coração, ébrio de belleza, tinha sêde dos costumes e das imagens do mundo grego que se foi, ahi vinham as exigencias do christianismo, dizendo-me : Não procures sinão o necessario ! Si eu tinha appetites sensuaes e vontade de uma ou outra coisa, o principe do renunciamento aterrava-me com o seu : morre aqui para viver além ! Tudo o que é do homem tornou-se illicito a partir do dia em que

o vidente de Galiléa tomou a si o governo do mundo. Viver, para elle é, d'ahi por diante, morrer. O amor e o odio são peccados. Então elle mudou a carne e o sangue do homem ? Ou dar-se-ha que o homem, preso á terra, tenha deixado de ser o que era ? O que ha de são no fundo de nossa alma protesla contra isso.... e entretanto é *preciso querer*, precisamente contra nosse propria vontade ! E' preciso ! é preciso ! é preciso ! »

Como vemos, é uma molle immensa de homens e de factos a que se faz necessario abranger, vivificar e pôr em movimento, organisando um enorme e harmonioso tumulto, a quem quer que pretenda pôr de pé, diante do mundo hodierno, e tornalo interessante, emocional, o vulto legendario d'este estranho Apostata. Sem esta atmospheria, e sem o conhecimento de todos os factos essenciaes anteriores á sua apostasia, o quadro não offerece perspectiva, e a figura central fica n'uma attitude inexplicavel, que gera frieza, quando não seja repugnancia, aversão.

Mas ainda não basta. Quem quer que acompanhe Juliano até a sua apostasia, tem de lhe seguir os passos depois até a morte. Sua vida vae subindo de interesse desde então, até chegar a provocar vertigem, como quando estamos ou vemos alguem attingindo, de cada vez mais, o apice de uma escarpa que olha para terrivel abysmo. E para isso é necessario jogar com outra molle gigantesca de factos e de homens.

Tranquillise-se o leitor : nós outros não precisamos dispendir tanto esforço. Não é o continuar

n'essa relação de factos que atraz ficou o que nos cumpre fazer emquanto tratemos de *Imperador e Juliano*.

Ibsen, porém, é que não podia fugir. Para abranger completamente este assumpto colossal, elle teve que manusear uma extensa e difficil bibliotheca antiga. As obras de Juliano, Ammiano Marcellino Libanios, Prisco, Eunapio, Mamertinos, Gregorio de Naziança, S. Basilio, S. Cyrillo, S. João Chrysostomo, Santo Agostinho. Sem falar de escriptores modernos, desde Montaigne e Gibbon, até Theodoret, H. A. Naville, C. Boissier. Ibsen chegou a assimilar o proprio estylo da epoca, grandiloquo e monotono, e particularmente o de Juliano, servindo-se, tanto quanto possivel, das suas proprias palavras, taes quaes se acham em seus livros.

Mas, apezar de todo esse esforço estupendo, *Imperador e Galileu* não teria sinão um valor de segunda ordem, dentro mesmo da obra de Ibsen, si elle fosse apenas um estudo historico sob a fórma dramatica. Ainda mais, mesmo que tivesse como fim principal pôr em relevo a superioridade do christianismo sobre a antiga religião, e exhibir em toda a sua grandeza o duello estupendo entre esse dois grandes principios, obedecendo, portanto, a uma intenção philosophica e a uma necessidade de alta representação poetica, nem assim elle poderia obter um grande exito. Essa superioridade é tão geralmente reconhecida que se faz axioma-

tica ; é d'estas coisas que não necessitam demonstração.

Havia um terceiro caminho a seguir, o opposto, justamente : demonstrar a excellencia do paganismo, comparado com a civilização christã.

Quem sabe si não seria essa a intenção de Goethe, e si depois na profundidade das suas intuições não achou elle a condemnação d'esse projecto, que não consta houvesse jamais tentado executar ?

Nós vemos este mesmo Goethe fazer os seus bellissimos *pasticcios* hellenicos, como, por exemplo, *Iphigenia na Taurida*, e ficamos deliciados com taes poemas ; mas como por estatuas de neve que simulassem genialmente o marmore. Elle assimila por tal modo a serenidade antiga que confina com a immobilidade. Si não fosse, porém, o *Fausto*, estes poderiam ser documentos indiscutíveis de toda a grandeza do seu espirito ? Na obra de Goethe, o *Fausto* é que representa uma grande criação, e é porque aqui se trata de um modo de ser todo novo, e por isso palpitante, capaz de ser grandioso, natural.

O que passou tem toda razão, desde que o encaremos como passado ; mas desejar que seja presente o que já foi, é dar prova de incompreensão. Por isso mesmo que o christianismo venceu, o christianismo é superior ao systema religioso decahido. Mesmo porque não ha victorias, não ha derrotas : ha successões por herança, por assimilação, junto

a este *quid* indefinível que traz todo novo organismo, diferente do de todos os anteriores, e que é justamente o que o caracteriza, o que lhe dá individualidade própria.

E isto mesmo Ibsen nol-o diz :

— Maximos, pergunta uma vez Juliano ao seu mago, tu que sabes interpretar os presagios, cujo sentido mysterioso a todos as outros escapa, tu que és capaz de ler no livro dos astros eternos... podes dizer-me qual será o desfecho d'esta luta ?

MAXIMOS. — Sim, meu irmão, posso.

JULIANO. — Tu o podes? Então dize-m'o. Qual d'elles vencerá, imperador ou Galileu ?

MAXIMOS. — Ambos desaparecerão, tanto o imperador como o Galileu.

JULIANO. — Substitues um enigma por outro enigma ainda mais obscuro.

MAXIMOS — Escuta-me, amigo da verdade e irmão! *Eu digo que ambos desaparecerão, não que hão de perecer.* O infante não desaparece no adolescente, e o adolescente por seu turno no homem ? Mas nem o infante nem o adolescente succumbem..... Tu sabes, eu nunca aprovei o que quizeste fazer como imperador. *Tu querias que o adolescente voltasse a ser creança.* Quizeste impedir o adolescente de crescer, de vir a se tornar um homem.

Imperador e Galileu sahiu uma grande obra justamente porque não é nem a apologia, nem a detração do passado; mas porque o que ha n'elle de principal é uma actualidade fremente, uma atmospheria de inquietação, que vem a ser justamente a hodierna, e uma brumosa, mas risonha, alviçareira visão do futuro.

Juliano, n'este livro, não é simplesmente o jactancioso imperador pagão, que, para se reconhecer verdadeiramente senhor em seus dominios, pretende n'elles desmontar Jesus, apagar da memoria dos homens o nome do Galileu, como se desfaz um sulco sobre as ondas.

Desde o começo do drama que elle diz :

« Eu só aprendi uma coisa em Athenas : é que a belleza antiga deixou de ser bella, e que a nova verdade não é mais verdadeira. »

Juliano é principalmente um sedento de crenças, uma alma vasta com proporções para librar-se em grande atmospherá saturada de fé, e que sente em torno de si o vacuo, alma que abafa e se abate por essa desesperadora inanição de em redor.

Libanios, quando o principe se acha em Athenas, vem um dia lhe falar, cheio de apprehensões, d'aquelle visionario Maximos, « o inimigo de toda philosophia », que estava sendo indispensavel eliminar-se. Ultimamente em Epheso, perante uma numerosa reunião, em que o thaumaturgo contava adeptos e adversarios, Maximos, por meio de estranhos esconjuros, e de um cantico cuja letra ninguem entendera, havia feito accender-se por si a tocha de marmore que uma estatua de Hecate, presente ao local, tinha na mão. E, á viva luz azulada que o brandão projectara. todos tinham visto o semblante da estatua animar-se e sorrir. Ora, não era um escandalo querer, n'aquella epoca,

depois de Platão, envolver de novo em enigmas e nebulosidades de pensamento o edificio admiravel, tangivel, erecto a tanto custo, pelos amigos da sã philosophia, da legitima escola ?

Mas taes insinuações produzem justamente um effeito opposto no espirito de Juliano. O que elle entrevê em tudo isso é um fio de luz projectando-se sobre seu caminho. Enche-se de ardor, e, apesar de todas as opposições que lhe fazem, vae encontrar-se com Maximos, de quem nunca mais se separa, d'ahi por diante.

De modo que o Juliano de Ibsen é perfeitamente um nosso contemporaneo. O que faz esta ancia moderna é não termos mais um vivo enthusiasmo pela belleza antiga, apenas uma comprehensão erudita, uma admiração retrospectiva, e a verdade evangelica já nos ser falha, deficiente, preterita. O Juliano do poeta norueguez é um irmão collaço do Fausto de Gœthe. Assim as duas metades do seculo correspondem-se, fazendo-se echo mutuamente uma da outra.

Mas *Imperador e Galileu* é muito mais terrestre e muito mais humano do que o grande poema da Allemanha. No *Fausto* ha claridade, ha esperanza, ha redempção, mas só quando se começa a ouvir na setima esphera o cantico dos anjos. Para Gœthe o salvaterio ainda está apenas na divinição a que aspirara o Dante. E' uma esperanza esta sua que deixa os olhos humanos rasos de lagrimas. Como que se adivinha que lá no seu

intimo elle só acredita na felicidade que possam crear em nós as illusões da Poesia. Quasi que esta crença é no fundo um modo nobre e risonho de descrever.

Para Ibsen a salvação humana está aqui mesmo na Planeta, está na vida, está no soffrimento, está na luta. Além do mundo por certo que o universo continua, continuarão a confirmar-se infinitamente por ahi além as grandes leis que aqui entrevemos confusos, como nos é permittido dentro da nossa pouquidade. Mas ao nosso poeta é o homem e no homem o que diz respeito á sua passagem aqui pela terra, que mais profundamente o commove, como a um companheiro de viagem os outros companheiros que tem em torno, emquanto dura a peregrinação. Em vez de alçar os olhos para cima, elle os projecta no abysmo dos tempos que estão por vir para o mundo, e si Dante e Gøthe trouxeram-nos aos ouvidos hosannas celestes, este vem trazendo no olhar fatigado, voltando do pèlago, um tremula aurora.

Aquelle Maximos, o thaumaturgo que o sophista temia, serve-lhe de seu porta-voz para isso.

Mephistopheles é a caricatura odiosa de Fausto. Fausto é o nobre interesse, Mephistopheles é a ironia, o desprezo por tudo. Fausto é a aspiração, Mephistopheles a negatividade diante de natureza. Um, sem azas, é a ancia por subir ; o outro, alado, é que tem necessidade da lama, da estreiteza, do nihil. Si Mephistopheles não fosse um anjo de-

cahido, Fausto estava salvo e victorioso, tendo achado no poder sobrehumano do seu guia a sua completação.

Aqui se dá justamente o inverso. Maximos representa uma crença solitaria, esporadica em seu tempo, mas limpida e irreductivel, como tudo o que é propriamente e completamente uma crença. E' um grande diamante, focalizando magnifico, engastado embora na ingratição arida e petrea de um deserto.

Elle é o precursor de um novo evangelho. O Terceiro Reino, eis o que este mago desde esse tempo vem prenunciando. Que importa para esses espiritos illuminados a fatal isolação que se vae em torno d'elles formando? Ella é logica, inevitavel, natural. A sorte dos cimos é justamente a de estarem isolados. Em compensação vivem mais perto do céu, quasi entestando com os astros. Vistos de longe, á noite, parece que os cinge, muitas vezes, um palpitante diadema de estrellas. Vae completa calma lá embaixo em certas occasiões, e lá nas alturas onde elles pairam convulsionam-se os bulcões, relampeja, chovem raios e ha mangas d'agua colossaes rompendo-se. Em compensação, porém, quando a tempestade rebenta aqui em baixo, já de ha muito raiou o sol n'esses livres horizontes, onde tudo é uma paz magnifica, um sonho feito de ouro e de azul.

Esses espiritos precursores são como as guardas avançadas de um exercito, que muitas vezes propo-

sitalmente se perdem e se imiscuem disfarçadas entre as columnas de outro exercito inimigo. Distantes dos seus embora, por essa fórma, nem por isso ellas deixam de se ter em conta de membros pertencentes a essas outras forças que hão de um dia áquelle campo chegar. Mentalmente é entre ellas que esses peregrinos têm a alma, presos pelos affectos que deixaram, e ennobrecidos pela missão que trouxeram, a qual, sem essa solidariedade mantida á distancia, se tornaria irrisoria e vã. A felicidade do homem consiste muito menos na posse terrena do que na crença por um ideal. A profundidade e a latitude da nossa vida medem-se pela grandeza e pela solidez da nossa fé.

— O reino da carne, explica Maximos uma vez a Juliano, tinha de ser absorvido pelo reino do espirito. Mas o reino do espirito não é o termo final, de mesmo modo que o não é a adolescencia no homem. *Virá o terceiro reino, o do senhor de duas faces.*

JULIANO. — E esse senhor?

MAXIMOS. — Os judens lhe dão um nome. Chamam-no o Messias e o esperam.

JULIANO. — O Messias? Nem Imperador nem Redemptor?

MAXIMOS. — Os dois n'um só, e um só nos dois.

JULIANO. — Imperador-Deus... Deus Imperador. Imperador no reino do espirito e Deus no da carne.

MAXIMOS. — Eis o terceiro reino.

Já n'uma outra occasião o thaumaturgo tinha dito :

— Ha tres reinos. O primeiro é o que foi fundado sobre a arvore da sciencia ; o segundo o que foi fundado sobre a

arvore da cruz ; o terceiro é o reino do grande mysteriô, o reino que deve ser fundado ao mesmo tempo sobre a arvore da sciencia e a arvore da cruz, porque elle as odeia e elle as ama, a essas duas arvores, e porque as origens da vida d'elle repousam no paraizo de Adão e sobre o Golgotha.

— E esse reino ha de vir ? pergunta-lhe Juliano.

— Elle está imminente. Fiz calculos sobre calculos esponde convencidamente o mago.

Pois bem : é esse senhor de duas faces que Juliano meio que aspira ser.

Por essa mesma occasião, pois que elles ahi estão invocando espiritos, altas horas da noite, purificados pelo perfume e pelo jejum, sob a chamma de uma avermelhada luz mysteriosa, Juliano pergunta a uma visão que se deixa entreperceber :

JULIANO. — Para que fui creado ?

A VISÃO. — Para servir o espirito.

JULIANO. — Qual é a minha vocação ?

A VISÃO. — Tu vens para fundar o reino.

JULIANO. — Que reino ?

A VISÃO. — O reino.

Quando Maximos, porém, falou n'esse Imperador-Deus e Deus-Imperador que havia de chegar e que Juliano perguntou : « Mas quem o virá a ser ? », Maximos lhe respondeu :

— Vil-o-ha a ser aquelle que tiver uma vontade consciente de si mesma.

Foi justamente, porém, o que sempre faltou ao imperador Juliano. Elle só sabe aspirar incomple-

tamente, porque muito incompletamente se conhece. Seus instinctos são sempre dubios : d'ahi a vacillação de seus passos. Elle é uma Aspiração, mas que não chega a representar uma Crença, como estas chammas tocadas pela ventania que de tão vacillantes nunca podem ser propriamente uma luz.

— Ah ! diz elle uma vez a Maximos, vós não podeis comprehender a nossa situação. Nós nos parecemos com estas mudas de videira que foram transplantadas para um solo estrangeiro differente. Tornem a plantar-nos em nosso solo primitivo e nós reverdeceremos ; mas n'este novo andamos quasi morrendo.

— Nós ? Nós quem ? pergunta Maximos.

— Todos nós que fomos presas um dia do terror da revelação.

— Sê um escravo presa do terror, ou o senhor do paiz do dia, da luz e do jubilo ! exclama Maximos. Imperador ou Galileu. *O que não podes querer é coisas que sejam contradictorias entre si ; e entretanto, exprobra elle, é isso o que tu queres justamente.*

Sua rebellião contra Constancio, sua aclamação como imperador, não é elle que a prepara, são os outros, são as circumstancias. Tudo, desde a sua exaltação á dignidade de Cesar, elle aceita vacillante, quasi como que a contragosto.

Assim até o ultimo dia da sua vida.

Maximos, sempre fiel nos bons dias, como na adversidade, ao vel-o expirar no campo de batalha, exclama compungido :

— Eu o ameí e o trahi. Mas depois volta ás suas palavras :

Não, não fui eu ! Elle foi trahido como Caim, trahido como Judas... Nosso deus é um deus prodigo, galileus ! Elle precisa de muitas almas !

E como que falando com alguém que divisa no espaço, continúa :

— Tu então não eras ainda d'esta vez o verdadeiro... oh ! victima da necessidade ? Que vale então a pena de viver ? Tudo é vão, tudo é vaidade.

Mas, ainda continúa :

« Oh ! meu bem amado... todos os signaes me enganaram, todos os presagios falavam-me uma linguagem dupla, e é assim que eu entrevi em ti aquelle que devia conciliar os dois reinos. »

Finalmente, porém :

« O terceiro reino ha de vir ! O espirito do homem ha de reaver a herança que lhe coube, — e então far-se-hão sacrificios expiatorios por ti, por Judas, por Caim ! »

A ultima palavra, antes de cahir por uma vez o panno, cabe a uma mulher christã, Macuna, que assiste casualmente á morte de Juliano, constrangida que fôra tyrannicamente, por este, a ficar :

— Alma humana, desviada, diz ella, *si tu foste obrigada a cahir no erro*, isso te será com certeza levado em conta no dia em que o Todo Poderoso venha sobre as nuvens julgar os mortos que vivem e os vivos que estão mortos.....

Não é a primeira vez que Judas e Caim fazem companhia ao Apostata. Elle os tem ao seu lado agora pelo nome. Mas já os teve em sua presença

uma vez. Foi ha tempos, n'aquella estranha noite das invocações.

Appareceu-lhe Caim, a quem Juliano perguntara :

JULIANO. — Qual foi tua missão na vida ?

A VOZ. — Foi meu crime.

JULIANO. — Para que cometteste esse crime ?

A VOZ. — Porque não fui eu meu irmão ?

JULIANO. — Nada de tergiversações. Porque commetteste esse crime ?

A VOZ. — Porque é que eu fui eu mesmo ?

JULIANO. — Que é que tu *quizeste*, sendo tu mesmo ?

A VOZ. — *O que me foi forçoso querer.*

JULIANO. — E porque assim foi forçoso ?

A VOZ. — Eu era eu.

JULIANO. — Porque esse signal ahi na tua frente ? Não trates de escondel-o. Que é isso ?

A VOZ. — O signal.

JULIANO. — E qual o proveito que veiu de teu crime ?

A VOZ. — O mais esplendido.

JULIANO. — Que é que chamas esplendido ?

A VOZ. — A vida.

JULIANO. — E o principio da vida ?

A VOZ. — A morte.

JULIANO. — E da morte ?

A VOZ. — Eis ahi o enigma, diz ella suspirando, e se vae.

Vem então Judas, que fala :

— Eu fui a decima-segunda roda do carro do mundo.

JULIANO. — A decima-segunda ? Pois si a quinta já passa por inutil ...

A VOZ. — Aonde o carro teria ido parar sem mim ?

JULIANO. — Aonde elle foi parar contigo ?

A VOZ. — Na gloria.

JULIANO. — Porque o impulsionaste ?

A VOZ. — Porque eu quiz.

JULIANO. — Que é que tu quizeste ?

A VOZ. — *O que me foi forçoso querer.*

JULIANO. — Quem te escolheu ?

A VOZ. — O senhor.

JULIANO. — O senhor conhecia o futuro quando te escolheu ?

A VOZ. — Sim, eis ahi o enigma.

E desaparece.

Que obra mais alta e mais humana do que esta, mais cheia de soluços e de claridades já viste algum dia ?

IX

Entre os *Pretendentes á Coróá*, primeiro drama notavel de Ibsen, e aquellas outras peças nacionalistas, de patriotismo convencional, exhibidas logo após sua estréa com *Catilina* e que lhe deram tão falso renome junto a tão proveitosas messes no que respeita á pecunia, ha uma producção de que vamos agora falar. E' a *Comedia do Amor*.

Este poema, todo elle composto em deliciosos versos, segundo dizem os criticos que o conhecem no original, é que decidiu da grandeza do poeta scandinavo. Porque? Porque foi a primeira de suas obras que o poz em sério conflicto com o publico. Esses productos de convenção immediatamente anteriores á *Comedia do Amor*, tão flaccidamente applaudidos, tão camarariamente aceitos,

faziam-no desconfiar de seu genio. A *Comedia do Amor*, trazendo-lhe a guerra, pôl-o n'uma verdadeira radiação. Dá-se assim com as salamandras ; a imbecilidade as joga ao fogo, ignorando ser justamente entre as chammas que ellas se vivificam.

Uma satyra implacavel ao casamento, é o que é a *Comedia do Amor*, desde o principio até o fim. O Souvarine, de E. Zola, mettido a escrever, não poderia produzir catilinaria mais radical, voltando suas vistas para este assumpto.

Estamos n'uma casa de hospedagem no campo, não muito distante de Christiania. Ha varios rapazes, estudantes, guarda-livros, etc., hospedados ahi. A proprietaria da casa tem filhas e parentas em bom ponto para tomarem marido. E possui raras qualidades de mulher casamenteira, esta M^{ma} Halm. A' hora em que começa a comedia, ella annuncia que, já lhe tem sahido de casa sete sobrinhas muito maritalmente acompanhadas, com maridos arranjados ali, entre os seus proprios hospedès. Não tarda muito, eis as duas unicas filhas que ella tem e a ultima das suas sobrinhas exhibindo se noivas por sua vez de pessoal igualmente arranjado, portas a dentro, entre os hospedes da casa.

Mas é curioso. Emquanto não se compromettem estes moços para o *grande passo*, são moços, — folgazões, poetas, idealistas, *vivem*, sentem-se capazes de tudo, acham todas as empresas risógnas e faceis. Este, que faz versos e escripturação

mercantil, não julga uma coisa incompatível com a outra; nem a escripturação o bestifica, nem a poesia fal-o perder a cabeça entre as nuvens. Aquelle, que estuda theologia, emquanto vence a aridez dos cartapacios latinos, vive a sonhar com as glorias do futuro. fazendo bellos projectos de dedicação espiritual, elle que se destina á vida de missionario em longinquas e barbaras paragens.

Mal se dá o famoso contracto de nupcias, é uma incrível transfiguração. Tudo n'elles começa a ser um respeito idiota a quanta convenção social exista, por mais irrisoria que seja; cada um d'elles é todo medo a attritos com o mundo, a incompatibilidades com o meio em que vivem, é todo, não só prudencia, mas covardia ao projectar o seu plano de vida, agora que este tem de ser feito a dois, forçosamente partilhado por aquelle *outrem* que começa a se confundir com o seu proprio *eu*.

E que não seja assim! Ahi vem as interminaveis e nauseantes *commérages*, as intervenções officiosas dos innumerados amigos e parentes, com especialidade das parentas e das amigas, todos muito interessados, muito desvelados, muito sollicitos, mas principalmente muito afflictivos, muito idiotas, muito ridiculos. D'ahi *mal-entendus* imprevistos, equívocos impagaveis, scenas perfeitamente ineditas, tudo rolando afinal para o desfructavel, para o prosaico, para o abjecto.

E d'este modo é tudo uma reduccão inevitavel,

inexoravel, — quem era moço fica pelo menos sem idade, porque fica sem característica, quem era homem se reduz a um automato. E é tudo um estúpido sophismar da existência, em que systematicamente se anniquila o que quer que haja de propriamente natural na alma, em que se desvitalisa, se mumifica tudo quanto trazia seiva, vigor e encanto. Uma sociedade de irrisorios espectros é o que então constitue essa irmandade conhecida como a instituição do casamento, — um impeço, talvez hoje o mais formidavel, que se levanta contra a civilisação, e, si não contra esta, conforme a entendam, pelo menos contra as leis da Natureza, no que ellas respeitam á Especie.

Symbolizando esse estado deploravel-a que a velha instituição arrasta as gerações do nosso tempo, ha n'esta comedia um casal *sui-generis*, representado pelo pastor Straamand, mais sua muito respeitavel e pesada consorte, e em torno d'elles doze adoraveis filhinhos, fazendo uma tal multidão de creanças que bastariam aquellas para constituir a população infantil de um arraial. Parecem dois grandes patos somnolentos, vadios, cercados de uma immensa ninhada de alvos e pipilantes patinhos.

Houve um tempo, no entanto, em que as coisas não eram assim. O pastor Straamand fôra poeta em sua mocidade, — poeta, musico e pintor, fizera os mais brilhantes estudos de theologia, tivera os mais bellos triumphos na tribuna sagrada, a gol-

pes, como se costuma dizer, de eloquencia. Ella, filha de um rico negociante, graciosa e amavel, tomara-se de paixão violenta pelo joven cura, hypnotisada por tanto merito, a tal ponto que os dois produziram um pequenino romance com a historiad'estes seus amores, não um romance escripto, mas um romance vivido, porque não foi sem luta que chegaram a realisar casamento, e não foi sem vicissitudes que puderam subsistir nos primeiros annos de vida matrimonial.

Hoje o pastor Stramand fez-se o typo da sensatez, da sisudez, da gravidade, é conservador, não quer ouvir falar n'esses seus tempos de poesia e heroismo, sendo o primeiro a condemnal-os. M^{me} Straamand, essa, chegou a esquecer-se. litteralmente, de todo o seu passado. Vieram vindo os filhos, todo anno um, todo anno um, foi crescendo a ninhada, e agora esta é que constitue o seu inteiro universo, para o qual ella vive exclusivamente, muito sollicita e muito cheia de somno ao mesmo tempo. Vivem ella e o pastor. Nunca estes dois se afastam um do outro, nem os filhos se afastam d'elles. Fazem d'esta fórma um quadro symbolico na existencia, tão repousados, tão invariaveis nas respectivas posições, que já parece ser aquelle agrupamento um quadro a oleo, uma representação muito moral, muito de commover, mas, apezar de tudo, com uma pontinha de ridiculo que se não póde esconder. N'elles o que havia de propriamente humano desapareceu. Estão aquellas

creaturas reduzidas a duas machinas de produzir e vigiar creanças

Felizmente apparecem dois personagens incomparaveis, os eleitos do poeta, que vêm para salvar o alto Principio, assim tristemente sacrificado por essa multidão de entes fragmentarios-e nullos. Falk e Svanhild chamam-se elles. Falk quer dizer no idioma de Ibsen *falcão*, ave resoluta e bravia; Svanhild é o nome guerreiro e intemerato de uma Walkyria na mythologia scandinava.

Emquanto se entretecem ali n'aquella casa de hospedagem essas multiplas, banaes e tediosas intrigas sobre namoros e casamentos, vive Falk a poetar desassombradamente, a sorrir, trazendo todo aquelle mundo n'uma doubadoura, a evidenciar os ridiculos de cada um, ou então voltado para a Natureza, heroicamente a sonhar. Não, elle não é o inimigo, antes é o sacerdote do Amor; mas do Amor na Liberdade, que é sómente quando existe amor. O que elle aborrece é o convencionalismo e a escravisação, é todo esse systema organizado para automatizar o homem, tendo por ideal uma humanidade idiota. Elle e Svanhild.

Apenas, Svanhild é um pouco mais radical ainda. Quando Falk lhe fala de seus sonhos, de seus ideaes, mas que ainda não passam de simples theorias para seu uso, nas horas vagas, ella lhe diz :

— Vós não sois tal o falcão em cuja conta vos tendes. Aos meus olhos representaes apenas uma pandorga (*cerf-*

volant), cujo corpo, feito de papel, lhe é accessorio em comparação com o fio (*la ficelle*), de que mais essencialmente as pandorgas dependem. Um papagaio de papel cheio de sentenças poeticas, escriptas com letras de ouro, e de epigrammas, que fendem os ares sem attingir quem quer que seja; papagaio cuja cauda desmedida é um poema satyrico destinado a flagellar os vicios humanos, e que sobe produzindo apenas um imperceptivel murmurio. Tal me pareceis, Falk, quando, sem forças, me supplicaes: « Ah! leve-me para as atmospheras etherisadas, fazei os meus canticos subir bem alto! » Não, é preciso que eu vos fale com franqueza, já estou muito crescida para tomar parte n'esses brincos. Pois como é que vós, tendo nascido para fazer uma obra, ficaes satisfeito com uma arrancada de azas até as nuvens, e quereis deixar dependente vossa vida de um fio que eu tenha nas mãos e possa dirigir ao meu bel prazer? Não, é mister que voeis com vossas proprias azas, tenham ellas de quebrar ou falsear por fim. A poesia do papel, não tem duvida, encontramol-a na escrevaninha, mas a poesia viva, essa, só na vida se acha, e só ella nos póde levar até os pincaros. Escolhei agora o que mais vos convem.

D'este modo, enquanto Falk é o heróe theorico, ella é a verdadeira heroína da vida vivida. Não quer que uma opposição se limite a palavras, antes quer agir para que só por este meio conheçam o seu pensamento.

Quando Falk se incompatibilisa com todos, e se dispõe a partir para ir procurar incompatibilidades além, combatendo pelo seu ideal, ali então ella se move para acompanhal-o, resoluta.

— Não, diz ella, si na verdade fazeis guerra á mentira, eu estarei ao vosso lado como um escudeiro.

— E' preciso, Falk confirma, procurar a multidão. Acabou-se o pacto de solidão que eu estabelecera com o céu ! Acabou-se a minha vida de poeta isolado n'um gabinete. Minha poesia vae irradiar de hoje em diante em plena luz, minha luta vae ser dirigida contra tudo o que existe. Ou eu ou a mentira, um de nós succumbirá.

— N'esse caso, bemdito sejas, oh ! poeta da acção ! Confesso agora que me enganei, que não vos tinha entendido. Vós sois um homem de coração ; quero dizer, tendes coragem. Perdoae-me e nos separemos sem rancor.

— Não, exclama elle, no meu barco, que navega para o porvir, ha lugar para dois. Não nos separemos, Svanhild. Mostraremos ao universo que o amor possui uma força sobre humana, capaz de o elevar muito acima d'essa lama de todos os dias e de fazel-o brilhar em toda a sua magnificencia.

Foi uma tempestade de clamores por toda aquella pequena Noruega, quando appareceu *A Comedia do Amor*. Accusaram o poeta de anarchista, de inimigo da familia, de creatura degenerada.

Fóra do puritanismo das raças do Norte, no entanto, esta peça não póde causar nenhum escandalo. Será apenas antipathica para as platéas communs. Antipathica e principalmente fastidiosa, tanto mais faltando-lhe, como n'esta traducção franceza de que utilisio, o prestigio do verso, que lhe daria outro encanto, desde que o reproduzissem com o raro lavor do original, coisa, aliás, excessivamente difficil. Uma traducção assim é quasi que uma nova creação.

Porque o que se discute n'esta *A Comedia do Amor* é principalmente a esthetica do casamento

e a sua influencia sobre a autonomia humana. Souvarine tem de se revestir na puritana Noruega d'esta feição de theorista transcendental e a sua obra precisa ser assim uma especie de anarchismo sob uma fórmula candida, preraphaelista, quasi archangelica, para se tornar viavel o bastante a produzir os devidos effeitos. Nenhuma palavra menos casta, nenhum dos aspectos escabrosos sem numero que offerece a questão. São estes aliás a linguagem e os processos de Ibsen em todas as suas obras, sem excepção, o que o singularisa sôbremaneira em nossos tempos, como escriptor. E' curioso, falando-se d'*A Comedia do Amor*, lembrarmo-nos, por exemplo, d'*A Sonata de Kreutzer*, de Tolstoi. O contraste resalta immediatamente em nossa imaginação. Ante as angustias inferiores, mas tão humanas, em que a obra do grande russo deixa o leitor, tratando exactamente do mesmo assumpto nas poucas paginas d'aquella sua perigosa novella, este estado d'alma em que se fica depois da leitura d'*A Comedia de Amor*, quasi que se nos afigura delicioso.

Apenas, aprofundae uma e outra d'essas obras. A do atormentado slavo é cheia de pontos falsos, desde a sua base central, — a idéa de que o dever da Especie é guardar uma castidade absoluta, pois que a felicidade para ella só póde estar na sua não — existencia, no seu anniquilamento total. A do scandinavo é completamente irreductivel: quanto mais n'ella se medite, mais convencido

se fica de que cedo ou tarde uma modificação se ha de operar nos costumes humanos com respeito a essa questão do Amor.

O desfecho d'A *Comedia do Amor*, além d'isso, parece voltar-se contra o proprio autor, negar a supremacia d'esses ideaes revolucionarios exhibidos na peça, e pelos quaes tão claramente se nos afigurou ver optar o poeta que a compoz.

Falk e Svanhild acabam por separar-se, antes mesmo de partirem. Ha hospedado n'aquella casa de campo um negociante intelligente e rico, que se toma de seria affeição por Svanhild, antes de saber d'estes amores heroicos entre ella e o poeta. Conhecendo-os, não se desconcerta. Apenas, pede uma séria conferencia aos dois reunidos, e ahi lhes fala, servindo-se de argumentos tão inclementes, tão imprevistos para os dois, mas tão sérios, tão certos, tão irrespondiveis, que os sonhadores resolvem separar-se sem mais tardança, para que a vida não venha com as suas miserias macular-lhes e destruir-lhes aquellas horas sem par do mais sagrado dos idyllios que elles puderam conseguir na vida. Svanhild resolve casar-se com o negociante, e Falk parte para o mundo com os olhos rasos de lagrimas, mas a alma cheia de cantos sublimes, como o rouxinol que gorgéia melhor depois de cego.

Mas, como quer que seja, a reacção contra Ibsen produzida pelos effeitos d'A *Comedia do*

Amor foi de uma intensidade que talvez elle não tivesse podido prever.

Depois d'ella, só lhe deixaram produzir mais uma peça, naturalmente composta debaixo de toda essa tempestade que lhe desabava á cabeça. Foi o drama *Pretendentes á Coróá*, de que já nos occupamos atraz.

Graças, talvez, a essa tormenta, nos *Pretendentes á Coróá* ha aquella concepção missionistica da vida, com que Ibsen já se reveste de uma certa grandeza.

A estes factos reuniram-se outros de ordem politica, e o poeta teve de deixar sua patria, n'um exilio que se diz voluntario porque lhe não foi imposto propriamente por lei. Antes, é preciso dizer-se, foi com recursos obtidos de fontes officiaes que elle poude emprehender essa viagem.

Veu para o sul de Europa, amargurado e desdenhoso do mundo. Residiu principalmente em Roma, onde vivia no mais rigoroso isolamento. No café a que habitualmente apparecia pelas sete horas da tarde, conservou-se sempre um estranho, sentando-se sósinho á sua mesa. Alguns allemães o saudavam, mãs elle não falava a ninguem.

De resto, para Ibsen a solidão constituiu-se um principio.

« O homem mais forte, diz algures um dos seus personagens, é aquelle que fica so. »

Como, porém, diz Rod :

Este isolamento não significa uma deserção. Ibsen não cogita de renunciar a exercer uma acção sobre a sociedade. Mas, apaixonadamente individualista como o são tão frequentemente os homens do Norte, elle julga poder exercer esta acção por meio da influencia da sua personalidade. Com effeito, suas obras lhe parece serem armas bastantes : elle abstem-se de tomar uma parte directa na agitação que o interessa, não escreve em jornaes, não publica brochuras, não faz discursos nem conferencias não quer tomar parte no scenario politico. »

Elle disse em uma de suas poesias :

« O tumulto me desorienta, eu não quero enxovalliar minha roupa com a lama das ruas ; quero em trages de gala immaculados esperar o dia do porvir..... »

Em Roma, ante o espectaculo grandioso da cidade eterna, sob o silencio dos seus longos dias de meditação, toda aquella magua que elle trazia fertilisou-se maravilhosamente, e o seu genio desabrochou então livre e fecundo como nunca. O proprio Ibsen em emocionantes versos que endereça á sua patria por esse tempo, lhe agradece tel-o feito soffrer, ter-lhe dado, a elle poeta, uma dôr que o veiu salvar, dignificando sua vida.

Foi isto por 1865 N'esse tempo as questões religiosas eram da ordem do dia, « particularmente na Allemanha, onde constituam ellas as principaes preoccupações dos Strauss, dos Feuerbach. Shopenhauer por outro lado aprofundara o problema da vontade. Nos paizes scandinavos, Kierkgaard, esse Pascal da Dinamarca, tinha lançado

os espiritos n'uma perturbação profunda com diferentes publicações, entre outras esse *Um e outro* (*Enten eller*), livro extraordinario por cujo cahos passam estranhos relampagos, em que se abordam e se discutem mil questões moraes, sociaes, religiosas e estheticas. » (1) Ibsen então lançou-se á corrente. Foi quando trouxe, de volta, *Brand*, *Peer Gynte Imperador e Galileu*.

X

A guerra produziu este resultado, diametralmente contrario ao que os inimigos de Ibsen, por certo, esperavam. Mas si, em vez de aniquilar, ella desabrochou maravilhosamente o seu genio, deu-lhe em todo caso uma outra direcção.

Esses dramas formidaveis que elle compõe, harmonisam-no comsigo mesmo, fazem-no ter um encontro definido e demorado com o pensador que existia latente, mas o divorciam radicalmente do grosso publico, de que, não havia muito, elle era o tão aceito, tão idolatrado poeta.

Porque na factura de *Brand*, de *Peer Gynt*, de *Imperador e Galileu*, houve por um lado as mais sérias, as mais fundas preocupações philosophicas, por outro quasi nenhuma preocupação d'essas que se chamam theatraes. *Imperador e Galileu* é

(1) A. Ehrhard. Obra já citada.

dividido em duas partes, das quaes cada uma tem cinco actos. Duram dois dias as representações que na Allemanha se têm tentado d'esta obra. Mas mesmo na terra germanica uma platéa não se póde constituir exclusivamente de pensadores, que sejam archeologos e historiographos a um tempo. Ora, só estes poderão acompanhar sem longas impaciencias, sem inevitaveis e grandes bocejos o intrincado, o vagaroso desenvolvimento que vae tendo a peça. *Peer Gynt* e *Brand* são menos volumosas, mas nem por isso podem deixar de produzir fastio exhibidos no tablado. Este vem de uma concepção muito grave, muito tragica, dô destino humano, mas muito theorica, muito nephelibata, como nós outros e os portuguezes diriamos. Aquelle gira em torno de uma ironia muito philosophica, muito transcendental, mas que por isso mesmo a turba do nosso tempo jamais poderia apprehender.

Ibsen vivera procurando instinctivamente uma solução de continuidade entre a sua obra e os fauceis applausos do espectador. Essa solução trouxe-a *A Comedia do Amor*, mas de um modo tão rude, feito de tanta colera inconfessavel, de ha muito latente, á espera apenas do momento opportuno, que o lançou no extremo de um antojo absoluto pelo vulgo mundano. D'ahi o querer incompatibilisar-se assim para uma vez com esse monstro.

Além d'isso, a esses que o acoimavam de immoral, de anarchisador, de imponderado, de futil, elle quiz, de certo, mostrar com essa trilogia truculenta

até onde ia a profundidade, a gravidade e a extensão do seu pensamento.

D'esse ponto de vista, o exito que obtiveram taes livros não podia ser maior. Conta Georges Brandès, o grande critico scandinavo, que o povo se precipitava nas livrarias, quando *Brand* appareceu á venda, como costuma affluir a uma igreja para ouvir um novo prégador que traga grande fama de longe. Sobre *Peer Gynt* sobre *Imperador e Galileu*, não faltaram os mais largos e intelligentes commentarios. Junto a isso, o melhor successo de livraria, tambem. São terras aquellas de uma cultura intensa, e cheias de calor, de gravidade d'alma. Homens como Ibsen, como Bjornson, fazem-se órgãos legitimamente representativos ahi, porque as funcções intellectuaes que exercem são reconhecidas, são devidamente interpretadas. Comprehende-se : trata-se de organismos sociaes antigos, vindos de uma longa evolução, pequenos embora como sejam e sujeitos a inexoraveis reduções, impostas pela inclemencia climaterica das regiões que habitam.

Mas, afinal, Ibsen não era caracteristicamente um philosopho para que pudesse dar-se por satisfeito lá na sua vaidade de autor com o juizo do critico competente. Ibsen, como poeta, precisava de um circulo maior de onde lhe viessem applausos conscientes e calorosos. O poeta quer ser como o sol : este tanto se retrata n'um oceano, ou n'um Amazonas, como n'um humilde borbulho d'agua

que afflúa de sob a pata de uma gazella em terreno facilmente alagadiço. Cada alma que reflecta a imagem d'elle accorde com o poder do foco receptor de que disponha. Mas elle quer ser para os outros homens como o aroma é para homens como o aroma é para a atmosphera: o aroma se diffunde por toda parte, sem predilecções nem repugnancias estreitas, fazendo-se assim uma especie de alma risonha e sympathica do ar. O poeta vem para ser a alma das almas communs, a representação de cada uma d'ellas que viva n'um estado latente, que não possa reconhecer-se, evidenciar-se por si ante si propria.

Bem póde ser que a obra de Ibsen tenha obedecido aos seus instinctos de artista, que ella seja, quasi toda, resultante, nos seus grandes traços, de impulsos involuntarios a que elle se entregue sem os querer sujeitar a uma analyse rigorosa e fria. No artista o instincto é que principalmente merece fé.

Mas, quer fosse por instincto, quer por meditação, acurada e consciente, após a producção da trilogia chamada philosophica, Ibsen modificou os seus processos. O poeta quiz voltar de novo ao tablado, vir falar mais de perto aos homens, e em claro, expressivo vulgar. Faz lembrar o Zarathustra de Nietzsche, cançado de gozar de seu espirito, e de sua solidão, que desce das montanhas para se encontrar com os homens e ser homem ainda uma vez.

Duas novas producções lhe sahem, uma após

outra, da penna. Primeiro *A União da Mocidade*; *Os Apoios da Sociedade* depois.

Os typos principaes d'*A União da Mocidade* já não são propriamente novos. Um faz lembrar Peer Gynt, outro o bailio que encontramos em *Brand*, o proprio *Brand* ainda um terceiro.

Mas o que ha de interessante n'*A União da Mocidade* é ver as disposições de espirito com que desce da montanha este Henrik Ibsen. Elle está então com seus quarenta e dois annos de idade. Vem fazer as pazes com o seu publico. Mas sabeis o que é esta comedia, que elle traz como seu ramo de oliveira? E' uma satyra implacavel a todo o mundo politico do seu paiz, perfeitamente em correspondencia com *A Comedia do Amor*, cada uma d'ellas collocada no seu devido terreno. Elle não faz differença entre este nem aquelles, ri de toda essa mascarada de partidos. Estes são liberaes, aquelles revolucionarios, emquanto não chegam á Camara ou não são nomeados ministros. Uma vez satisfeita a ambição pessoal, elles têm a opinião necessaria para se sustentarem no momento. Ibsen cita uma frase de Napoleão : Os ambiguos são a lenha de que se fazem os homens politicos ».

Em uma carta escripta por esse tempo, o poeta completa o pensamento que aqui motiva este seu desdem pelos homens do systema representativo: « Tudo isto de que hoje vivemos, diz elle, não é mais do que as migalhas cahidas do grande banquete da revolução do seculo passado, e esse ali-

mento de ha muito que o andamos remoendo... Liberdade, egualdade, fraternidade, não são mais as mesmas coisas que eram no tempo da guilhotina. Eis o que os politicos não querem comprehender, eis pelo que eu os detesto. Os homens só querem revoluções parciaes, exteriores, politicas. Mas estas não passam de bagatellas. *Do que se trata é da revolta do espirito humano* ».

Depois d'esta corajosa reincidencia, d'esta teimosia impenitente, parece que nenhuma esperança poderia mais restar aos admiradores do Ibsen d'aquelle outros tempos, quando elle era um poeta brilhante, condescendente e falso. Estava-se vendo : si elle voltava ao theatro, era por um capricho de artista, mas não que andasse mais disposto a concessões desaccordes com a seriedade da sua obra.

Pois bem : *Os Apoios da Sociedade* são um bellissimo drama, que commove até as lagrimas, mas de um desfecho convencional, providencialesco, como o d'aquellas peças a que assistia dormindo o D. João VI portuguez, razão pela qual, quando lhe acontecia accordar, perguntava invariavelmente aos aulicos si já se tinha dado o casamento, que é o que devia annunciar o fim da coisa. Deu-lhe a Ibsen para fazer por este modo pazes completas com o seu publico. A taes movimentos, tão communs nos artistas, é que os criticos gallinaceos chamam inconsequencia, falta de character, e outras coisas assim.

Dizem que *A Casa da Boneca* immediatamente posterior a *Os Apoios da Sociedade*, escapou milagrosamente de ter um desfecho providencialesco como este. Ainda por concessão ao publico, e d'esta vez tambem a uma grande actriz que interpretava o papel de Nora, Ibsen fazia os filhos d'esta intervirem na ultima scena do derradeiro acto, e por tal modo conseguirem que a mãe não abandonasse o lar. Mas emfim a tempo elle reconsiderou sua fraqueza, e deu á peça o desfecho triste que sua alma de artista exigia.

Entre *A União da Mocidade*, *Os Apoios da Sociedade* e a *Casa de Boneca* ha ligação intima, vistas estas peças por um dado aspecto. Ellas tres procedem de uma concepção realistica das coisas, vem de um homem que vive agora entre os outros homens vivamente interessado e agente, embora exercite sua acção por esta fórma indirecta da Arte. Obedecem áquellas tendencias que Ibsen já revelara n'*A Comédia do Amor*, mas de que então se havia desviado promptamente.

Hoje elle póde voltar e insistir assim. Os tempos são outros: é quando sob a influencia do chamado positivismo inglez, justamente com a de uns *soi-disant* hegelianos materialistas, se espalham por toda a Europa os principios do naturalismo.

Mas entre o processo adoptado na confecção das duas peças primeiras e no da *Casa de Boneca* ha uma grande differença, como observa o intelligente Auguste Ehrhard, a quem tantas vezes eu tenho

recorrido em varios pontos d'este meu trabalho. Tanto *A União da Mocidade* como a outra são de complicadissimos enredos ainda, pesadas, de uma tarda movimentação, megathericas, machinas de theatro antigas, vindas do romantismo, fazendo lembrar ainda o autor das apparatusas e falsas patriotagens a lata de Flandres e relampagos de lycopodium, tão productivas e tão facilmente applaudidas outr'ora.

A *Casa de Boneca* vem como uma esguia e esfu-siante torpedeira, rompendo toda essa frota de velhas galeras, muito vistosas, mas nada efficazes, de brigues elegantes, mas sem poder sufficientemente offensivo, de couraçados já formidaveis,—verdadeiras fortalezas fluctuantes,—mas embarcações de grande calado, sem poderem entrar em todos os portos, e de movimentos ainda muito magestosos para serem bastante audazes e promptos. N'esta peça, e na que se lhe segue, que são *Os Espectros*, tudo é synthese, é economia de adornos, é desprezo por encenações, por *ficelles*, de modo que tudo é vida real, é movimento, que nos absorve n'um interesse quasi angustioso, de tão intenso, até o fim.

D'aqui por diante todos os seus dramas são semelhantes a este: profundamente emocionaes, breves e decisivos. O que se chama seu repositório de idéas accumula-se até *Imperador e Galileu*. Ahi encontramos a sua idéa mais alta, o completamento do caracterisação do seu espirito. Quem não tiver lido *Imperador e Galileu* não póde saber até onde

Ibsen alcança, não tem dados sufficientes para medir a grandeza de sua obra, nem razão para ficar absorto, a ver a projecção victoriosa em que parece ir essa obra para os Tempos. Até *Brand*, Ibsen será um apóstolo; em *Imperador e Galileu* mais do que isso. Porque ahí elle parece um Precursor. Depois de o havermos lido n'essas carregadas paginas, si o soubemos ler, ficamos para sempre ouvindo, embora lá muito longe, o ruido de todo um Mundo Novo, que lentamente se approxima, como formidavel tempestade risonha. Na *Casa de Boneca*, porém, é que se começa a ver uma mordente necessidade de diffusão de sua obra, em Ibsen, uma ancia sem termo por assistir á derrocação de quanto elle combate, que é nada mais nada menos que todo este Velho Mundo, já archaisado, ja ridiculo lá na sua imaginação de homem superior, de poeta que rive subjectivamente mergulhado na contemplação d'esse Terceiro Reino que sonhou. Sente-se essa ancia em todas as paginas das numerosas outras obras que á *Casa de Boneca* se têm seguido até hoje.

Antes d'*Os Apoios da Sociedade*, tambem, os porta-vozes de Ibsen, os typos que mais participam da sua natureza, mais pedaços de sua alma, mais elle, são todos varões. D'este drama em diante, o poeta principia a encarnar-se em naturezas femininas egualmente. Como que com os annos fica mais hysterico, mais cheio de tics, mais transido d'essas angustias a que o mundo chama ficticias, e

tudo, talvez, porque fica mais fundamente sentimental.

Nas grandes peças anteriores a litteratura ibseniana contem uma galeria de mulheres das quaes algumas são tão altamente idealizadas como as de Eschylo ou as de Shakespeare.

Ha em *Peer Gynt* uma divina creatura, Solveig, que se toma de profundo amor pelo heróe da peça, typo feminino delineado com uma tal grandeza que se torna perfeitamente comparavel á Margarida, no *Fausto*. « Solveig e Margarida se parecem singularmente, diz Erhard. Quando Peer a encontra pela primeira vez, faz-nos lembrar Margarida sahindo do templo, no momento em que Fausto se approxima d'ella. Ella traz um livro de orações na mão, e caminha, de olhos baixos, ao lado de sua mãe. Peer emociona-se violentamente com esta apparição radiante e pura, e Solveig sente tambem, desde logo, uma viva inclinação por elle. Como Margarida, Solveig tem uma irmãsinha que ama com todas as véras, e que lhe custa deixar para ir com Peer Gynt habitar no fundo da floresta. Assim como Margarida salva Fausto das mãos das divindades infernaes, Solveig estende o manto do seu amor sobre Peer, agonisante e o arranca ao espirito das trevas. Ambos os poetas têm uma analoga concepção do papel da mulher. »

Vimos em *Brand* a passagem peregrina de Ignez pela Terra, lembrando a de uma grande e serena estrella lacrimosa pelo Céu. Ignez é de uma gran-

deza inexcedível, é o Affecto n'um duello gigantesco de sacrificio com a Intelligencia, duello em que ella vive cheia de angustias e cheia de delicias. E n'esse duello ella succumbe, mas triumphalmente, com o sorriso de uma felicidade suprema, porque póde ir descansar sem ter baqueado uma vez, ganhando com a morte essa ampliação que acaba no ennevoadado das coisas indeterminaveis,—das nebulosas e dos grandes sonhos vago. Diante da grandeza d'ella reduz-se a do vulto de Brand. Ella parece a sombra branca d'este Apostolo, seu querido esposo, mas não como quando o sol está no zenith, que a sombra se nos anda escondendo sob as plantas, reduzida e tremula,—antes maior do que elle, tallhada n'uma ampliação generosa, como uma esbelta palmeira secular diante de um egypcio monolitho sombrio.

Tambem no *Imperador e Galileu* passa de perfil um outro vulto de mulher, Macrina, igualmente incommensuravel nas suas grandes linhas, symbolizando a Piedade, a Resignação, a branca Fé, que traz n'uma quasi celeste beatitude aquella alma.

Esses são typos de belleza. Tambem os ha de suprema fealdade, de acabada perversidade. Aquella mãe de Brand, por exemplo, irmã gêmea de Harpagão; Helena, mulher de Juliano, de uma subtilidade, de uma habilidade extrema no mal.

Mas quer umas quer outras são typos classicos, representativos do elemento feminino por uma fórma generica, no que n'elle existe de mais defi-

nitivo, mais independente da occasionalidade e do meio. Até ahi, pois, são typos estes completativos na obra de Ibsen, como a mulher é naturalmente completativa na vida, não, porém, typos centraes, typos directamente dirigentes.

D'Os *Apoios da Sociedade* por diante é que o poeta as modifica na funcção que lhes é normal, as utiliza para o representarem como seus porta-estandarte, as faz de suas Joannas d'Arc, resolutas.

Já com aquella Svanhild n'A *Comedia do Amor* elle tentou dar esse passo intrepido. Mas Svanhild por fim fraqueja ainda ante a fraqueza de Falk, não tem confiança bastante na Vida, julga impossivel fazermos aqui na Terra do Ideal um permanente Real. No fundo é que ella não tem confiança em si, é que ainda é uma creatura de ensaio, ainda um esboço, inapta assim para uma completa representação.

Lona Hessel, d'Os *Apoios da Sociedade*, é o primeiro typo acabado d'estas suas novas mulheres. Uma brava e nobre rapariga, em toda a linha. Ella começa por esbofetear cavallieirescamente, em pleno dia, o noivo deshonesto, porque este a abandona, casando-se com outra por uma simples questão de vil interesse. Partê depois para os Estados-Unidos, onde acha um meio proprio ao seu desenvolvimento. Como o irmão, a quem ella acompanha, adocce de uma molestia que se prolonga lastimavelmente, ficando assim, em paiz estranho, impossibilitado de ganhar o pão, ella

vae cantar nos cafés, faz conferencias humoristicas, escreve livros jocosos, para garantir a sua e a subsistencia do enfermo. Mas, sobre isto, Lona Hessel é uma intrepido devotada á causa da verdade, da liberdade e da caridade, que ella toma por seu programma na vida. Quando esta sympathica virago volta á Noruega, de cabello cortado rente, mettida em botas masculinas, e cahe como uma vespa dourada e bravia em certo fornigueiro de uns tartufos que se intitulam irrisoriamente *Os Apoios da Sociedade*, é como si fosse um raio que de repente estalasse n'aquella casa por um claro, por um traquillo dia de sol.

Ha outra Lona Hessel em Nora da *Casa de Boneca*, porém inteiramente desconhecida, até quasi o fim. Não lhe dão tempo de pensar, de encontrar-se comsigo mesma, de ter uma vida interior, afinal de contas não lhe dão tempo de ser. Na casa paterna ella é uma boneca querida, completamente irresponsavel e inconsciente. Casando-se, é uma boneca que cresceu, que dá á luz outras bonecristas agora, mas com a qual nem o marido nem ninguem n'este mundo julga dever falar nunca de coisas verdadeiramente sérias e graves. Por affecto de esposa, ella commette um dia certa leviandade de ponto de vista juridico e por miseraveis intrigas de terceiro o marido vem a ter um conhecimento incompleto e desfigurativo do facto. Como lhe contam, parece-lhe a elle que á vista d'essa leviandade (a que, no entanto, se abalançara Nora para

lhe salvar a vida,—coisa que só mais tarde elle vem a saber,—) elle estava com a sua honra de negociante compromettida para sempre. Exprobra então á pobre creaturasinha com a vehemencia que só mereceria um criminoso consciente e vezeiro. Ahi é que Nora accorda do seu grande somno na vida, quer começar a existir, e por isso principia por abandonar marido e filhos para na solidão poder se encontrar com a sua propria alma.

N'Os *Espectros*, a emocionante M^{me} Alving tambem participa d'essas naturexas de mulher tocadas de certa masculinisação. Tambem ella, no principio da sua vida matrimonial tão silenciosa, tão passiva ante as brutalidades de um esposo crápula, indigno, assume por fim, depois de tanta exitação, os seus direitos de ser destinado a pensar, destinado a agir n'uma atmosphaera de liberdade e consciencia, de ser entusiasta por um ideal.

XI

Parece, no entanto, haver contradicção entre certas de suas ultimas idéas e esta febre de propaganda, de divulgação, si não de vulgarisação, que se apodera de Ibsen do meio de sua maturidade por diante.

O « poeta da vontade » com que deparamos n'Os *Pretendentes á Coróa*, em *Peer Gynt*, em *Brand* já não o é propriamente pela mesma fôrma n'Os *Espectros* *A Casa* nem de *Boneca*.

Ibsen nos diz claramente no *Imperador e Galileu* o que elle comprehende por vontade. Para ellé « ter vontade é ser obrigado a querer » « A liberdade na necessidade, » eis o que o poeta annuncia em resumo. Caim e Judas obedeceram a um destino, foram constrangidos a ser elles mesmos, a encarnar o grande mal indispensavel para o grande bem. Por isso hão de merecer um dia a justificação da humanidade.

Já em *Brand* esta confiança na vontade vem la-deada do certas preocupações, que tendem a restringil-a muito mais do que superficialmente parece.

Gerd, áquella rapariga doida, com que por fim se perde o apostolo nas criptas que levavam á Igreja de Gelo, é o producto para ali atirado de um filho do paiz com certa mulher bohemia a quem elle acompanhara para sempre. Esta rapariga viera em um d'esses innumeraveis bandos em que anda a raça subdividida, a cumprir o seu duro destino de noma'le desde tempos immemoriaes. O que havia porém, de singular n'esta historia é que o pae de Gerd se lançara áquella estranha aventura em um momento de desorientação, produzida pela recusa de correspondencia aos seus affectos da parte da mãe de Brand, então joven e formosa donzella. O avô do apostolo era um rico negociante na localidade, e por isso a filha desdenhava os pretendentes sem fortuna e sem posição, como este.

Mas, antes d'aquelle ultimo encontro, Brand já

tivera duas outras entrevistas casuaes com Gerd. Da primeira, a rapariga deixa em seu espirito o germen da resolução que elle toma d'ahi a pouco de ficar no paiz, movido definitivamente por outras circumstancias que occorrem. Da segunda é Gerd com uma chuva de pungentes e loucas ironias quem vem ajudar os elementos a persuadirem o pobre pae de que elle não deve sahir, quando era isso indispensavel, no entanto, para a salvação do pequenino Alf, seu unico filho. Então Brand, que tinha conhecimento dos factos decorridos outr'ora, exclama :

— Ah ! que rêde de expiações ! Milhares de destinos se entrelaçam em inextricaveis nós. Na confusão do mal e das suas consequencias, as culpas se communicam de um ser para outro ser, de tal modo que não se pôde mais, distinguir o que é justo da mais flagrante injustiça : dir-se-hã que tudo não faz mais do que uma unica coisa só. Meu pobre filho, cordeiro sem mancha ! foste a victima expiatoria da culpa de minha mãe. A alma cega que, tendo sido portadora de uma ordem d'Aquella que paira sobre as nuvens, determinou minha resolução, existe hoje só porque a alma de minha mãe desgarrou do bom caminho..... »

Pois bem, muito mais tarde, n'Os *Espectros*, M^{me} Alving diz uma vez :

— estou em crer que nós somos todos um phantasmas. Não é sómente o sangue de nosso pae e de nossa mãe que corre em nossas veias, é ainda uma especie de idéa destruida, de crença morta, com todas as suas consequencias. Estas coisas não vivem, mas nem por isso deixam de lá estar no fundo, e jamais conseguiremos ver-nos livres

d'ellas. Eu pego ás vezes n'um jornal e ponho-me a ler: só vejo phantasmas pollulando nas entrelinhas. Parece que todo este paiz é povoado de espectros, que os há tão innumeraveis como os grãos de areia que tem o mar.

Esta fala de M^{me} Alving representa o pião em torno do qual gira todo aquelle drama pungente. Do funesto casamento nascera um filho que os cuidados maternos afastaram desde logo para longe, afim de evitar as consequencias dos miserandos espectaculos a que teria elle de assistir inevitavelmente junto da companhia do pae. Pois, ainda assim, decorridos muitos annos após a morte d'aquelle, quando o rapaz volta um dia para o lar, a pobre mãe verifica, na maior desolação de alma possivel de conceber-se, que o seu Oswaldo não é sómente o retrato physico do infeliz que foi seu progenitor, como principalmente o seu retrato moral. As mesmas tendencias para o deboche, e uma invencivel, angustiosa necessidade de alcool. Em balde *pretende elle querer* outra coisa: afinal suas acções propriamente ditas são unicamente determinadas por aquella *contade forçosa*.

Na *Casa de Boneca*, tambem, ha um personagem, o Doutor Rank, que passa a vida inteira a lastimar-se de ser um grilheta da hereditariedade, um sacco apenas de males physicos que os abusivos prazeres de seus antecedentes haviam depositado na cellula mater de que elle irradiou.

São influencias de leituras recentes, em Ibsen. Mas vê-se que essas idéas modernas, encontrando-

se em caminho com as intuições do poeta já outr'ora reveladas, como que o deixam perplexo, dolorosamente interdito, enevoando caliginoso o immenso horizonte dos seus ideaes. Já não ha um simples entrever aqui, ainda amenisado pela sombra do incognoscivel, pela secreta e consoladora esperança de que estejamos elaborando n'um erro. E' a evidencia com que se nos impõem as noções de cunho scientifico, aliás tantas vezes mais falsas do que uma simples intuição empirica.

E, n'este caso, esta necessidade de propagação que parece indicada pela fórmula synthetica e violenta das suas ultimas obras, em vez de obedecer a um pensamento de salvação mais immediata, mais prompta, antes, acaso, inspirar-se ha n'uma idéa, si não satanica; pelo menos convencidamente, boamente nihilista ?

XII

E ainda ha mais.

Depois d'Os *Espectros*, já se devem, pelo menos que eu conheça, sete novos outros dramas a Ibsen: *Um Inimigo do Povo*, *O Pato Bravo*, *Rosmersholm*, *A Mulher do mar*, *Solness*, *Hedda Gabler*, *O Pequeno Eyolf*, finalmente *João Gabriel Borkman*, do qual no principio summariamente falei.

Pois bem: em nenhum d'esses dramas a não ser o sympathico e intemerato vulto de Petra, a filha

de Stockman, n'*Um Inimigo do Povo*, deparamos com outro d'estes novos typos femininos de Ibsen que se po-sa comparar com o de Lona Hessel n'aquella inteireza e n'aquella sanidade espirital que a animam e lhe resplandecem á fronte.

Já M^{me} Alving, n'*Os Espectros*, é um typo incompleto, apesar de seus claros e ridentes ideaes por uma existencia muito mais dignamente terrena, baseada no prazer de viver,—a *joie de vivre* dos francezes, — por uma vida cuja atmosphaera offerecesse outra liberdade, em que houvesse outra sinceridade no nosso modo de ser. De nada lhevallem suas theorjas, quando assim tardiamente ella começa a accordar para a vida. O seu passado de submissão, de lagrimas, de extraordinarios abalos, de desillusões sem termo, influencia irremediavel em toda a sua existencia, dando-lhe uma visão doentia das coisas, que lhe vem perturbar todos os seus planos heroicos. Ella só tem meias audacias, insufficiente para e-tabelecerem a felicidade em redor de si

Nora, oppostamente, quando desperta, é por uma fórma tão convulsiva, tão brusca, tão sem transições, tão immediatamente radical, que nos fica o coração tremendo por ella quando n'este ponto, desce imprevisito e atropellado o panno.

As heroínas ibsenianas d'aqui por diante vão ficando em geral mais convulsivas ainda.

Ellida, n'*A mulher do Mar*, é uma enferma de secreta doença, vive completamente estranha no

meio em que as circumstancias da sua vida a conduzem, mergulhada n'uma scisma infinita. Ella é extremamente nervosa, frequentada de allucinações. Atormenta-a, na extremidade do *fjord* em que vem residir depois de casada, uma incuravel nostalgia pelo mar, a cujas margens nascera. O pae de Ellida fôra um pharoleiro.

Cercada no seu lar de tantos objectos que estão pedindo, uns o seu cuidado, outros o seu cuidado e o seu affecto, ella deixa uma das enteadas, que vem encontrar na casa de seu marido, continuar na direcção de tudo, sem mesmo se aperceber que leva uma vida de hospede no seu proprio lar.

« Si tivesse de sahir, ella propria é quem o diz, não teria uma chave a entregar, uma recommendação siquer a fazer ».

Em quem Ellida pensa com frequencia, aliás sem querer, é n'um estrangeiro de quem fôra noiva outr'ora. Um homem do mar, com quem ella se encontrara ha tempos, tomara esse compromisso, e a quem nunca mais tornara a ver. Apenas, de vez em quando, elle escrevia de onde estava, — sempre um ponto extremamente distante do outro de que datara a carta anterior, e que fica invariavelmente ao menos á margem do mar; mesmo depois de casada, ella continuou a receber de longe essas estranhas missivas, não ignorando, no entanto, o Estrangeiro que ella havia por esta fórma rompido o compromisso. Até

que um dia elle apparece, ella pretende acompanhá-lo, mas, como o marido por fim lhe dá a liberdade de escolher, ella resolve ficar, *porque lhe foi então permittida uma escolha.*

Rebecca West, de *Rosmersholm*, é um espirito perigoso na sua decisiva superioridade, é um abysmo cheio de encantos, uma creatura aparentemente adorável e que traz, no entanto, um inferno em si, que a põe dentro em pouco convulsa e tudo quanto lhe está de redor. Tendo entrado em *Rosmersholm* na qualidade de dama de companhia de M^{me} Rosmer, se apodera do espirito do marido d'esta senhora, é verdade que tambem levada por uma sincera, uma violenta paixão, convence a pobre dama por meios habillissimos de que entre ella e Rosmer se haviam estabelecido relações as mais compromettedoras, e leva d'este modo a nobre e triste creatura ao suicidio, para ficar completamente livre no velho solar que dá o nome a este pungentissimo drama.

Hedda Gabler, muito mais do que Rebecca West, representa um typo feminino estranho, de rara perversão intellectual.

Rebecca é arrastada, a principio inconscientemente, pela força do amor. E este se apodera de seu coração provindo de uma nobre convivencia espiritual, que se estabelece entre ella e Rosmer, de cuja alma arrebatada sua alma selvagem e sonhadora é tão irmã. Apenas, em Rebecca ha uma extraordinaria energia moral, que falta quasi

por completo em Rosmer. De modo que n'essa união platonica que entre os dois se estabelece, o espirito dirigente é o d'ella, que vem levantar d'este modo um coração incapaz de se erguer por si só, á altura da atmospherá para que trazia capacidade.

M^{me} Rosmer, ao contrario, nunca se pudera combinar espiritualmente com o seu marido ; os gostos de ambos sempre foram muito diversos entre si.

De modo que, perante a natureza, não havia nenhuma violencia, nenhum crime n'esta união que ora as circumstancias estabeleciam. A culpa indiscutivel de Rebecca começa quando, por um sentimento, aliás tão commum ás mulheres, ella, em vez de occultar os factos a M^{me} Rosmer, fal-a chegar ao conhecimento d'elles, e ainda por uma fórma inteiramente exaggerada. Mas por fim até d'esta culpa se redime, recusando casar-se com o viuvo, após a morte de M^{me} Rosmer, porque se julga incompatibilisada com essa felicidade, visto os meios de que se utilisara para a tornar socialmente possivel. Entre si e Rosmer ella vê de per-meio o cadaver da sua victima. Até que os dois têm o mesmo destino tragico d'esta creatura, por fim. Suicidam-se abraçados, lançando-se no mesmo precipicio onde fôra receber a morte aquella outra infeliz.

Emquanto que Hedda Gabbler não é movida por um bom, grande e sincero sentimento jamais.

Toma para marido um pobre moço advogado,

ingenuo e bonanchão, porque ella já está com seus vinte e nove annos, tem gasto o seu tempo n'uma desenfreada vida mundana de salões e villegiaturas, cercada de adoradores, sem ter, no entanto, apanhado até então, siquer, um pretendente *comme il faut* para isso de casamento. Este, Hedda imagina que lhe poderá continuar a dar uma vida de representação pelo menos igual á que ella tinha em solteira, como filha unica de um general, que lhe deixa estes habitos de luxo, porém, absolutamente nenhuma fortuna para os sustentar.

Mas nem siquer um interesse sympathico ha na sua alma por aquelle pobre rapaz. A viagem de nupcias que os dois realisam é para ella um verdadeiro supplicio. Laborioso compilador, mas intelligencia mediocre, sem originalidade alguma, Tesman, seu marido, faz d'essa viagem uma viagem de estudo. Passa seus dias nas bibliothecas, reunindo documentos « para uma historia da industria domestica do Brabante na Edade Media. » Hedda não se lastima de que Jorge Tesman a tenha assim abandonado pela sua mania de traça de bibliotheca, mas de haver passado tanto tempo sósinha com elle, fóra de seus queridos salões.

Hedda só vê no bom, no recto Tesman um fan-toche, um pedante ridiculo. Despreza-o, alem d'isso, porque elle procede de uma mo-le-ta familia, enquanto que o pae d'ella era um general Recusa-se a toda intimidade com duas velhas tias de Jorge,

que o rapaz adora, e quizera ver todos os dias em sua casa. Hedda Gabler foge a tal ponto de uma convivencia verdadeiramente matrimonial com seu marido que até se recusa a lhe confessar, por muito tempo, que elle se acha habilitado a ser pae. De si para si, mesmo, esta perspectiva só a enfurece. Ella não se julga com vocação para ser mãe. E' com uma especie de terror que conta os mezes e vê se approximar o termo fatal.

Uma de suas raras distracções, depois que volta da tal viagem, é conversar com certo solteirão gamenho, velho *conqueror* de mulheres alheias, que se diz grande amigo de Jorge e se installa com a maior intimidade no novo lar, muito cheio de obsequios, de bons officios, com o calculo perverso de ali fazer um *ménage* a tres dentro em pouco.

Mas n'isto chega, de volta de prolongada viagem, um rapaz que n'outros tempos privara nas mais estreitas relações com ella: Eylert Løvborg, joven escriptor de grandes esperanças.

Ao talento d'este moço ligam-se algumas pessimas qualidades moraes. Løvborg é de uma audacia perigosa de pensamentos, cheio do mais extravagantes paradoxos, que em seus labios, no entanto, se tornam seductores. Fôra elle um dos que haviam concorrido principalmente, n'essa convivencia de outros tempos, ainda na casa paterna, para depravar o espirito de Hedda, a tal ponto que um dia ella se vira obrigada a ameaçal-o de revólver em punho, porque o doido rapaz tivera o

atreuimento de tentar pôr em pratica o que expunha nas suas theorias, graças ás condescendencias dos instinctos perversos com que ella havia nascido.

Agora elle está regenerado tendo vivido sob a influencia benefica de uma outra mulher. Acaba de publicar um livro sobre a marcha da civilisação que produziu um grande successo. Mas este livro elle já o desdenha. Lança-o em publico exclusivamente para preparar terreno a um outro, que considera sua grande obra. Conta com elle revolucionar o mundo. Ainda foi sob a inspiração d'aquella mulher que conseguiu escrever esta obra, livre da vida de vicios de outr'ora, que elle hoje recordava com horror.

Essa mulher, M^{me} Théa Elvsted, fôra n'outros tempos companheira de pensionato de Hedda. Ella vem com Lœvborg áquella terra e se encontra com a sua antiga relação. Hedda toma-se de um ciume mortal contra aquella creatura. Não póde comprehender que uma imbecil, como ella considera a outra, possa influir por tal modo no espirito de um homem superior, e consiga viver com elle n'uma harmonia tão perfeita, tão invejavel. Não é que Hedda tenha amor a Lœvborg. Ella sempre achou esse sentimento simplesmente ridiculo. O ciume lhe vem unicamente do seu orgulho. O que ella quer é subtrahir Lœvborg ao imperio de Théa, como si jogasse uma partida n'um salão.

Trata de inspirar vexame, vergonha ao rapaz

pela vida virtuosa que leva agora, encarando-a, em intima conversa com elle, por seu aspecto burguez e ridiculo. Uma vez, que elle se recusa a beber, Hedda sorri ironicamente, e pergunta si Lœvborg não vê que o mundo sente n'essa recusa simplesmente a covardia de um individuo que não confia em si, que se sente incapaz de governar-se. Trata de persuadil-o de que elle era irresistivel n'outros tempos, quando não tinha estas prosaicas preoccupações de escravo da sociedade, quando era livre e intrepido nas suas acções. Obriga-o a beber. Lœvborg, fascinado, cede uma vez, e se perde para sempre

Embria-se a tal ponto que extravia o manuscrito da sua grande obra, deixando-o cahir, á noite, insensivelmente, na rua. Esta perda põenono mais completo desespero. E é em tal situação que elle vae procurar Hedda Gabler. Esta, em vez de acalmal-o, ainda mais o irrita. Lœvborg acha que nada mais tem a fazer n'este mundo. Hedda concorda e lhe offerece um revólver. N'isto o louco se despede, vae ter á casa de uma rapariga onde passara a noite. Elle está persuadido de que foi ali que deixou o seu manuscrito. Pede a restituição d'este, alterca, produz um escandalo, e quando vem a policia, elle em ultimo desespero desfeca um tiro sobre o ventre com a mesma arma que lhe fornecera Hedda.

Fôra o marido d'esta, no entanto, que achara o manuscrito. Tinha querido entregal-o immedia-

tamente ao autor, mas a mulher se havia opposto, se apoderara dos papeis, que sem piedade em seguida rompera.

Afinal, recebe a noticia do suicidio de Lœvborg. Um remorso repentino a assalta. Além d'isso, descobre-se que o revólver com que o rapaz se suicidara pertencia a ella, tendo uma marca particular, muito facil de distinguir. Hedda, intellectualmente tão depravada, sempre tivera um verdadeiro terror ao escandalo publico. De modo que a perspectiva de ver-se chamada aos tribunaes e ser envolvida de qualquer fórma no processo contra a rapariga em cuja casa se suicidara Lœvborg, acaba de pô-la n'um extremo desespero. Ella se suicida tambem, enquanto Jorge Tesman, na sua funcção de trabalhador de consciencia, está tentando, auxiliado por Théa, ligar os fragmentos dos manuscritos que Hedda rompera. Assim, é possível, apesar de toda esta tragedia, que o mundo venha ainda um dia a possuir o thesouro cuja destruição a perversidade d'aquella mulher pretendia realisar.

Nem por esta Hedda Gabler, no entanto, mostra-se movido de antipathia o velho Ibsen. Pelo contrario, n'esta peça, a que ella dá o nome, de que ella é o eixo, Hedda parece ser quem merece todo o seu interesse, até um pouco o seu amor, por fórma secreta, mysteriosa.

Mas, si aqui essa fraternisação do velho poeta com taes creaturas diabolicas ainda pôde soffrer duvida, em *Solness* ella é inconteste, é clarissima.

A Hilda Wangel d'ahi é uma irmã espiritual d'estas outras, de Hedda, de Rebecca, de Ellida. Ella tambem traz á frente um ideal, e na alma, secretamente, uma necessidade de destruição. Não descança de sua obra enquanto não leva Solness, o velho constructor, a precipitar-se de uma alta torre, tomado de vertigem, quando está estendendo o braço para apanhar uma corôa de louros, collocada lá na cuspide da torre. Sob este constructor mal se disfarça o proprio Ibsen. O poeta, no entanto, não occulta a attracção irresistivel que sente por esta creatura ao mesmo tempo diabolica e sublime.

Mas não são sómente as mulheres. Tambem os homens que o personificam mais ou menos vão ficando de cada vez mais nevrotados, mais cheios de ancia.

Ainda relativamente é uma placida creatura aquelle Dr. Stockman, o heróe n'*Um Inimigo do Povo*, que o povo injuria e apedreja, por fim, só porque elle denuncia um mal de terriveis consequencias para a população, mas que convinha calar por interesses occasionaes, principalmente os de meia duzia de individuos influentes no espirito da povoação. Este Dr. Stockman é um outro Brand, mas attenuado, tornado muito menos solemne, pela differença das condições em que o autor o colloca.

Os outros, aquelle Gregorio Werlé, por exemplo, n'*O Pato Bravo*, que em vão quer levantar as almas, por onde anda, dar-lhes um ideal, um

sonho, ou aquelle Ulrik Brandel, em *Rosmersholm*, ou Jhonston, o Estrangeiro, na *Mulher do Mar*, ou Solness, o constructor, na peça cujo titulo é o seu nome, ou finalmente aquelle João Gabriel Borkman, todos têm uns ares estranhos, de somnambulos, e alguma coisa de duros, de inexoraveis, d'esta inexorabilidade a que a miseria como que dá direito, e, seja como fôr, impõe á alma melhor e mais branda.

XIII

Entretanto, contradictoriamente na apparencia, aquellas estreitas preoccupações fatalistas relativas a essa questão de hereditariedade, de atavismo, que amarguram o Ibsen da *Casa de Boneca*, d'*Os Espectros*, vão se esbatendo e cedendo logar ás intuições que lhe foram anteriores, provindas de sua crença em uma equidade universal. Desde *O Pato Bravo* que lhe vamos acompanhando os olhos em peça por peça, das que se lhe seguem, e o vamos vendo de cada vez mais attento ás relações mysteriosas das coisas entre si, ás causas e ás consequencias, inevitaveis, de confranger, de arrancar lagrimas tantas vezes, mas ao mesmo tempo falando-nos de um rythmo sublime.

O Pequeno Eyolf, então, parece todo elle feito de um sonho, parece escripto por um medium que

estivesse todo ouvidos ás vozes de Além, e ao serviço de forças estranhas que lhe guiassem o braço, a sorrir e a soluçar em torno a si. E' a commovente historia de uma creança que os pais nunca souberam conquistar. O menino segue um dia verdadeiramente hypnotizado, uma mulher estranha que lhes apparece em casa, a « Apanha Ratos » (« La Femme aux Rats », em francez), até precipitar-se no rio, onde ella se mette, tomando uma embarcação.

A mãe do pequeno Eyolf vivia inteiramente presa de cega paixão febril pelo marido. Este, preoccupadissimo com seus sonhos de homem intellectual e sopitando a curto uma inclinação criminosa por uma boa creatura que elle julgava ser sua semi-irmã — (filha de seu pae), engano que se averigua só muito tarde, porque ahi já elle não póde desprender-se d'estes outros braços que o detêm convulsos.

Quando o pae do pequeno Eyolf sente um dia a falta em que se acha para com aquella creança e resolve-se a dedicar d'ahi por diante toda a sua vida a ella, sua mulher toma-se de tão absurdo ciume que chega a desejar mentalmente o desaparecimento do filho.

E é d'ahi a pouco que a desgraça os fere, deixando-os, quer um quer outro, mergulhados no mais profundo remorso.

XIV

Uma vez que falavam ao poeta sobre aquelle lance tragico de *Solness*, em que o constructor se precipita do alto da torre, tomado de uma vertigem, por culpa de Hilda, que não descangara emquanto não o fizera subir tão alto, Ibsen respondeu :

« Morram todos os *Solness*, contanto que Hilda fique e continue na sua missão, até que encontre o homem forte capaz de resistir á vertigem. »

Eis n'estas poucas palavras toda a explicação das suas ultimas obras. Elle é o mesmo crente e o mesmo idealista de sempre, mas essa crença em si fica mais amarga e travorosa, ante a persuasão que a vida lhe traz de que o mais insignificante passo evolutivo custa ao Homem, como á Natureza em geral, um sacrificio tão espantoso, tão absurdo, que é incapaz de o calcular antecipadamente o pensador de intuições mais pessimistas que possa apparecer na Terra. E ao mesmo tempo o vagar com que tudo se move é aos seus olhos um phenomeno tão proximo da estagnação, si não tão identico, que o poeta desespera, faz-se convulso e appella então para estes mensageiros do mal, estes operarios de sapa, de destruição, a ver si elles com a repulsa que inspiram accordam esta Humanidade somnolenta e a fazem dar dois passos decisivos para a frente, afinal.

E', porém, esta amarga feição de carrasco sublime, de duro amigo dos homens, que o quer ser

por processos violentos até o absurdo, mas porque assim elles o fizeram, de tanto o desilludirem, de tanto o angustiarem, é este seu modo tão particular de ser que mais o destaca, mais o torna sympathico, n'esta hora de morna apathia, n'esta epoca lesmatica, visguenta, mesquinha, que estamos, em agonia, atravessando.

Quando os grandes centros da civilisação annullam-se sob a influencia de um materialismo pequenino e covarde, futilizam-se, tornam-se ridiculas Bysancios, meticulosas e myopes, faz bem olhar para este vulto, que divisamos ao longe, no extremo norte europeu, quasi como que de pé sobre o polo, a vizinhar com os astros, solitario. amargo, mas sonhador e bom. Elle se nos a figura um pharol gigantesco que através das nevoas caliginosas da noite, e sob o uivo de uma tormenta ainda longinqua, consegue projectar sobre o mundo inteiro um raio de sua luz guiadora.

Assim esbatida pela distancia e pelos obstaculos, essa luz tem a côr amargurada dos eclipses, confunde-se com a agonia de um crepusculo nocturno. Mas quando o mundo atravessa uma hora de naufrago, quando a vida inteira no Planeta é uma tragica incerteza, um mal contido soluço, o ridente é profano, o estardalhante é impediioso, é absurdo, só o que é compassivo, mas grave, pôde ser fraterno e leal.

1900.

FIM.

INDICE

<i>Os Desplantados</i> , de Maurice Barrès	7
<i>O Cyrano de Bergerac</i> , de Edmond Rostand.	87
H. Ibsen	137



H. GARNIER, EDITOR, RIO DE JANEIRO

Alvarenga Peixoto (Iza, José de). <i>Obras poeticas</i> 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br.	2\$000
Casimiro de Abreu (J. M.). <i>Obras completas</i> . 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br.	2\$000
Castro Alves. <i>Obras poeticas</i> . 2 vol. in-8°.	
Francisco de S. Carlos (Frei). <i>A Assumpção</i> poema. 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br.	2\$000
Gonçalves Dias. <i>Obras poeticas</i> . 2 vol. in-8° enc. 6\$000, br.	3\$000
Gonzaga Poema. 1 vol. in-8° enc.	2\$000
Gonzaga (Th. Ant.). <i>Mardia de Durcu</i> . 2 vol. in-8° enc.	6\$000
Guimarães (Bernardo). <i>Obras poeticas</i> . 3 vol. in-8° enc. 10\$000, br.	7\$000
Guimarães Junior (Luiz). <i>Corymbos</i> . 1 vol. in-4° br.	3\$000
— <i>Fuigranas</i> . 1 vol. in-8° encad. 3\$000, br.	2\$000
Junqueira Freire. <i>Obras poeticas</i> . 2 vol. in-8° enc. 6\$000, br.	4\$000
Laurindo Rabello. <i>Obras poeticas</i> . 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br.	2\$000
Machado de Assis. <i>Obras poeticas</i> . 2 vol. in-8° enc. 10\$000, br.	6\$000
Macedo (D. J. M. de). <i>A Nubística</i> . poema. 1 vol. in-4°	2\$000
Magalhães de Aragonya. <i>Op. 1-6</i> . 6 vols. obras 3 vol. in-4°	2\$000
Mello Moraes Filho. <i>Obras poeticas</i> . 2 vol. in-8° enc. 12\$000, br.	7\$000
Santa Rita Durão (c. José). <i>Caramuru</i> . 1 vol. in-8° encad. 3\$000, br.	2\$000
Silva Alvarenga (M. J. de). <i>Obras poeticas</i> . 2 vol. in-8° enc. 6\$000, br.	4\$000

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).